



EDUCAÇÃO INCLUSIVA E O USO DAS TECNOLOGIAS ASSISTIVAS: **DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA PRÁTICA DO DOCENTE.**

.....

UNIDADE I – Educação Infantil: a primeira infância em foco

Organizadores

Prof. Me. Josenilson Neves Ferreira
Prof.ª MA. Wendla Mendes Silva Borges

ISBN nº 978-65-89410-21-8

 EDITORA
LABORO



Expediente Faculdade Laboro

DIRETORA GERAL

Sueli Rosina Tonial Pistelli

DIRETORA EXECUTIVA

Luciana Protazio Dias Araujo

COORDENADORA ACADÊMICA

Emmanueli Iracema Farah

REVISÃO E EDIÇÃO

Bruna Rafaella Almeida da Costa

DIAGRAMAÇÃO

Pedro Henrique Macedo de Araujo

COMISSÃO EDITORIAL

Profa. Dra. Sueli Rosina Tonial Pistelli – Faculdade Laboro

Prof.ª M.ª Emanuelli Iracema Farah

Profa. Luciana Protazio Dias Araujo

Profa. Ma. Bruna Rafaella Almeida da Costa – Faculdade Laboro

COMITÊ CIENTÍFICO

Prof.^a M.^a Priscila de Sousa Barbosa Castelo Branco

Prof.^a M^a Emanuelli Iracema Farah

Prof. Me. Josenilson Neves Ferreira

Prof.^a M^aWendla Mendes Silva Borges

Prof.^a M^a Leurides Costa de Araújo Soares

Prof.^a M^a Lorena Kelly Silva Almeida

Prof. Me. Nivaldo Germano

Prof.^a M^a Lívia Mariana Costa

Prof.^a Dr.^a Andréa Dias Reis

Prof.^a M^a Maria Eliana Alves Guimarães Dutra

Prof.^a M^a. Shirley Ribeiro Carvalho.

Prof. Dr. Carlos André Bogéa Pereira

Prof.^a M^a. Leonor Viana De Oliveira Ribeiro

Prof.^a Dr.^a Waleria de Jesus Barbosa Soares.

DOCENTES:

Prof.^a Esp.^a Daniele Amorim

Prof.^a. Esp.^a Joselina Almeida Diniz Cardoso

Prof. Me. Josenilson Neves Ferreira

Prof.^a M.^a Shirley Ribeiro Carvalho

Prof.^a. Esp.^a Luce Malba Campos Rodrigues

Prof.^a. M^a. Lívia Mariana Costa

Prof.^a M^a. Wendla Mendes Silva Borges

Prof.^a M^a. Priscila De Sousa Barbosa Castelo Branco

Prof.^a Janaina Dos Santos Pereira

Prof.^a M^a. Leonor Viana De Oliveira Ribeiro

Prof.^a Dr^a. Sueli Tonial Pistelli

Prof.^a. Dr^a. Andréa Dias Reis

Prof.^a Dr^a. Isabelle Christine Vieira Da Silva Martins

Prof.^a Esp^a. Maria Eliana Alves Lima

Prof.^a Dr^a. Waléria De Jesus Barbosa Soares

DISCENTES:

Mariana de Jesus Dutra
Érica Silva Pires
Maurianne Kelly silva e Silva de Hungria
Isabelly Cristina da Conceição Silva
Josiane Dos Reis Coelho
Euliany Costa Albuquerque
Gleiciane De Sousa Vieira
Francineia Pires
Mickaelly Dantas
Kerlenn Pricila
Waleria Thays
Beatriz Silva Machado
Janety Cleide Mendes Ferreira
Edna Maria Correa Dos Santos
Claudeneide Silva Soeiro
Jaciane Ferreira Louzeiro
Larissa Garcia Da Silva
Maria Lívia Santiago De Sousa Germano
Laurielly Ferreira Pinheiro
Gracilene Lima De Oliveira Pereira
Iris Natalia Silva Carvalho

Carla Bianca Araujo Costa Barros
Josiane Serra De Sousa
Karianne Vitória Lima Cantanhede
Larissa Cristina Barroso Ferreira
Marcella Castro Sousa
Marlene De Jesus Mendes Araujo
David Moraes
Levy Cálide Dos Santos Pereira
Gesiane Pereira Rego
Swenne Michelle Pinheiro Costa Leite
Thainara Ribeiro Costa
Michely Das Mercês Siqueira Rodrigues
Fernanda De Jesus Dutra
Cristiane Costa Da Silva Cantanhede
Fabyola Alves Trindade
Francisca Dos Santos Vieira
Gabriel Pontes Da Conceição
Ingrid Pinheiro Ferreira
Luana Paixão Pereira
Rayssa De Moura Mota
Sabrina Nascimento Figueredo

EDUCAÇÃO INCLUSIVA E O USO DAS TECNOLOGIAS ASSISTIVAS:

DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA PRÁTICA DO DOCENTE

Unidade I

Direção Acadêmica - Faculdade Laboro/MA
Av. Castelo Branco, Nº 605 - São Francisco, CEP: 65076-090

São Luís- MA
Telefone: (098) 3216 9900

F383e Ferreira, Josenilson Neves

Educação inclusiva e o uso das tecnologias assistivas: desafios e possibilidades da prática do docente. / Josenilson Neves Ferreira, Wendla Mendes Silva Borges (Orgs.). – São Luís: Laboro, 2023.

120 f. – (Unidade 1 Educação infantil: a primeira infância em foco)

ISBN 978-65-89410-21-8

1. Educação inclusiva 2. Prática docente 3. Educação infantil – Recursos lúdicos 4. Tecnologia assistivas I. Título

CDU 376:371.133

Índice para catálogo sistemático:

1. Educação inclusiva 376
2. Prática docente 371.133

Arielle Priscila Silva Soares – Bibliotecária – CRB 13/811

Sumário

Introdução	8
A INFLUÊNCIA DO BRINCAR NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA CRIANÇA.....	6
LÚDICO E EDUCAÇÃO INFANTIL.....	20
METÓDO MONTESSORI NO 1º ANO DO FUNDAMENTAL.....	21
APRENDER MATEMÁTICA BRINCANDO: desafios para a educação infantil com criança de 3 anos.....	33
A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: contribuições para o desenvolvimento da linguagem da criança de primeira infância.....	46
ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL COM O USO DOS RECURSOS LÚDICOS.....	57
CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	71
O LÚDICO E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL: contribuições para o processo de aprendizagem.....	88
INCLUSÃO DE UM ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DE CASO.....	98
ROTINA PEDAGÓGICA: Uma ferramenta estratégica para o desenvolvimento infantil.....	103
Desafios da Aprendizagem Inclusiva: Trabalhando os sentimentos e a família silábica da letra M com os alunos com autismo (TEA).....	119

JORNADA CIENTÍFICA DE PEDAGOGIA

EDUCAÇÃO INCLUSIVA E O USO DAS TECNOLOGIAS ASSISTIVAS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA PRÁTICA DO DOCENTE.

APRESENTAÇÃO

A educação na perspectiva inclusiva é uma tendência que visa respeitar as diversidades existentes nos diferentes espaços de nossa sociedade, como também visa promover uma educação igualitária, acessível e que esteja em consonância com as demandas dos diferentes grupos como os indivíduos e pessoas com variados tipos de deficiência, seja auditiva, visual, intelectual, entre outras. Mas para que a inclusão nesta perspectiva seja uma realidade e que aconteça de formas significativa e com qualidade, precisamos discutir, alçar avanços teóricos, e principalmente concretizar tais perspectivas.

A educação inclusiva se designa como aquela que proporciona ao sujeito com outras características o ensino, minimizando e até sanando prejuízos em seu desempenho, e esta prerrogativa está respaldada na Lei Brasileira de Inclusão, na qual se encontra tais direitos não só no tocante a educação, mas em outros setores da sociedade.

A Faculdade Laboro estende este compromisso e socializa com o meio acadêmico por meio dos trabalhos apresentados na Jornada Científica de Pedagogia, os trabalhos acadêmicos e os relatos das práticas educativas que tem por objetivo evidenciar as práxis inclusivas e exitosas desenvolvidas pelos alunos e professores do Curso de Pedagogia.

Objetivo da Jornada Científica de Pedagogia foi, portanto, compartilhar conhecimentos na área de Educação Inclusiva contextualizada através das tecnologias digitais que dialogam com a formação e as práticas pedagógicas profissionais de diversos níveis e modalidades de ensino, abrangendo a discussão de políticas públicas para a área da educação especial.

Esperamos que esta publicação contribua com as reflexões e as práticas dos estudantes, professores e comunidade que se interessam pelos temas apresentados. É urgente pensar a educação especial na perspectiva da inclusão com suporte tecnológicos e os seus diversos eixos transversais.

Unidade I – Educação Infantil: a primeira infância em foco



A INFLUÊNCIA DO BRINCAR NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA CRIANÇA

¹MARIA DE JESUS BARBOSA SILVA MELO

²JOSENILSON NEVES FERREIRA

RESUMO

A família é o primeiro vínculo social no qual o indivíduo tem contato. É a família quem se insere a criança no meio social onde há pessoas que não fazem parte do seu ciclo familiar, na maioria das vezes esse segundo contato acontece no ambiente escolar. tendo em vista que família e a escola são responsáveis por garantir o desenvolvimento do infantil é necessário buscar formas que promova o aprendizado. No contexto pedagógico é importante encontrar meios que facilite o aprendizado e proporcione interação social das crianças, desta forma o brincar surge como proposta facilitadora para o desenvolvimento infantil, pois brincadeiras, brinquedos e jogos estão presentes na vida do indivíduo desde seus primeiros meses. Inserir o lúdico no ambiente escolar tende a tornar o meio confortável, pois o brincar é uma atividade comum e natural da criança. Jogos e brincadeiras são capazes de contribuir positivamente para o desenvolvimento das funções cognitivas e motoras, proporcionar socialização, estimular a criatividade, e conceder a oportunidade para a criação de soluções.

Palavras-chave: Brincar. Aprendizagem. Criança.

¹Pedagogia, Faculdade Laboro, 2022.

²Docente da Faculdade Laboro, curso de Pedagogia.

1. INTRODUÇÃO

Desde o nascimento o ser humano utiliza o corpo como instrumento de comunicação através de gestos, sabe-se que o primeiro contato social da criança é a família, o segundo contato social que o indivíduo tem em sua maioria é na escola. Ao ter contato com pessoas que não fazem parte do familiar a criança usa o corpo para comunicar-se, assim consegue demonstrar sentimentos e compartilhar momentos de atividade, dessa forma o brincar entra como uma ação que desencadeia o desejo de explorar o meio na qual ela está inserida. (LIMA; SILVA, 2020)

No passado Grécia e Roma os jogos ganharam um sentido lúdico. Platão defendia o “aprender brincando”, pois vai de contramão ao uso de violência e punição. Por outro lado Aristóteles propôs que os jogos propostos às crianças imitassem as atividades desenvolvidas pelos adultos, desta forma estariam sendo preparadas para a vida adulta. No entanto, nessa época, ainda não havia sido levantado a questão de usar os jogos e brincadeiras como recurso auxiliar para o ensino. (RODRIGUEZ, 2020).

O Cristianismo adotou uma outra imagem para os jogos, passaram a considerar imoral, profanos e inúteis, a sociedade cristã estabeleceu uma educação baseada em disciplina, memorização e obediência. No entanto com a chegada da época do Renascimento, novas ideias pedagógicas surgiram, os jogos foram inseridos na rotina dos jovens como uma atividade natural e não só por diversão. Foi no Renascimento que surgiram os jogos educativos voltados para o desenvolvimento humano. (RODRIGUEZ, 2020).

Através das brincadeiras é possível notar uma simbólica representação de aspectos associados ao convívio social, simulando atividades e ações do dia-a-dia,. Vale ressaltar que as atividades do cotidiano, costumes e simples ações não surgiram do acaso e são reflexo de toda uma influência(FARIAS; WIGGER; FRITAS, 2019).

No jogo, as crianças vivenciam experiências raras na vida, como enfrentar a complexidade do mundo. Com toda a sua curiosidade, com tudo o que sabe e pode fazer, desperta a noção daquilo que sabe, não sabe e quer saber, ela confronta o mundo com toda a sua emoção, novidade e encanto. Brincar significa abrir um ambiente prazeroso no mundo. TONUCCI (2020) diz que O ambiente do brincar “inclui amigos, itens, regras, espaço para ocupar, tempo para administrar, riscos para correr e ter total liberdade porque você não pode fazer isso, você pode inventar”.(TONUCCI, 2020).

Desta forma levantou-se o seguinte questionamento: De que forma o brincar influencia na aprendizagem da criança?

O presente artigo tem como objetivo de identificar de que forma o brincar influencia na aprendizagem da criança no meio escolar.

Trata-se de um estudo de revisão sistemática de literaturas científicas, de texto dissertativo expositivo, pesquisa de natureza básica, realizada através de busca de artigos nas bases de dados Google Acadêmico e Scielo, Lei do congresso nacional, Revistas de artigos científicos, utilizou-se como palavras chave para busca dos arquivos: desempenho escolar, família x escola, pais e alunos. No total foram analisados 21 arquivos e inseridas informações de 10 fontes bibliográficas. Toda a coleta de artigos foi realizada entre os meses de Setembro

de 2022 e Novembro de 2022.

2. A CRIANÇA E O BRINCAR

Nos primeiros estudos realizados com abordagem sobre a ação de praticar jogos e desenvolvimento do lúdico, comprovam que não são atividades recentes e que já eram praticadas desde a pré-história, onde vivenciavam em sua rotina tarefas como caça, pesca, dança, luta, o que ao contrário do que muitos imaginam não se restringia somente para sobrevivência. (RODRIGUEZ, 2020).

Sobral(2019), nos diz que RCNEI(1998) estabelece:

A criança, “como todo ser humano, é um sujeito social e histórico que faz parte de uma organização familiar que está inserida numa sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico” (RCNEI, 1998, p.21 apud SOBRAL, 2019).

Conforme o argumento citado acima, toda criança é sujeito social e histórico, desta forma a criança faz parte da construção de sua identidade social. De acordo com Sobral(2019): “Inserida na sociedade, ela interage com o meio – pessoas, objetos, animais, elementos do ambiente – e não só é moldada por ele, mas também o modifica”.

Segundo Gusso e Schuartz (2005 apud SOBRAL, 2019):

O desenvolvimento da criança é resultado da interação de uma aprendizagem natural, mas paralelamente estimulada, que ocorre por meio da experiência adquirida no ambiente e com a própria capacidade inata da criança. (SOBRAL, 2019).

O brincar é considerado por Piaget e Vygotsky, como apanágio fundamental para o desenvolvimento infantil. Vygotsky, em toda sua obra abordou sobre a infância e seus vários aspectos, e destacou sobre a função do brincar, e suas contribuições para estruturar o funcionamento motor e psíquico da criança. (SOBRAL, 2019).

Para Piaget, a existência do mundo é diferente para a criança, a percepção de mundo existente só é possível para o infantil a medida que é possível jogar com ele, proporcionando para a criança a possibilidade de obter prazer e harmonia através dos objetos. (RODRIGUEZ, 2020).

Segundo Rodrigues (2020):

O jogo seria, então, a forma de interação por excelência da criança com seu entorno; sem ele, não havendo, inclusive, condições suficientes para que esta interação ocorra. No jogo, a criança se encontra num clima lúdico, dentro do qual a realidade tem conteúdo e simbologia próprios. Sua importância é muito grande, porque a criança

constrói seu próprio mundo através dessas atividades. (RODRIGUEZ, 2020).

É através do brincar que a criança experimenta interação entre espontaneidade e criatividade, é a partir desse momento que há progresso na aceitação de regras sociais e morais. É no ato de brincar que o infantil começa a ter afirmações sobre si a medida que cria vínculos afetivos, desta forma o indivíduo se humaniza. Brincar é uma ação espontânea, que se soma a estímulos relacionados ao desenvolvimento de fantasia e imaginação. A brincadeira estimula o desenvolvimento afetivo, cognitivo, motor, social e moral. (FONSECA; SILVA E LEITE, 2021).

No livro O brincar em Vygotsky: educação infantil, Souza et al(2022), afirma:

O brincar também proporciona que as crianças venham a desenvolver o ato de solucionar problemas, contribuindo para esse processo a partir de três elementos: a aquisição de nova informação, sua transformação ou reciclagem e avaliação.

Tal argumento afirma que o ato de brincar proporciona à criança habilidades que ajudará em seu desenvolvimento, estimulará a pensar, analisar e gerar soluções.

3. JOGOS, BRINCADEIRA E BRINQUEDO

No contexto histórico os jogos eram vistos como algo inútil, que não servia para nada além de diversão, foi a partir do romantismo que o jogo começou a ser considerado como algo sério, e importante para o desenvolvimento da criança. Globalmente falando não há uma definição correta que explique o significado do que é jogo, em cada lugar a sociedade constrói sua concepção de jogo e dependendo de seus valores e cultura, seu modo de vida a forma de pensar, e a maneira como expressa a sua linguagem no contexto social é que ditarão o que é jogo. (RODRIGUEZ, 2020).

É importante enfatizar que para criança o jogo é uma ação que se desenvolve entre o meio e a criança com o intuito de satisfazer suas vontades e causar prazer naquilo que se está fazendo. (RODRIGUEZ, 2020).

Culturalmente os jogos podem ser vistos de formas diferentes, a exemplo temos que em uma tribo uma criança indígena que usa um arco e flecha para caçar considera o jogo de habilidades e estratégia como um preparo profissional do qual depende da sua existência, por outro lado o arco e flecha pode ser considerado hobby, um jogo para estabelecer ou desenvolver habilidades motora. (RODRIGUEZ, 2020).

O brinquedo se apresenta como objeto facilitado para o desenvolvimento das atividades lúdicas, causando curiosidade, despertando imaginação e possibilitando invenção. É assim que as crianças começam a ver cabo de vassouras como cavalos, onde pedaços de panos se transformam em capas de super-heróis ou vestidos de princesas, terra e pedrinhas se tornam comidas, cadeiras ou simplesmente sentar-se no chão torna-se um ônibus. (RODRIGUEZ,

2020).

As crianças se tornam em pais, professores, monstros, que personagens de desenho animado. Através dos jogos e brincadeiras é possível despertar e exercitar inteligência evolução dos pensamentos funções mentais e motoras. (RODRIGUEZ, 2020).

De acordo com Sobral (2019):

O biólogo suíço Jean Piaget dedicou grande parte dos seus esforços para explicar a estrutura do conhecimento e o desenvolvimento cognitivo dos seres humanos. Em suas obras, Piaget levou em consideração o papel da brincadeira nesses processos.

De acordo com Giacometti et al. (2013, SOBRAL, 2019), “Um dos estudos mais importantes sobre o jogo infantil está na obra de Piaget em ‘Formação do símbolo na criança’. Nesta obra, Piaget traça relações entre o jogo e o desenvolvimento intelectual infantil”. (SOBRAL, 2019).

Piaget afirma que o jogo começa a partir de um comportamento reflexo, da imitação, e é construído a partir dos processos de assimilação funcional, e se paramenta pelo simples fato de realizar uma atividade prazerosa. Dessa forma o jogo é entendido como um exercício. (SOUZA et al, 2022).

Segundo Negrine (1995 apud SOBRAL, 2018), Vygotsky considera que:

“O jogo é o meio básico do desenvolvimento cultural das crianças” e, ainda, versa sobre a íntima relação entre os processos de aprendizagem e desenvolvimento (maturação), onde “o processo de maturação prepara e possibilita um determinado processo de aprendizagem, enquanto que o processo de aprendizagem estimula o processo de maturação e lhe faz avançar até certo grau”. (SOBRAL, 2019).

Vygotsky descreve a brincadeira infantil como uma ação imaginária da criança onde ela cria um mundo fantasioso para realizar desejos impossíveis para a realidade, isso se dá pela necessidade experimentar um desejo que foi frustrado pela realidade. (RODRIGEZ, 2020).

Para Vygotsky brincar é uma atividade que proporciona ação criadora onde há interação de imaginação, fantasia e realidade, produzindo desta forma novas possibilidades e interpretação de ações, expressões, formas e relações com outros sujeitos. (RODRIGEZ, 2020).

Diante de um processo ativo a atividade criadora de brincar reinterpreta o mundo proporcionando a possibilidade de novas invenções, novos significados, novas práticas e é a partir deste ponto de vista que Vygotsky defende que novos significados são elaborados, e assim surgem novos papeis sociais, ações, novas regras, novas relações e novos objetos.

(RODRIGEZ, 2020).

Na teoria de Vygotsky, o brinquedo tem o papel de servir como objeto de satisfação para algumas necessidades da criança, com o tempo essas necessidades evoluem de acordo com desenvolvimento. (SOBRAL, 2019).

De acordo com Sobral(2019), Vygotsky fala de dois paradoxos contidos no brinquedo:

O primeiro paradoxo contido no brinquedo é que a criança opera com um significado alienado numa situação real. O segundo é que, no brinquedo, a criança segue o caminho do menor esforço – ela faz o que mais gosta de fazer, porque o brinquedo está unido ao prazer – e ao mesmo tempo, aprende a seguir os caminhos mais difíceis, subordinando-se a regras e, por conseguinte renunciando ao que ela quer, uma vez que a sujeição a regras e a renúncia a ação impulsiva constitui o caminho para o prazer do brinquedo. (VYGOTSKY, apud SOBRAL, 2019).

Vygotsky contribuiu de forma importante para o entendimento dos benefícios do brincar, Vygotsky reforçou a valorização das brincadeiras, jogos e brinquedo como ferramentas indispensáveis e funcionais para o desenvolvimento das crianças, enfatizando os aspectos socioculturais frequentemente presentes em suas obras. (SOUZA et al, 2022).

4. BRINCADEIRAS COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA APRENDIZADO INFANTIL

O lúdico vem da palavra latim “ludos” que tem como significado jogo, no entanto a definição da palavra sobrepõe o seu sentido, uma vez que as atividades lúdicas se estende a simples ação de brincar. (FONSECA; SILVA E LEITE, 2021).

Fonseca; Silva e Leite (2021) usam o seguinte argumento:

A expressão lúdico faz referência ao método de ensinar por meio do brincar, podendo ser considerado um recurso utilizado pela criança para se comunicar, se relacionar com o ambiente em que se encontra e para compreender a si mesma e o que está em sua volta. Por isso, tal recurso incentiva ao processo de desenvolvimento infantil. (FONSECA; SILVA E LEITE, 2021).

De acordo com o argumento de Fonseca; Silva e Leite (2021), é notório que atividades lúdicas proporcionam oportunidade de aprendizagem no âmbito social, pois através das brincadeiras é possível que os indivíduos aprendam a colaborar um com o outro, desenvolvendo respeito de acordo com que vai vivenciando as fases. (FONSECA; SILVA E LEITE, 2021).

De acordo com Garcia (2020):

A criança da educação infantil aprende de forma mais lúdica, através de brincadeiras, músicas, artes visuais, linguagem oral e escrita, assim, podemos explorar a imaginação e a criatividade de cada uma e descobrindo habilidades que até então era desconhecida. O estímulo ajuda no aprendizado, podendo ser usado em forma de desafios, aguçando a curiosidade, mas esse aprendizado será muito melhor aproveitado se a criança estiver em um ambiente que se sinta bem e feliz. (GARCIA,2020).

Para que a criança alcance os seus objetivos o modelo pedagógico deve apresentar situações onde seja possível vivenciar diversas experiências como tomada de decisões, escolhas, debates, compartilhar conquistas e novas informações. É importante lembrar que o modelo pedagógico lúdico não se trata de trabalho espontâneo é necessário que haja organização das atividades, onde o professor será participativo, informando sobre regras, conduzindo as atividades, sanando dúvidas, dessa forma haverá um desenvolvimento visível nas crianças. (GARCIA, 2020).

É de responsabilidade do professor através do brincar conceder a criança condições para que adquira comportamentos sociais e pensamentos crítico. Na escola o professor é peça-chave no processo educativo, pois pode oferecer ferramentas que possibilitem novas aprendizagens. (GARCIA, 2020).

É inquestionável que há interação entre crianças e o meio, e que ambos se influenciam, a partir disso a criança se desenvolve e consegue ter percepção do meio e das pessoas ao seu redor, desenvolve funções motoras, cognitivas e aumenta sua capacidade de comunicação através da língua, pois obtém acesso a novas palavras por influência da interação com seu grupo social. (GARCIA, 2020).

Garcia (2020), afirma:

Essas trocas de experiências com outras crianças e com o meio ambiente possibilitam o desenvolvimento pessoal e cultural da criança, sendo fundamentais ao processo de formação infantil. (GARCIA, 2020).

Lopes (2020) afirma que na teoria de Vygotsky, os pontos importantes estão na relação entre desenvolvimento e aprendizagem, Vygotsky valoriza os pedagogos e intervenções pedagógicas pois são agentes de conhecimento, e considera que é a aprendizagem que promove o desenvolvimento. Para ele, é através do aprendizado que se desenvolvem as funções psicológicas. (LOPES, 2020).

O brincar desempenha um papel no desenvolvimento e aprendizagem das crianças, portanto, é necessidade pessoal e uma ferramenta integral para a aprendizagem e o desenvolvimento dos pequenos, o brincar permite que a criança construa e entenda o conhecimento. Assim, os desenvolvimentos possibilitados pelos mundos dos jogos agregam elementos sociais e culturais benéficos à saúde física e mental, facilitam os processos de socialização e proporcionam melhores condições de comunicação e conhecimento. (FONSECA; SILVA E LEITE, 2021).

De acordo com FONSECA; SILVA E LEITE, 2021:

Quando uma atividade lúdica é desenvolvida maior é a possibilidade de que o aluno expresse seus sentimentos, e a partir disso fortaleça seus vínculos afetivos. Além dessa contribuição, a ludicidade permite a vivência de inúmeras práticas corporais, de integração social e cultural entre os participantes.

Tal argumento deixa claro que atividades lúdicas possuem varias formas de serem desenvolvidas, e que praticá-las é benéfico para o individuo e para a sociedade.

Jogos e brincadeiras ofertados no meio pedagógico oferecem possibilidades de desenvolvimento individual. Por meio de atividades lúdicas, as crianças adquirem facilmente habilidades sociais maduras, usando e experimentando regras. (FONSECA; SILVA E LEITE, 2021).

De acordo com Piaget (1970 apud FONSECA; SILVA E LEITE, 2021):

Através dos jogos e brincadeiras, a criança constrói conhecimento sobre o mundo físico e social, em todas as fases do desenvolvimento, criando desse modo, um interesse quando postos em prática com finalidade e com eficiência, podendo se tornar a moldura na qual se ampliam todas as outras atividades. (FONSECA; SILVA E LEITE, 2021).

O sucesso no aprendizado de uma criança no meio escolar depende das brincadeiras a ela proporcionadas, as brincadeiras e jogos precisam ser vigiados e observados de forma detalhada pelos professores. Vale ressaltar que as brincadeiras devem ser promovidas de acordo com a idade das crianças, dessa forma é possível garantir desenvolvimento e sucesso progressivo. Desta forma fica visível que a brincadeira é permeada pelas relações saber/poder. (MARQUES; FERNANDES, 2019).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto histórico jogos e brincadeiras já ocuparam diversas posições de importância na vida do indivíduo, por vezes considerada fútil, usada para simples diversão, ou por outro lado como treinamento para sobrevivência.

No contexto pedagógico as brincadeiras apresentam importância para o desenvolvimento infantil, é através de jogos, brinquedos e brincadeiras que as crianças podem acessar e aprimorar habilidades, adquirir conhecimento trocar experiências, interagir com o meio e com o grupo.

São os professores os responsáveis por elaborar as atividades lúdicas dentro da sala de aula, e auxiliar seus alunos em sua execução, devendo estar atentos e observando todos os detalhes no decorrer das brincadeiras.

Apesar da palavra induzir que não se trata de algo tão formal, o brincar é muito sério, expor crianças a uma brincadeira requer reparo e disposição para auxílio, pois não pode haver desrespeito, dúvidas e nem gerar constrangimento à criança para que dessa forma o seu desenvolvimento não seja prejudicado por uma experiência frustrante em meio social em sua fase de formação.

Vygotsky abordou o tema brincadeira em suas obras e mostrou que são benéficas e influenciam de forma positiva para o desenvolvimento da criança, pois proporciona formação de pensamento crítico, estimula a criatividade, oportunidades de criar soluções, induz a interação social, exercitam as coordenações motoras e psíquicas.

REFERÊNCIAS

FARIAS, MAYRHON J. ABRANTES; WIGGERS, INGRID DITTRICH; FREITAS, TAYANNE DA COSTA. Minha brincadeira favorita na escola: Uma análise da cultura lúdica de crianças de São Luís –MA. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/5835>. Acesso em: 11 Out. 2022.

FONSECA, PAULA DUARTE; SILVA, MARGARETE PEREIRA DA; LEITE, PETTERSON SOARES. A influência do lúdico no desenvolvimento infantil. Disponível em: <https://journal.editorametrics.com.br/index.php/amormundi/article/view/123>. Acesso em: 19 Out. 2022.

GARCIA, MONICA C. BRANCOVAN. A importância dos jogos e brincadeiras no processo ensinoaprendizagem da educação infantil. Disponível em: <https://unilogos.org/revista/wp-content/uploads/2020/04/A-IMPORT%C3%82NCIA-DOS-JOGOS-E-BRINCADEIRAS-NO-PROCESSO-ENSINO-APRENDIZAGEM-DA-EDUCA%C3%87%C3%83O-INFANTIL.pdf>. Acesso em: 29 Set. 2022.

MARQUES, CIRCE MARA; FERNANDES, SUSANA BEATRIZ; SILVA, EZEQUIEL THEODORO DA. O brincar nos discursos de estudantes de Pedagogia: certezas em suspenso. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/TGtwvSqvNcZN7FVzmSYkqwR/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 23 Set. 2022.

LIMA, GEORGE ALMEIDA; SILVA, MARIA L. GONÇALVES DA. Linguagem corporal e comunicação: a criança e o brincar. Revista Interfaces, revisão de literatura, v. 9 n. 1. 2021. Disponível em: <https://interfaces.unileao.edu.br/index.php/revista-interfaces/article/view/884>. Acesso em: 25 Set. 2022.

LOPES, GABRIEL C. DIAS. A neurociência à serviço da aprendizagem e da educação. Disponível em: https://cognitioniss.org/wp-content/uploads/2020/07/Revista-Cientifica-Cognitionis_Semestre-I-2020.pdf#page=111. Acesso em: 06 Out. 2022.

RODRIGUEZ, LUCIANE DANTAS. A importância dos jogos e brincadeiras no desenvolvimento infantil. Disponível em: https://cognitioniss.org/wp-content/uploads/2020/07/Revista-Cientifica-Cognitionis_Semestre-I-2020.pdf#page=111. Acesso em: 30 Set. 2022.

SOBRAL, SUZANA SANTIAGO. A importância do brincar na educação infantil – a perspectiva de Piaget, Vygotsky e Kishimoto. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA9_ID5921_19052019094030.pdf. Acesso em: 08 Out. 2022.

SOUZA, ALINE JULIANA; RODRIGUES, ELLEN DE ALBUQUERQUE; SILVA, EUNICE DE ALBUQUERQUE; MAGALHÃES, IRIA PEDROSA DE; RODRIGUES, SELMA DE ALBUQUERQUE; ANDRADE, WÂNIA DENISE DA COSTA. O Brincar em Vygotsky: Educação Infantil. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/6159>. Acesso em: 09 Nov. 2022.

TONUCCI, FRANCESCO. O direito de brincar: uma necessidade para as crianças, uma potencialidade para a escola e a cidade. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/6897>. Acesso em: 27 Out. 2022.

LÚDICO E EDUCAÇÃO INFANTIL

¹Euliany Costa Albuquerque

²Lívia Mariana Costa

Introdução: A Ludicidade trata-se de uma proposta de ensino que tem sido utilizada em todas as etapas da educação infantil, o seu papel é essencial para o desenvolvimento das crianças, visto que nessa fase, começa-se a descobrir o mundo a sua volta através de suas experiências pessoais, familiares e sociais. **Objetivo:** Compreender a importância do lúdico como proposta pedagógica na educação infantil. Analisar a contribuição de práticas pedagógicas lúdicas para o desenvolvimento de habilidades cognitivas. Enfatizar a importância dos jogos, brinquedos e brincadeiras na educação infantil. **Resultados:** As atividades lúdicas utilizadas em sala de aula são consideradas um meio pelo qual a criança desenvolve sua criatividade, seu espírito de liderança e a capacidade de atuar em grupo, sua capacidade de socialização, pois através dos jogos em grupo a criança aprende a repartir, a ouvir e até mesmo a ter um espírito de liderança. Neste enfoque, o lúdico pode auxiliar na construção do processo ensino-aprendizagem em todas as áreas do conhecimento, desde que seja trabalhada de acordo com a faixa etária dos alunos, para que se consiga alcançar os objetivos propostos. A postura do professor frente a esse trabalho é fundamental. Portanto o lúdico se trabalhado corretamente poderá proporcionar ao professor resultados satisfatórios quanto ao ensino aprendizagem, desde que o mesmo esteja preparado e disposto a fazê-lo. **Conclusões:** Portanto cabe ao educador permitir que o lúdico esteja presente na sala de aula, para que os alunos sintam prazer em aprender brincando. Pois o papel enquanto educadores é buscar sempre inovar a prática em sala de aula, no intuito de enriquecer o ensino-aprendizagem, principalmente na educação infantil.

¹ Concluinte do Curso de Graduação em Pedagogia da Faculdade Laboro

² Professora orientadora

METÓDO MONTESSORI NO 1º ANO DO FUNDAMENTAL

¹JOSIANE SERRA DE SOUSA

²Priscila De Sousa Barbosa Castelo Branco

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso consiste em um estudo de caso que se propôs observar uma escola Montessoriana, buscando analisar de que forma o método Montessori contribui para aprendizagem da criança no ambiente escolar. Tendo por objetivos, descrever o método e sua contribuição para a aprendizagem, compreendendo a importância do ambiente de uma sala Montessori no aprendizado da criança, refletindo como ele favorece a aquisição das habilidades básicas e pré-acadêmicas. Em busca de respostas para questões do estudo caso, utilizou-se algumas abordagens como qualitativa, exploratória e bibliográfico, levantando dados significativos por meio de aplicação de entrevista com uma professora de uma escola em São Luís/MA, da rede privada, observando a creche I até o 1º ano do ensino fundamental. O método contribui diretamente no desenvolvimento individual, físico, emocional e intelectual, no respeito as diferenças e um bom convívio social e escolar.

Palavras-chave: Método Montessori. Aprendizagem. Ambiente Escolar.

¹ Pedagogia, Faculdade Laboro, 2022.

² Docente da Faculdade Laboro do Curso de Pedagogia.

1. INTRODUÇÃO

No decorrer dos séculos passados a criança era vista como mini adulto, sem uma educação voltada para sua realidade e seu desenvolvimento. Vendo-se diante dessa realidade Maria Montessori foi idealizadora de um método que veio para contrariar as metodologias das escolas tradicionalista, por ela utilizar-se de vários recursos e o processo de aquisição de conhecimento no seu método, partir do concreto para o abstrato, despertar o interesse pela metodologia aplicada nas escolas Montessoriana, assim, ela é interacionista onde defende que fatores orgânicos e ambientais exercem influência no processo de desenvolvimento dos seres humanos, inclusive em sua formação educacional.

Em um ambiente Montessoriano tudo é bem organizado, e estes prezam pela liberdade e autonomia da criança e com isso se torna viável dar-se atenção individualizada para o aluno e com essa autonomia a criança não necessita o tempo todo do professor. Dessa forma, teve-se como objetivo analisar de que forma o método Montessori contribui para aprendizagem da criança no ambiente escolar. Com base nisso, foram propostos os seguintes questionamentos orientados: Descrever o método e sua contribuição para a aprendizagem? Entender a importância do ambiente de uma sala Montessori no processo da aprendizagem? Refletir como o método Montessori favorece a aprendizagem das habilidades básicas e pré-acadêmicas?

Para investigar foi necessário conhecer e aprofundar na prática do método Montessoriano. Realizou-se entrevista e observação em uma escola que utiliza esse método, na rede particular do município de São Luís/MA.

2. BREVE HISTÓRICO DE MARIA MONTESSORI

Maria Montessori é uma das mais importantes referências entre os pensadores que dialogam sobre a construção da infância. Nascida na província de Ancona, na Itália, no dia 31 de agosto de 1870, com uma educação de qualidade ofertada desde cedo por seus pais, que primavam por seu crescimento profissional e pessoal, possibilitando melhores oportunidades de seguir carreira, em uma área inicialmente destinada apenas para homens, ao cursar uma escola técnica para rapazes, em um curso de engenharia (LILLARD, 2017).

Em 1892 Montessori se formou na escola técnica Leonardo da Vinci e com esse diploma conseguiu entrar para escola de medicina (MONTESSORI, 2017). Cursando medicina na Universidade de Roma, foi a primeira mulher em 1896 a receber o diploma. Depois de graduada passou a fazer parte da equipe clínica psiquiátrica, visitando as crianças que eram internadas nos hospícios, diante dessa vivência passou a ter outro olhar para as crianças com deficiência intelectual, observando a ocasião delas terem educação especializada, algo mais apropriadas para a sua condição.

Partindo dessa inquietação com os deficientes intelectuais, resolveu viajar para Londres e Paris para estudar mais sobre esta área, tendo como base dois pioneiros nesse campo que foram Jean Itard e Edouard Séguin. Esse trabalho feito por dois anos, considerando sua verdadeira graduação, podendo elaborar, aplicar, observar tudo na prática e percebendo naquelas crianças capacidades no aprendizado, entendendo tudo que antes era impossível (LILLARD, 2017).

No ano de 1902, apresentou-se no Congresso Pedagógico de Nápoles, os frutos de seus estudos em medicina e educação que não foram poucos (MONTESSORI, 2017).

A sua experiência com crianças tidas como anormais na época, lhe proporcionou um convite para ser diretora em uma creche em 1907, num bairro humilde em San Lorenzo, na Itália. Aceitou a proposta com intenções de executar suas descobertas feitas em educação, mostrando como poder ser utilizada em cada criança. Uma experiência educacional, mas conhecida como Casa Dei Bambini “Casa da Criança” (LILLARD, 2017).

Trabalhando em uma instituição médica-pedagógica onde crianças deficientes eram reunidas, Montessori começou a desenvolver os princípios que mais tarde iriam dirigir seu trabalho educacional: educação sensorial, a base da educação intelectual (MONTESSORI, 2017, p. 8).

Maria Montessori se destacou por trazer contribuições para a educação infantil, para os anos iniciais do ensino fundamental e para crianças “especiais”. A educadora fala que o ambiente escolar deveria proporcionar à criança uma liberdade e a autonomia que a mesma precisa para se autoeducar, mas para isto ocorrer, o ambiente deve ser organizado pois ele tem um papel muito importante neste processo, conforme a citação abaixo:

[...] a mente absorvente da criança se orienta na direção do ambiente; e, especialmente no início da vida, deve tomar cuidados especiais para que o ambiente ofereça interesse e atrativos para esta mente que se deve dele nutrir para a própria construção (MONTESSORI, 1949, p.113).

Foi a partir daí que o método Montessori começou a ser conhecido, e como consequência teve o seu primeiro livro “A Pedagogia Científica”, publicado em 1909, essa obra pedagógica revolucionou a educação no mundo.

3. O QUE É O MÉTODO MONTESSORI

O método Montessori sugere o desenvolvimento da personalidade da criança como um todo. Preocupando-se também com aptidão para resultado, deliberação, independência e habilidade emocionais (CESÁRIO, 2007). Ele não interfere na ação durante o processo de aprendizagem, por mais que ele tenha sido criado com uma estrutura para o ensino acadêmico ele também pode ser aplicado fora do ambiente escolar.

No método Montessori tem dois elementos principais no ambiente, um é os materiais e os exercícios educacionais e o outro, o professor que é responsável por prepará-los (LILLARD, 2017).

Para Montessori, o ambiente é algo primordial, no qual a criança passa a desenvolver-se e suas necessidades são supridas, mas esse tem que ser devidamente preparado por um adulto sensível e bem-informado, não havendo passividade da criança. Precisa-lhe ser ensinado a fazer, proporcionando a criança o uso de seu tamanho e força no espaço (LILLARD, 2017).

3.1 Os componentes básicos de uma sala de aula Montessoriana

A liberdade: essa liberdade está relacionada às conquistas pessoais e coletivas onde a criança possa conduzir o seu aprendizado, mas sempre respeitando o limite dos outros que o cerca. Em relação a essa “liberdade” devemos oferecer atividades para incentivar a independência da criança, não devemos ajudá-la em ações ela consegue aprender a fazer. Temos que ajudá-la a desenvolver a sua própria vontade, incentivando-a a concluir ou alcançar algo que ela mesma escolheu para executar, e também auxiliá-la a desenvolver a disciplina por meios de trabalhos construtivos e a compreender claramente do bem e mal, segundo citação abaixo:

A liberdade da criança deve ter como limite o interesse coletivo; como sua forma, o que consideramos universalmente uma boa criação. Devemos, portanto, verificar na criança qualquer coisa que ofenda ou perturbe os outros ou qualquer coisa que tenda a atos brutos ou malcriados (LILLARD, 2017, p. 48).

Estrutura e ordem: com essa estrutura e ordem a criança consegue saber encontrar os materiais desejados, organizados de acordo como o interesse da criança, e arrumados em uma sequência com os graus de dificuldade e complexidade. Na ordem, a criança terá como fazer a etapa completa de atividade usando os materiais, vale ressaltar que esses deverão estar em perfeito estado para que esse processo aconteça. Durante o processo a criança não poderá ser interrompida e posteriormente terá que colocar o material no lugar de onde tirou e organizado. Isso ocorrerá cotidianamente até que se torne natural, sendo ela responsável pela organização do ambiente escolar. Segundo Lillard (2017, p. 51):

A estrutura e a ordem subjacentes ao universo devem se refletir na sala de aula para que a criança as internalize e, assim, construa sua própria ordem mental e inteligência. Por meio dessa ordem internalizada, a criança aprende a confiar em seu ambiente e em seu poder para interagir com ele de um modo positivo. Isso garante a possibilidade de atividade com propósito para a criança.

Realidade e natureza: conforme afirma Lillard (2017, p. 52): “A criança deve ter a oportunidade de internalizar os limites da natureza e da realidade para que possa se liberar de suas fantasias e ilusões, tanto físicas quanto psicológicas.”

A psicanálise nos diz que o indivíduo interioriza inconscientemente o mundo exterior, ou que o cerca, com suas regras e normas, adequando seus comportamentos a essa realidade; mas para isso a criança precisa observar e explorar o ambiente dentro e fora de casa. Nisto envolve o cuidado com plantas, animais e utensílios domésticos, pois esta é uma realidade a qual a criança vai ser exposta às experiências do dia a dia. Por isso, em uma sala de aula Montessoriana tem equipamentos criados para a criança ter um contato mais próximo à realidade como geladeira, mesa, fogão, facas, pratos e etc. Tudo isso com apenas uma peça, acontecendo para que a criança não tenha outra alternativa a não ser, esperar a outra criança terminar de usar, e conseqüentemente aprender a ter paciência na execução das atividades.

Beleza e atmosfera: está intimamente ligada com a ênfase dada à natureza, beleza e uma atmosfera que incentive uma resposta positiva e espontânea à vida, conforme afirma Lillard (2017, p. 53) “Aqui a beleza está relacionada há algo simples, porque o ambiente precisa ser bem simples, organizado, mas com cores alegres, que atraia e estimule a participação da criança a este ambiente.”

Os materiais Montessori: este é confundido, pois não se trata de um material que ensina ou transmite conhecimento à criança, sendo algo externo, mais sim tem um propósito trabalhar internamente, de auxiliar na autoconstrução do conhecimento e no desenvolvimento do cognitivo, auxilia na estimulação e apreensão da atenção com o intuito de iniciar o desenvolvimento da concentração. Esse material deve atrair a atenção da criança, logo após o professor dar a liberdade para o aluno manusear, assim desenvolvendo-o. Não se pode esquecer que cada um dos materiais deve atender as necessidades internas da criança e ser apresentado de acordo com faixa etária do seu desenvolvimento.

No processo de apresentação do material, o professor tem um papel primordial pois ele mostra de forma precisa; metódica; e apresenta as características de forma breve; simples e objetiva sendo sucinto. Logo após isso ocorrer, o professor deve convidar cada criança, um de cada vez, para usar o material da mesma maneira, neste momento deve estar junto ao aluno só observando sem interferir na liberdade do aluno em relação a esse processo. Segundo a afirmação de Lillard (2017, p. 54):

O equipamento Montessori, é amplamente conhecido, mas seu papel é muitas vezes mal compreendido. Por sua visibilidade, os materiais Montessori tendem a ser excessivamente enfatizados em relação aos outros elementos do método. Além disso, o propósito deles frequentemente é confundido.

O desenvolvimento da vida em comunidade: conforme a citação da seguinte autora: “a criação espontânea de uma comunidade de crianças é um dos resultados mais admiráveis da abordagem montessoriana. Esse desenvolvimento é auxiliado por vários elementos-chave no método Montessori.” (LILLARD, 2017 p. 67).

Esses elementos são divididos em três momentos, o primeiro é o senso de pertencimento e responsabilidade que os alunos desenvolvem no ambiente de uma sala de aula Montessoriana, pois são os próprios responsáveis pela manutenção diária e o cuidado com a sala de aula, elas usam os materiais e devolvem ao mesmo lugar, organizam e cuidam das plantas, a responsabilidade que as crianças começam a sentir umas pelas outras e a inclusão de crianças de idades diferentes em cada sala.

3.2 O método Montessori na aprendizagem baseia-se em cinco áreas principais

Em relação as contribuições do método para as habilidades básicas podemos citar:

A vida prática, esta é a primeira a ser apresentada à criança, na qual envolve vivências e habilidades que vão sendo desenrolados dos mais simples para o mais complexo, como vestir, calçar e amarrar os sapatos, abotoar e fechar as roupas e lavar as mãos. No mesmo, vem o cuidado dentro e fora da sala de aula, nisso também pode-se citar limpar a mesa, o chão, organizar aos materiais e os brinquedos e regar as plantas. A comunicação para se expressar individual e coletivamente, sempre enfatizando o respeito no ouvir, e saber esperar o momento para se falar, envolvendo a coordenação motora fina e grossa, onde a criança aprende a se servir e servir os outros, pinçar, desenhar, pintar, recortar, colar, manipular objetos delicados e tudo isso envolve desde ações mais simples até as mais complexas, com intuito de desenvolver autonomia, independência, autoconfiança, consciência ambiental e etc.

Educação dos sentidos: partiu de materiais criados e selecionados por Maria Montessori que são de natureza concreta, onde as crianças podem manipular. Dando ênfase a educação dos sentidos, pois segundo Ferrari, (2008, p. 32) “Defendia que o caminho do intelecto passa pelas mãos, porque é por meio do movimento e do toque que as crianças exploram e decodificam o mundo ao seu redor”.

Montessori utiliza dos seus materiais concretos no seu método para a criança desenvolver habilidades cognitivas através do tato e da manipulação para depois assimilar o conhecimento abstrato. O aluno os desenvolve utilizando os cinco sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato), pode-se citar materiais como caixas de cores, de cheiros, de sabores, de áspero/liso, além de conceitos como fraco/forte, alto/baixo e pesado e leve. O foco do mesmo é estimular o ápice do desenvolvimento sensorial de forma, mas natural possível.

Já as habilidades pré-acadêmicas envolvem a Linguagem, Matemática e Educação Cósmica onde se trabalha o conhecimento das Ciências, Geografia e História. A educação Cósmica permite que o aluno analise, observe, explore o mundo que o cerca e o ajude a vê sentido nas coisas e informações.

4. METODOLOGIA MONTESSORIANA E AS PRÁTICAS PRÉ-ACADÊMICAS

Para o desenvolvimento deste trabalho realizou-se a pesquisa em uma escola Montessoriana onde tem o ensino infantil, fundamental e médio localizada em São Luís/MA. Observou-se a instituição e o seu cuidado pela filosofia e estrutura da proposta pedagógica de Montessori, o método é aplicado na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental.

No primeiro dia examinou-se que no início da manhã, todos os alunos, professores e colaboradores da instituição se reúnem na quadra da escola, para um momento de conversas entre todos, depois ouve-se uma música, que é escolhida pelos alunos, logo vem a apresentação do aniversariante do dia, os avisos e por último a hora dos abraços, e é neste clima acolhedor que os alunos são recebidos todos os dias e este acolhimento estende-se para a sala de aula.

Sabemos que os materiais Montessorianos estão ligados à cinco áreas de conhecimentos e dentre elas, discorrerei sobre a linguagem e seu desenvolvimento dentro do método.

Na creche I da escola é possível perceber que a professora vem trabalhando habilidades que antecedem o aprendizado e que contribui para o desenvolvimento acadêmico nos primeiros anos escolares. Em Montessori, a aprendizagem em linguagem acontece pelo método fônico, ou seja, da boquinha, conforme Anexo A. Onde o ensino inicia-se pela forma e o som das vogais e em seguida as consoantes. Então cada letra que pronuncia-se de (grafema) aprendida pelo som que chamamos de (fonema), com essa junção pode-se formar sílabas e palavras, a docente está trabalhando as vogais pelo método, estas são apresentadas com letras cursivas em lixa vermelhas, conforme o Anexo B.

As crianças sentam-se na linha, a professora coloca o tapete no centro e depois as letras em cima dele, em seguida apresenta o som da letra, para que cada criança possa pegar a letra correspondente, e sensorialmente, passa o dedo para após sobrepor a folha na lixa

para tirar a textura com o giz de cera, eles utilizam também a caixa de areia para desenhar a vogal, conforme o Anexo C.

Em outro momento mostram imagem, que iniciam com as vogais para depois começar o processo de identificação dessas letras, a professora utiliza os objetos da sala de aula onde os alunos já estão acostumados. A partir daí começam as atividades práticas voltadas para as vogais, exemplos, pinturas, colagens, massinhas e etc. E por fim se trabalha com a primeira letra do nome do aluno, onde cada um tem uma plaquinha com seu nome e foto, o mesmo é apresentado todos os dias para que o aluno conheça seu nome e de seus colegas.

Já na creche II faz-se uma revisão de tudo que foi dado na creche I, para aí sim trabalhar as permutações; encontros vocálicos; as vogais maiúsculas e minúsculas; tudo é primeiramente apresentado, depois de forma sensorial para em seguida ocorrer o processo de identificação pelo aluno. Também há apresentação da letra bastão e continua a apresentação, por meio da primeira letra do nome do aluno e depois o seu segundo nome.

No pré I é feita a revisão das vogais maiúsculas e minúsculas, permutações (encontro vocálicos) e trabalhados as consoantes, mas as mesmas são apresentadas por grupos, o primeiro é (p, v, r, s) essas sílabas simples são apresentadas assim (pa, po, pu, pi, pe, pão); o segundo grupo (l, d, c, m) terceiro (t, b, f, n); o quarto (g, j, x, z). Todas são apresentadas, com a utilização do alfabeto móvel, conforme o Anexo D, para depois ocorrer o processo de identificação, onde são utilizados a caixa dos sons, a qual, é composta de compartimentos onde são guardados mini objetos que imitam a realidade, as gavetas são classificadas pelas letras do alfabeto e as miniaturas são colocados de acordo com a letra inicial, conforme o Anexo E.

Logo após esse processo, inicia-se o trabalho com o ditado. Já no pré II, é feita a revisão de tudo que foi apresentado na creche I, creche II e no pré I para depois ser trabalhada a letra (h) e por fim, as letras estrangeiras (k, w, y). Ao longo dessas apresentações são realizados ditados e leitura de textos.

Nesta escola pude perceber que todos os alunos desta turma já adquiriram a prática da leitura e escrita e todos os assuntos citados em cada turma são trabalhados ao longo do ano chegando ao 1º do fundamental matutino.

Abaixo tem-se as perguntas direcionadas a professora, qual, será identificada como professora A (PA)

Inicialmente perguntou-se, qual era sua formação?

PA- É formada em Pedagogia, em uma das redes da própria instituição onde trabalha, pois, a mesma está distribuída em faculdade e escola.

Questionou-se com começou na escola?

PA- Como estagiária, como estava em uma faculdade onde também tinha escola, automaticamente os alunos eram recrutados para a instituição.

Em seguida, indagou-se de que forma a prática Montessoriana da instituição é repassada?

PA- Tem as formações no início do ano, mas os estágios aprendem com os professores, mas antigos da casa na prática da aprendizagem no dia a dia.

E ainda, perguntou-se: há quantos alunos na sua turma e tem algum aluno com uma condição

atípica?

PA- Temos 18 alunos, dentre estes temos 5 que possui TEA, TDAH e TOD.

De forma conclusiva, questionou-se, qual a dificuldade encontrada com os alunos possui uma condição?

PA- É fazer com que elas realizem alguma tarefa do dia correlacionada as habilidades pré-acadêmicas, porque cada um deles tem uma variação de comportamento, ou seja, tem dias que estão muito agitados, mas quando estão medicados ficam sonolentos, estamos sempre observando estes alunos e procurando respeitar os eu ritmo da melhor maneira possível. A pesar de toda dificuldade, eles conseguem alcançar as habilidades prevista para o 1º ano do fundamental o método e os recursos didáticos são primordiais.

Observou-se que no 1º ano do fundamental é feita uma revisão de vogais maiúsculas, minúsculas, permutações, os grupos de consoantes, letra (h) e as letras estrangeiras (k, w, y), para depois trabalhar o nome completo, dificuldades ortográficas, acentuações, pontuações e sílabas complexas como (Bl, br, dr, vr). Como o método se baseia na atividade autodirigida, aprendizagem prática e brincadeira colaborativa, e as os alunos são envolvidos desde muito cedo no método, elas alcançam as habilidades como escrita e leitura antes mesmo de chegarem ao primeiro ano, pois é nele onde é feita a alfabetização e o letramento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este estudo de caso, verificou-se que o método Montessori traz contribuições dentro e fora do ambiente escolar, pois é pensado, organizado e observado de forma detalhada para que esse processo de aprendizagem aconteça. Seus princípios são trabalhados desde cedo, logo quando a criança chega à escola, pois ele envolve a “liberdade”, onde o aluno é livre para fazer escolhas voltadas para o seu desenvolvimento individual e aprende a lidar com seus atos, mas esta liberdade está limitada ao interesse coletivo. Considerando que o outro não deve ser atrapalhado em seu processo. Já a “atividade” não traz só desenvolvimento físico, mas cognitivo e reflexivo e a individualidade levar a criança a respeitar diferenças individuais, e no desenvolvimento da personalidade e do caráter de cada um.

O método ainda traz contribuições na autonomia, porque trabalha ao longo do processo a independência física, emocional e intelectual do indivíduo, e tendo como consequência dessa singularidade é o respeito às diferenças do outro e um bom convívio social no ambiente escolar. Sabe-se que o método se baseia em uma educação processual de aprendizado em que o próprio indivíduo apropria-se do protagonismo de seu desenvolvimento formando criança para vida.

REFERÊNCIAS

CESÁRIO, Priscila Menarin. Quem é a professora de crianças menores de 6 anos para Maria Montessori? Uma análise a partir de suas obras educacionais. São Carlos, Universidade Federal de São Carlos (Centro de Educação e Ciências Humanas), 2007.

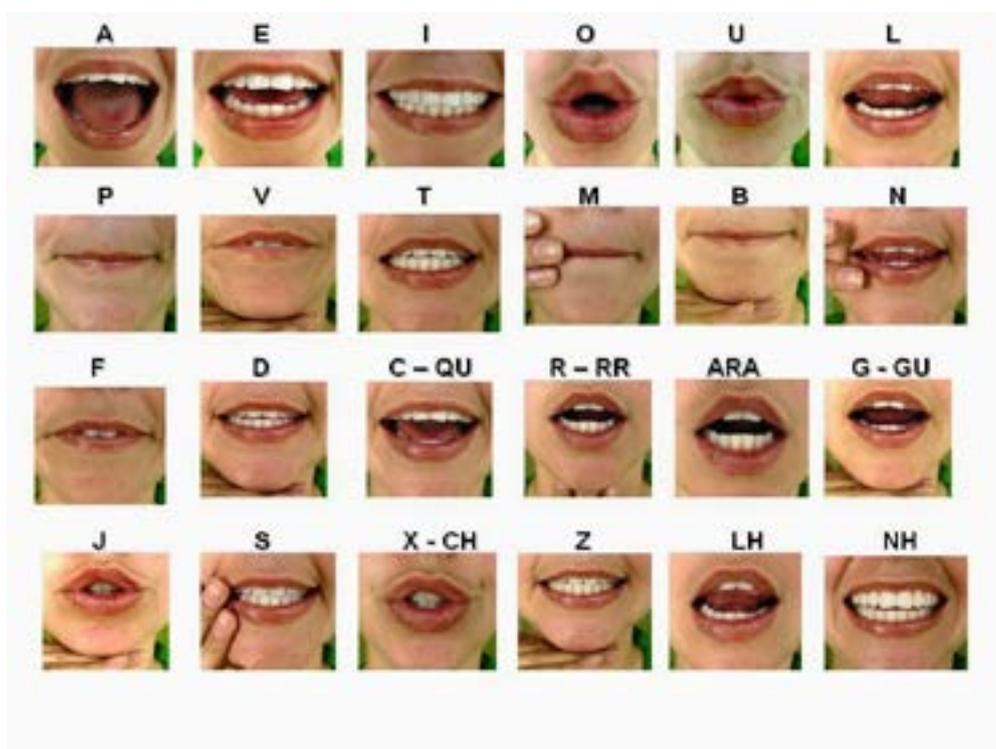
FERRARI, Márcio. Maria Montessori: A médica que valorizou o aluno. In: Revista Nova Escola. São Paulo, n.19, p.31-33, jul. 2008.

LILLARD, Paula Polk. Método Montessori: uma introdução para pais e professores / Paula PolkLillard; [tradução Sonia Augusto]. --Barueri: Manole, 2017, p.1. 2 e 3.

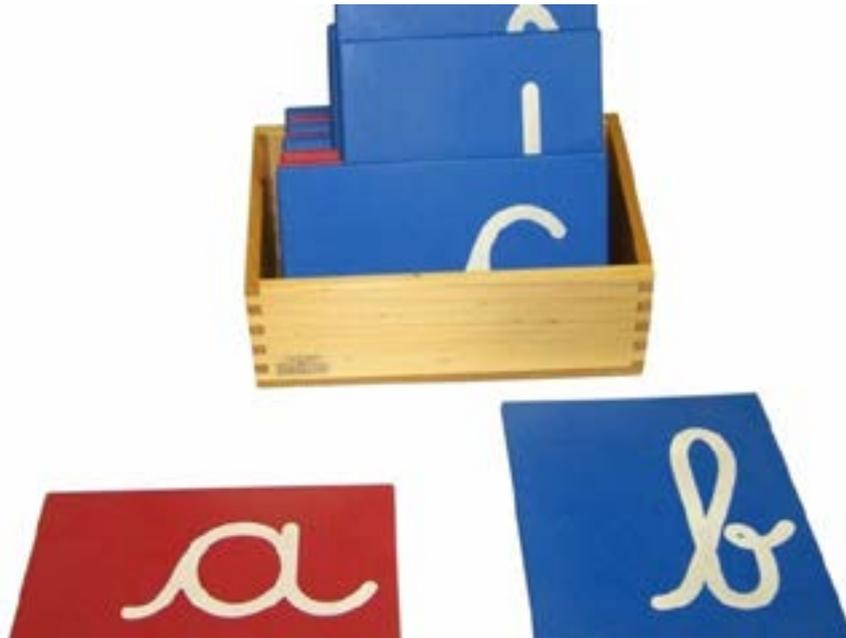
MONTESSORI, Maria. A descoberta da criança: pedagogia científica / tradução de Pe. Aury Maria Azélio Brunetti - Campinas, SP: Kyrion, 2017, p.7 e 8.

ANEXOS

ANEXO A – Método Fônico



ANEXO B – Letras cursivas em lixas



ANEXO C – Caixa de areia



ANEXO D – Alfabeto Móvel



ANEXO E – Caixas de Sons





APRENDER MATEMÁTICA BRINCANDO: desafios para a educação infantil com criança de 3 anos

LEARNING MATHEMATICS BY PLAYING: challenges for early childhood education with a 3-year-old child

¹Gesiane Pereira Rego

²Waléria de Jesus Barbosa Soares

RESUMO

Esta pesquisa busca contribuir para a prática docente de professores que atuam na educação infantil, desenvolvendo os saberes matemáticos com crianças de três anos de idade. Caracterizada como pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, reflete sobre a importância de aprender matemática brincando, para então sugerir atividades que utilizem a brincadeira como metodologia. As atividades sugeridas tratam de assuntos básicos da matemática que podem ser experimentadas a fim de desenvolver melhor os saberes matemáticos das crianças. Com isso, conclui-se que é possível propor e proporcionar a matemática pautado na ludicidade, o que contribui para aprendizagem das crianças na educação infantil.

Palavras-chave: Saberes matemáticos. Ludicidade. Brincadeiras. Educação Infantil.

ABSTRACT:

This research seeks to contribute to the teaching practice of teachers who work in early childhood education, developing mathematical knowledge with three-year-old children. Characterized as a bibliographical research with a qualitative approach, it reflects on the importance of learning mathematics by playing, and then suggests activities that use play as a methodology. The suggested activities deal with basic mathematics subjects that can be tried out in order to better develop children's mathematical knowledge. With this, it is concluded that it is possible to propose and provide mathematics based on playfulness, which contributes to children's learning in early childhood education.

Keywords: Mathematical knowledge. Playfulness. Jokes. Child education.

¹ Aluna do curso de Pedagogia, Faculdade Laboro. gesiane6387@aluno.laboro.edu.br

² Docente da Faculdade Laboro, curso de Pedagogia. walleria@laboro.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Existe uma preocupação no campo escolar em buscar rumos para a Educação Infantil, para que a criança aprenda brincando. Com os conhecimentos matemáticos não é diferente: precisamos de situações que favoreçam o desenvolvimento de saberes do raciocínio-lógico. Por isso, professores da Educação Infantil estão sempre procurando o desenvolvimento das crianças a partir de aspectos qualitativos que priorizem a significação e contextualização dos saberes matemáticos.

Nesse âmbito, é necessário discutir-se como a matemática pode ser apresentada para as crianças na Educação Infantil. Pensa-se aqui que levar brincadeiras, jogos e materiais concretos para as aulas de matemática pode acarretar na ampliação do raciocínio-lógico das crianças na Educação Infantil, além de desenvolver a cidadania e inovação, ao incorporar a matemática nas temáticas das atividades e nas mediações estabelecidas no espaço escolar.

Faz-se necessário que os pedagogos aprendam a utilizar essa gama de recursos de forma adequada para que brincando se desenvolva os conhecimentos matemáticos. Nesse viés, surge o seguinte questionamento: é possível aprender matemática brincando? Como podemos conciliar o ensino de matemática em atividades com crianças na Educação Infantil, especificamente as de três anos de idade?

Diante de todos esses questionamentos, o objetivo desta pesquisa é investigar possibilidades para o ensino de matemática na Educação Infantil possibilitando o desenvolvimento de conhecimentos matemáticos das crianças através do espaço escolar.

Para isso, este estudo foi organizado por meio de uma pesquisa qualitativa, de abordagem bibliográfica, que reflete sobre as brincadeiras na Educação Infantil, para então sugerir atividades matemáticas para crianças de três anos.

2. METODOLOGIA

A metodologia empregada neste estudo foi qualitativa, pois Bogdan e Biklen (1994, p. 47) afirmam que na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal.

A fonte direta de dados desta pesquisa foi o ambiente natural, constituindo o investigador o seu instrumento principal (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

A pesquisa também foi caracterizada como bibliográfica, pois foi desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos (GIL, 2008, p. 44).

A pesquisa seguiu as seguintes etapas:

1. Primeiramente, fizemos a revisão de literatura sobre a temática da pesquisa. Essa revisão se deu em artigos, dissertações, livros e documentos curriculares, como o PCN e BNCC.
2. Posteriormente selecionamos para leitura, materiais que defendem as brincadeiras como meio para ensinar matemática para crianças de três anos;

3. Por fim, investigamos e selecionamos atividades pautadas em brincadeiras que pudessem desenvolver saberes matemáticos com crianças de três anos.

Reforçamos que a revisão de literatura se deu em artigos e livros para embasar o tema segundo alguns autores e melhor explicar o assunto. Posteriormente os textos foram analisados e selecionados aqueles que defendem a utilização da ludicidade para compreensão dos saberes matemáticos na educação infantil. De posse desses instrumentos houve a escolha de atividades como sugestão para aulas de matemática na educação infantil.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Os desafios de ensinar matemática na Educação Infantil

Na Educação Infantil, o trabalho com a matemática deve envolver experiências significativas, por meio de brincadeiras, que explorem o cotidiano das crianças, buscando assim o favorecimento dos princípios do letramento matemático. Ainda que as crianças não saibam ler e escrever na Educação Infantil, podemos oportunizar o letramento matemático quando o concebemos como “a capacidade individual de formular, empregar, e interpretar a matemática em uma variedade de contextos (OECD/PISA, 2012, p. 18).

Essa concepção de ensino de matemática na perspectiva do letramento matemático já é preconizado em documentos curriculares nacionais que auxiliam a escrita de currículos para o ensino de matemática. É o caso da Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018). Nesse sentido, é a qualidade das experiências matemáticas com crianças pequenas que despertará o espírito científico pelos conhecimentos matemáticos apresentados pela BNCC.

Há de destacarmos que a BNCC para educação infantil propõe seis Campos de Experiências como uma opção para a construção de aprendizagens no início da escolarização: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. Em todos os campos de experiências, os conhecimentos, conceitos e procedimentos são valorizados e integrados ao desenvolvimento humano em seus contextos culturais.

A Matemática não é componente curricular isolado na BNCC da Educação Infantil, mas um conhecimento associado aos modos de pensar e agir das crianças nessa fase escolar que pode estar entrelaçado em todos os seis Campos de Experiência. Porém, é no Campo Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações que vimos sua presença mais fortemente delimitada, pois,

[...] as crianças também se deparam, frequentemente, com conhecimentos matemáticos (contagem, ordenação, relações entre quantidades, dimensões, medidas, comparação de pesos e de comprimentos, avaliação de distâncias, reconhecimento de formas geométricas, conhecimento e reconhecimento de numerais cardinais e ordinais etc.)

que igualmente aguçam a curiosidade. (BNCC, 2018, p. 43).

Os desafios da prática docente pela BNCC recorrem ao como ensinar pelas práticas da matemática no cotidiano, pautadas em brincadeiras, que precisa oportunizar “experiências nas quais as crianças possam fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de informação para buscar respostas às suas curiosidades e indagações” (BNCC, 2018, p. 43).

Professores que ensinam matemática na educação infantil devem buscar metodologias que façam as crianças compreenderem noções matemáticas por meio de problematizações. Atividades lúdicas que envolvem cantigas, jogos, músicas, materiais concretos e experiências do cotidiano são caminhos possíveis para essas práticas que envolvem as brincadeiras.

Em todas essas atividades é importante deixar a criança mexer e experimentar. Experimentando também se aprende. A BNCC (2018) ressalta que no campo de experiência Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações, crianças de um ano e sete meses a três anos e 11 meses devem experimentar através do toque.

Segundo a Teoria da Aprendizagem de Piaget, a aprendizagem é um processo que só tem sentido diante de situações de mudança. Por isso, aprender é, em parte, saber se adaptar a estas novidades. Esta teoria explica a dinâmica de adaptação por meio dos processos de assimilação e acomodação. Só se aprende fazendo, o que de acordo com Lorenzato (2010, p. 19), “as pessoas precisam ‘pegar para ver’, como dizem as crianças. Então, não começar o ensino pelo concreto é ir contra a natureza humana”.

Os materiais concretos auxiliam na resolução de problemas sobre construções, campo de conhecimento matemático, por isso vale levar para sala de aula da educação infantil latas, embalagens, blocos de madeira ou plástico.

As crianças pequenas vão assim construindo concepções sobre saberes matemáticos como: o que rola ou não rola, construção de base de torres, formas diferentes de objetos. Assim, “a criança se aproxima de um conceito quando resolve um problema, participa de um jogo ou de outra atividade lúdica que envolva esse conceito e que seja proposta pelo professor com a intencionalidade de ensiná-lo” (CURI, 2015, p. 40).

O jogo também se torna necessário na educação infantil, pois estimula a criança a desenvolver seu interesse e atenção para saberes matemáticos encontrados e construídos nos campos de experiência. Porém, é necessário que professores planejem os jogos para que os mesmos não fujam dos objetivos matemáticos pretendidos. O jogo para o ensino de matemática não serve apenas para diversão.

Utilizar o jogo na Educação Infantil significa transportar para o campo de ensino-aprendizagem condições para maximizar a construção do conhecimento, introduzindo as propriedades do lúdico, do prazer, da capacidade de iniciação e ação ativa e motivadora. (BRASIL, 1998, p. 37).

Assim como o jogo, as cantigas e as músicas estimulam as noções espaciais das crianças na educação infantil. Portanto, durante as atividades na educação infantil, o professor pode desenvolver uma atividade matemática motivadora e criativa oportunizando à criança, inclusive, resolver problemas.

Atividades com materiais recicláveis também contribuem para o desenvolvimento matemático da criança. Através deles a criança pode criar, construir, reconstruir, através da sua criatividade cognitiva. Além das atividades com materiais recicláveis contribuem para compreensão de valores na preservação ambiental formando cidadãos mais responsáveis e críticos.

É com essa intenção que a educação matemática em conjunto com a sustentabilidade pode estabelecer:

[...] relações entre conceitos e procedimentos dos diferentes campos da Matemática (Aritmética, Álgebra, Geometria, Estatística e Probabilidade) e de outras áreas do conhecimento, sentindo segurança quanto à própria capacidade de construir e aplicar conhecimentos matemáticos, desenvolvendo a autoestima e a perseverança na busca de soluções. (BRASIL, 2017, p. 267).

Em todo o contexto da Educação infantil, deve-se levar em conta que para o desenvolvimento de atividades matemáticas lúdicas, deve-se, segundo Krause (2022), evitar os principais equívocos dos professores relacionados ao letramento matemático na Educação Infantil: Adiantar a escolarização; Priorizar a grafia do número; Achar que as crianças não entendem; Reduzir tudo a figuras planas; Propor as tradicionais folhas xerocadas.

A matemática deve ser desafiadora, e é de extrema importância que o planejamento de qualquer atividade contribua para a base do aprendizado que será ampliado nos anos escolares seguintes.

3.2 Aprender matemática brincando: é possível?

Na educação infantil a criança deve se divertir e brincar, mas também construir conhecimentos que levarão para sua vida escolar. Portanto, as brincadeiras devem ocorrer de forma lúdica, favorecendo a aprendizagem da criança.

Nesse sentido, o ensino tradicional em dias atuais é ultrapassado. As demandas por mudanças de comportamento em prol da sociedade e do meio ambiente estão conduzindo a um repensar da educação, assim afirma Jacobi (2011):

[...]a educação deve se orientar de forma decisiva para formar as gerações atuais não somente para aceitar a incerteza e o futuro, mas para gerar esse um pensamento complexo e aberto às indeterminações, às mudanças, à diversidade, à possibilidade de

construir e reconstruir em um processo contínuo de novas leituras e interpretações do já pensado, configurando possibilidades de ação naquilo que ainda há por se pensar. (JACOBI, 2011, p. 2).

Outras formas de ensino são mais viáveis para que haja aprendizagem matemática na educação Infantil. As brincadeiras fazem parte do lúdico como recurso para um ensino de matemática mais humano, concreto e desafiador para as crianças, pois é através delas que “a criança efetua suas primeiras grandes realizações culturais e psicológicas e que expressa seus sentimentos e pensamentos” (MARANHÃO, 2004, p.17).

O ensino de matemática pautado em brincadeiras desenvolve na criança a sua socialização, memorização, noção de tempo e espaço, raciocínio lógico além dos aspectos afetivos e emocionais. Deve-se levar em conta que crianças pequenas já tem a noção de idade, divisão de lanche, autonomia para juntar objetos formando grupos. Seus conhecimentos prévios devem ser introduzidos nas brincadeiras, assim como o seu cotidiano, para que a brincadeira se torne interessante.

A criança utiliza a brincadeira para expressar seus sentimentos, ela não escolhe uma brincadeira por acaso, ela reflete suas inquietações, seus problemas. No momento que a criança brinca, ela pode revelar o que está acontecendo na sua mente. (MARANHÃO, 2004, p.17).

Devemos então fazer com que as brincadeiras sejam potenciais para o desenvolvimento do caráter integrador das crianças, proporcionando atividades matemáticas que desenvolvem sua autonomia.

Quando as brincadeiras são realizadas em grupo observamos crianças crescendo com noções de regras, respeito ao outro jogador e assim concorda-se “que a matemática pode ser um bom caminho para favorecer o desenvolvimento intelectual, social e emocional da criança” (LORENZATO, 2008, p. 1).

Ao levar brincadeiras para as aulas de matemática na educação infantil, professores devem estar disponíveis para ensinar brincando.

A capacidade lúdica do professor é um processo que precisa ser pacientemente trabalhada. Ela não é imediatamente alcançada. O professor que, não gostando de brincar, esforça-se por fazê-lo, normalmente assume postura artificial facilmente identificada pelos alunos. (KISHIMOTO, 2000, p. 122).

Além de estarem disponíveis para brincar, os professores devem planejar e escolher bem os brinquedos que envolverão nas atividades, pois “o brinquedo estimula a representação da realidade ao representá-la ela estará vivendo algo ou alguma coisa situação remota e irreal naquele momento” (MARANHÃO, 2004, p.17).

Os professores também precisam fazer registros para verificar se a aprendizagem das crianças foi alcançada. Os registros sobre brincadeira podem ser na forma oral, através de desenho ou texto (SMOLE, 2000, p.17).

É preciso entender que as crianças se comunicam de forma diferente. E as crianças precisam saber se entenderam e acertaram as atividades durante as brincadeiras.

A criança desenha e cria porque brinca. Para ela, a mesma concentração de corpo exigida ao brincar aparece no desenhar, nesse sentido o corpo inteiro está presente na ação, “concentrado na pontinha do lápis”, e aponta do lápis funciona como uma ponte de comunicação entre o corpo e o papel. Sabemos também que o desenho para registrar uma vivência é muito significativo para a criança na Educação infantil porque é a sua primeira linguagem de expressão e comunicação de suas percepções do mundo. (SMOLE, 2000, p.17).

Aprender matemática pode ser divertido. Aprender com brincadeiras pode ser fascinante. Nesta fase, a educação infantil, é essencial que professores que ensinam matemática compreendam que depende deles o fascínio inicial (ou não) das crianças pela matemática, assim a brincadeira pode ser sua aliada.

3.3 Sugestão de atividades matemáticas para crianças de 3 anos

Após as reflexões iniciais apresentadas nesta pesquisa, selecionamos cinco brincadeiras com foco nos saberes matemáticos. Nosso intuito é oferecer sugestão de atividades a serem desenvolvidas por professores na Educação Infantil.

a) Brincadeira 1: Dominó de frutinhas

Esta brincadeira trabalha a interação em grupo e desenvolve saberes matemáticos. Também ajuda na socialização do raciocínio lógico como contagem em sequência.

Figura 1: Dominó de frutinhas para educação infantil



Fonte: <https://www.elo7.com.br/domino-de-frutas/dp/14D5055>

Como brincar:

Os quatro participantes deverão dividir as peças entre si. Cada jogador deverá pega sete peças. O mediador do jogo deverá criar critérios para decidir quem irá iniciar o jogo, vence a partida quem no final, das rodadas colocar a última peça no jogo.

b) Brincadeira 2: Tangram

Está brincadeira é excelente para crianças aprenderem as formas geométricas, raciocínio lógico, as cores, habilidades visuais e análise de figuras e assim criarem formas com as peças coloridas, usando sua criatividade e imaginação.

Figura 2: Tangram para educação infantil



Fonte: <https://www.papelariaartnova.com.br/brinquedos/brinquedo-educativo-e-didatico/tangram-madeira-35-pecas-3029-carlu/>

Como brincar:

Primeiro vamos copiar uma imagem de um animal ou outra figura, e colocar visível para as crianças reproduzirem, em duplas. Uma criança dará as dicas e outra construirá a figura.

c) Brincadeira 3: Jogo da velha

Esta brincadeira pode ser trabalhada para desenvolver alguns saberes básicos da matemática, como quantidade, linhas horizontal e vertical e transversal, além de envolver a atenção e concentração das crianças.

Figura 3: Jogo da velha para educação infantil



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/140807925839837125/>

Como brincar:

Vamos precisar de um tabuleiro de nove casas. Precisaremos também de dois tipos de pinos, com cinco pinos de cada temas que pode ser bolinhas ou x e até mesmo de carinha de bichinho divertido de alguma historinha. Cada jogador terá uma chance e o objetivo da brincadeira é formar um trio de pinos na diagonal, horizontal ou vertical, ou seja, ao mesmo tempo que você deve criar o seu jogo para forma o trio, deve impedir o adversário de fazer o trio dele.

d) Brincadeira 4: Culinária

Esta atividade estimula as crianças a desenvolverem noções de quantidade, os conceitos: mais que, menos que, maior, menor, leve, pesado, pedaço e metade, trabalha também noções de higiene e frações.

Figura 4: Salada de frutas para educação infantil



Fonte: <https://colegiosantamariarj.com.br/servicos-academicos/destaque/salada-de-frutas-na-educacao-infantil-2/>

Como brincar, ou seja, a receita de salada de frutas:

Cada criança vai trazer uma quantidade de fruta pedido pela professora, como:

4 bananas

2 laranjas

3 maçãs

1 banda de melão

1 cacho de uva

1 caixinha de creme de leite

Juntos, professora e crianças, descascam todas as frutas e cortam em pedaços, misturando com o creme de leite.

e) Brincadeira 5: Boliche

Esta brincadeira promove uma excelente aprendizagem e desenvolvimento de saberes matemáticos, como noções de distância, espaço, organização, concentração, atenção e raciocínio lógico.

Figura 5: Boliche para educação infantil



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/425801339766754769/>

Como brincar:

Para brincar de boliche serão necessárias 10 garrafas pet cheias, tanto de papel ou bolinha de gude, para ficar em pé na parede. Depois é só arrumar as garrafas no formato de um triângulo e cada criança tem direito a dois arremessos por vez e assim sucessivamente ou até fazer strike.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa nos permitiu compreender que a necessidade de uma crescente de atividades matemáticas pautadas em brincadeiras que podem ajudar a desenvolver os saberes das crianças, ainda com três anos.

Entendemos que na Educação Infantil os saberes matemáticos das crianças ainda estão em construção, por isso demanda um esforço do professor para fortalecer visões integradoras que centradas no desenvolvimento infantil estimulem uma reflexão em torno das diversidades e da construção de sentidos em torno das relações criança-escola-matemática.

Acredita-se que, na escola, ensinar através de componentes jogos, brinquedos e brincadeiras, pode ser um caminho para levarmos a matemática de forma lúdica para sala de aula da Educação Infantil.

Brincando com a matemática também pode ajudar a desenvolver conteúdos atitudinais nas crianças.

Acreditamos ter respondido positivamente ao objetivo desta pesquisa quando, além

de refletirmos sobre a temática, apresentamos sugestões de atividades que possibilitam o desenvolvimento de conhecimentos matemáticos nas crianças de três anos.

Conclui-se afirmando que para uma Educação Infantil inovadora, que prime pelos direitos de aprendizagem, é relevante levarmos brincadeiras e jogos que possibilitem o desenvolvimento do raciocínio lógico ainda relacionado aos primeiros conhecimentos matemáticos em crianças pequenas.

Desta forma, se almejamos uma educação matemática que trate do brincar como meio para aprender, atividades que se utilizem de brincadeiras e jogos podem agregar conhecimentos para a vida.

Nesse viés, destacamos que o papel dos professores da Educação Infantil é essencial para impulsionar as transformações de uma educação matemática que assume um compromisso com a formação de crianças em suas primeiras fases escolares.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. Investigação qualitativa em educação. Tradução de Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

_____. RCNEI – Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil – Brasil:1998.

ENGELMANN, J. (Org.). Jogos matemáticos: experiências no PIBID. Natal: IFRN, 2014.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GITIRANA, V.; TELES R.; BELLEMAIN, P.; CASTRO, A.; CAMPOS, I; LIIMA, P.; BELLEMAIN, F. (Org.). Jogos com sucata na Educação Matemática. Projeto Rede. Recife: NEMAT: Ed. UFPE, 2018.

KISHIMOTO, T. M. Jogo, brinquedo, brincadeiras e a educação. 4. ed. São Paulo, Editora Cortez: 2000.

KRAUSE, M. Educação Infantil: como favorecer o letramento matemático com atividades lúdicas e investigações. Nova Escola. 01. Jan. 2022. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/21335/educacao-infantil-comofavorecer-o-letramento-matematico-com-atividades-ludicas-e-investigacoes>. Acessado em: 17 de setembro de 2022.

LORENZATO, S. Educação Infantil e percepção matemática. Campinas: Autores Associados,

2008.

_____. (Org.). O Laboratório de ensino de matemática na formação de professores. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. (Coleção Formação de professores).

_____. Para aprender matemática. Campinas, SP: Autores Associados, 2010. (Coleção Formação de professores).

MARANHÃO, D.N.M.M. A importância do brincar e seu significado. In: MARANHÃO, D.N.M.M. Ensinar brincando: aprendizagem pode ser uma grande brincadeira. Rio de Janeiro: WAK, 2004.

OECD. Pisa 2012. Assessment and Analytical Framework: Mathematics, Reading, Science, Problem Solving and Financial Literacy, OECD Publishing. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1787/9789264190511-en>. Acesso em: 11 de setembro de 2022.

SALLES, F.; FARIA, V. Currículo na educação infantil. 2. ed. São Paulo: Ática, 2012.

SMOLE, K. S; DINIZ, M.I. CÂNDIDO, P. Brincadeiras Infantis nas Aulas de Matemática. Porto Alegre, RS: Artmed, 2000.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: contribuições para o desenvolvimento da linguagem da criança de primeira infância.

JOSIANE DOS REIS COELHO
LIVIA MARIANA COSTA

RESUMO

O presente trabalho é resultado de estudo sobre os contos e a contribuição na linguagem das crianças de primeira infância, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, sobre o uso da contação de histórias no processo de ensino-aprendizagem. O embasamento teórico deste trabalho foram os autores Martins, Coutinho, Abramovich dentre outros. A metodologia usada foram pesquisas, entrevistas; constatando o quanto a contação de histórias de forma lúdica e prazerosa possibilita trabalhar o cognitivo e principalmente a linguagem das crianças. Desta forma, ficou evidente como os contos é um aliado valioso na rotina escolar, permitindo tanto o aluno como o professor penetrar ao mundo da imaginação para adentrar as mentes dos educandos, construindo assim futuros leitores. O objetivo do trabalho é analisar de qual forma a prática de contar histórias, na Educação Infantil, pode contribuir para o desenvolvimento da linguagem da criança de primeira infância, aborda-se primeiramente sobre a arte de contar história, fazendo-se um breve relato histórico sobre a temática. Posteriormente escreve-se sobre a literatura infantil e a BNCC, apresentando suas relações e reflexões na prática escolar e por conseguinte analisa-se sobre as contribuições da contação de histórias, na Educação Infantil, elencando, dentre outras coisas, seus impactos no desenvolvimento da linguagem em criança, na primeira infância e por fim faz a conclusão, fazendo um estudo de cunho investigativo crítico e principalmente reflexivo, pois após as pesquisas bibliográficas, permite-se algumas reflexões sobre os contos utilizados pelas professoras de educação infantil e de que forma a aprendizagem se torna tão significativa nesse processo.

Palavras – chave: Contação de História; Educação Infantil; Primeira Infância.

ABSTRACT

The present work is the result of a study on tales and their contribution to the language of early childhood children. It is bibliographical research on the use of storytelling in the teaching-learning process. The theoretical foundation of this work were the authors Martins, Coutinho, Abramovich among others. The methodology used were surveys, interviews; noting how storytelling in a playful and pleasurable way makes it possible to work on the cognitive and especially the language of children. In this way, it became evident how stories are a valuable ally in the school routine, allowing both the student and the teacher to penetrate the world of imagination to enter the minds of students, thus building future readers. The objective of

¹ Aluna do curso de Pedagogia, Faculdade Laboro. gesiane6387@aluno.laboro.edu.br

² Docente da Faculdade Laboro, curso de Pedagogia. walleria@laboro.edu.br

this work is to analyze how the practice of storytelling, in Early Childhood Education, can contribute to the development of the language of the early childhood child, it first approaches the art of storytelling, making a brief historical account. about the theme. Subsequently, it is written about children's literature and the BNCC, presenting their relationships and reflections in school practice and therefore analyzing the contributions of storytelling, in Early Childhood Education, listing, among other things, its impacts on language development as a child, in early childhood and finally makes the conclusion, making ^{a study of a critical and mainly reflective} investigative nature, because after the bibliographical research, some reflections are allowed on the tales used by the teachers of early childhood education and how learning becomes so significant in this process.

Keywords: Story telling; Early Childhood Education; Early Childhood.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Laboro tem por objetivo analisar de que forma a prática de contar histórias, na Educação Infantil, pode contribuir para o desenvolvimento da linguagem da criança de primeira infância. Para fundamentar, serão utilizadas as teorias de Abramovich (1994), Martins (1994), Coutinho (1997), dentre outros.

É de interesse argumentar a necessidade de propor práticas mais lúdicas e prazerosas, como contar e ler textos. Os contos infantis auxiliam no desenvolvimento da fantasia, ao mesmo tempo que estabelecesse uma relação significativa da criança com o que está sendo apresentado a elas através do que está sendo lido.

Trata-se de uma temática relevante, pois visa refletir sobre como a prática de contar histórias de contribuir para a aprendizagem na educação infantil, analisando seus impactos no desenvolvimento da criança em sala de aula.

O interesse pela temática surgiu em razão da admiração e curiosidade vivenciada no cotidiano, em uma turma de Educação Infantil.

Durante a contação de histórias, é notório a maior concentração, o aguçamento da imaginação, além da fascinação pela história contada, demonstrada pelas crianças.

Neste sentido, este trabalho de conclusão de curso está organizado em cinco tópicos: Introdução, onde será apresentado o tema e sua relevância, trazendo um breve resgate sobre seus impactos cognitivos na Educação Infantil; no segundo tópico faz-se um relato sobre a arte de contar história, citando de forma cronológica, um breve histórico sobre o surgimento da arte contar história, no terceiro tópico far-se-á uma breve discussão sobre a literatura infantil e a BNCC, apresentando suas relações e reflexões na pratica escolar; no quarto, relato sobre as contribuições da contação de histórias, na Educação Infantil, elencando, dentre outras coisas seus impactos no desenvolvimento da linguagem em crianças; para finalizar, serão feitas as devidas considerações finais.

Este trabalho tem como metodologia a pesquisa bibliográfica, realizando-se um levantamento e revisão de obras, como livros e artigos sobre a temática, além de expor a importância da contação de histórias nas práticas educativas desenvolvidas para crianças de primeira infância.

2 A ARTE DE CONTAR HISTÓRIA

A história dos contos é muito remota, não se sabe ao certo quando surgiu, alguns registros são da tradicional contação oral, incluindo até mesmo a bíblia.

Foi na idade média, que os contos ganham uma certa elaboração, despertando o interesse dos leitores: foi nessa época que surge os contos populares, infantis, galante, conto moral e o conto-fábula. Um pouco mais adiante os contos ganham melhor estrutura, com recurso criativos e melhor estética.

Na metade do século XIX o escritor Allan Poe estabeleceu regras estéticas, passando a ter coerência e o desfecho.

É no século XIX, que os historiadores consideram como “século de ouro dos contos”. Nessa época no Brasil os escritores passam a explorar esse tipo de narrativa.

O Brasil passava por um período delicado de mudanças, principalmente no seu quadro político, saindo da Monarquia para a República, com essas mudanças surge a classe média e com ela a necessidade da criação de literatura infantil. Como essa época era escassa de autores do segmento infantil, era necessário adaptações dos contos para adultos.

Foi somente no século XX que surge autores do segmento, como Monteiro Lobato, Ana Maria Machado, dentre tantos outros. Foi a partir de 1970, que ocorre o apogeu da Literatura Infantil, passando a ser desenvolvidas obras diretamente para o público infantil. Passando as crianças a serem vistas como um leitor em potencial. As obras passam a ter maior proximidade com a realidade do cotidiano, possibilitando que os professores pudessem apresentar as crianças esse mundo maravilhoso de fantasias, usando tal recurso no processo de alfabetização ou até mesmo no entretenimento.

Abaixo, para melhor contextualizar, a L.I passa por 4 fases no Brasil até sua total incorporação:

- ✓ No fim do século XX, o país começava sua modernização, sendo a escola responsável por repasse de valores patrióticos aos alunos. Nessa época as obras passavam por tradução e eram adaptas, uma vez que não havia livros destinados ao público infantil.
- ✓ Foi entre, 1920 e 1945, que o Brasil passa por conflitos, especialmente na educação, apresentando um índice muito alto de analfabetismo. Nessa época propõem-se a Reforma Educacional, surgindo então a Escola Nova. Nessa mesma época surge Monteiro Lobato, com publicações voltadas para o público infantil.
- ✓ Na década de (50e 60), entra o período da democracia, entrando em validade a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, sendo aprovada no ano de 1961.
- ✓ A L.I ganha transformações entre 1970 e 1980, ganhando novos autores e obras, trazendo ima linguagem mais realista e próxima do público infantil, levando o cotidiano em consideração. É nesse período que surge, brincadeiras, histórias de ninar e as histórias folclóricas.

A partir daí os professores passam a explorar melhor esse gênero, utilizando como aparato na alfabetização, aliando aprendizagem ao prazer.

Trabalhar com contos é vivenciar o universo imaginário e o encantamento despertado nas crianças. As obras literárias permitem que seja trabalhado o desenvolvimento sensorial, cognitivo e emocional. Professores que oferecem a leitura de forma gradativa, fazem com que as crianças tomem gosto pelos livros, em relação a educação infantil o ouvir as histórias.

É necessário que o contador saiba a diferença entre a leitura e a contação, pois a leitura se dar por guardar as falas do autor, não modificando as falas do texto e já na contação vai-se além disso, o contador pode modificar, interpretar e até caracterizar as falas do texto. Outra característica importante é que seja criado um ambiente de encantamento e envolvimento entre os ouvintes e a história contada, atentando-se para as pausas e intervalos, para que assim seja respeitado o tempo de imaginação da criança/ouvinte, deixa-a criar seus próprios personagens com todas as características por ela imaginada.

Para isso, o contador de história poderá utilizar-se diversos recursos como: o teatro infantil, poesias, fantoches dentre outros, para transmitir a história aos seus ouvintes, pois é nesses momentos que surge à criatividade do professor da Educação Infantil para atingir os objetivos propostos.

É importante durante a contação utilizar-se textos curtos, simples e de fácil compreensão, pois é direcionado para faixa etária das crianças pequenas. O contador deve utilizar muita imaginação e criatividade, trabalhar a gesticulação, sinais, movimentos corporais e a oralidade para representar cada personagem, até mesmo vestimentas, adereços, musicalização e fantoches, dessa forma o encantamento do público pela história contada quase sempre é garantido.

O autor ABRAMOVICH ressalta que, “É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica(..)” (ABRAMOVICH, 1997, p. 17)

A contação traz um leque de possibilidades que varia entre diversas histórias, trabalhando o emocional, o cognitivo, a imaginação, a socialização, entre outros, contribuindo para que as crianças, inclusive vençam seus medos e anseios, encontrando nas histórias, muitas das vezes, o alívio para diversas angústias, podendo fazer seu próprio final feliz.

Segundo Castro, a literatura infantil concede autonomia às narrativas fantásticas, em que tudo pode vir a acontecer, nas quais se permite a mistura do real e o ilusório fugindo-se, às vezes, do limite da realidade, dando vida a um universo mágico e fantasioso que agrada ao público mirim e, ao mesmo tempo, auxilia no desenvolvimento cognitivo, linguístico e social da criança.

O contato com as histórias promove a aproximação dos textos ao universo das crianças, criam familiaridade. Trabalhar diferentes gêneros literários, livros ilustrados e livros escritos propicia a aprendizagem da leitura e escrita e essa manipulação insere o livro no contexto da criança.

Por meio desse convívio, as crianças podem construir hipóteses sobre a escrita, começam a conhecer as letras, iniciam com escritas espontâneas, e isso significa que estão iniciando o processo de compreensão da escrita como um sistema de representação da língua.

3 A LITERATURA INFANTIL

A Literatura Infantil pode ser vista como uma porta de entrada para o universo da leitura. Para entendermos a importância dessa literatura na

formação do ser humano, faz-se fundamental olhar para a variedade de textos que a compõem: fábulas, contos de fadas, contos maravilhosos, mitos, lendas, adaptações de grandes clássicos da literatura mundial, parlendas, trava-línguas, adivinhas, além de textos autorais narrativos e poéticos. Temos, assim, um vasto material repleto de histórias, memórias, diversidade cultural, fantasia, encantamento e valores humanos.

Na educação da primeira infância, a literatura infantil é uma etapa fundamental para o aprendizado e para as experiências no processo educativo. Nesse sentido, o educador possui um papel importante em mediar os textos com as crianças, pois podem contribuir para desenvolver na criança o gosto pela leitura, estímulo da imaginação e ampliação do conhecimento de mundo.

A definição de literatura infantil inicia-se no instante em que a aflição da comunidade se desperta para a criança, “Passa a deter um novo papel na sociedade motivando o aparecimento de objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro) ou novos ramos da ciência (a psicologia infantil, a pedagogia ou a pediatria) de que é destinatária “. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1988, P.17).

Na Idade Média, o ensino era denominado pela Igreja Católica, e sua metodologia era voltada para os membros da nobreza e do clero. Sendo assim transmitia uma cultura erudita, o ensino se norteava em decorar, no acúmulo de saberes e instrução do indivíduo.

Por causa das contínuas modificações que acontecem na educação e a inquietação que se destaca crescentemente em formar o estudante inteiramente, isto é, contribuir para o estudante se transforme em uma pessoa desenvolvida para a vida crítica, determinado tendo conhecimento do seu papel enquanto cidadão, descobrindo a relevância pela leitura no desenvolvimento do saber do sujeito; considerando o fato de que ao ler se aprende a explicar o sortido mundo que a literatura infantil descreve. Sendo capaz de interpretar espontaneamente, desta forma ocorre a ação de criticar.

3.1 A Literatura infantil e a BNCC

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) visa normatizar e define o conjunto progressivo de aprendizagens a serem desenvolvidas durante toda etapa da Educação Básica.

BNCC, “documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todas os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidade da Educação Básica” (Brasil. 2018, p.7).

Na educação infantil, a BNCC estabelece cinco campos de experiências:

- O eu, o outro e o nós
- Corpo, gesto e movimento;
- Escuta, fala, pensamento e imaginação;
- Traços, sons, cores e formas;
- Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. (Brasil. 2018, p.7).

De modo que a literatura Infantil seja mais bem aproveitada na Ed. Infantil, a literatura é mais bem explorada no campo de experiência escuta, fala, pensamento e

imaginação; com objetivos travados para ampliar a criatividade e o desenvolvimento das crianças.

É por meio dele se desperta o gosto pela leitura, explorando o conhecimento de mundo, permitido que o aluno participe de todo o processo.

A literatura aparece na Ed. Infantil com as experiências que o professor proporciona aos seus alunos, com o intuito de que conheçam a si, através das mais diversas propostas. Outra forma é a apresentação dos contos e da troca com as crianças na vivência da contação de histórias, dramatizações e afins, com o objetivo de despertar o gosto pela leitura descobrindo as sensações que só os contos podem proporcionar.

“As crianças vão construindo hipótese sobre a escrita que se revelam, inicialmente em rabiscos e garatujas e, à medida que vão conhecendo letras, em escritas espontâneas, não convencionais, mas já indicativas da compreensão da escrita como sistema de representação da língua.” (Brasil, 2018, p.43)

Desde pequeno se deve ter o acesso aos livros não apenas folhear, mas pela conversa, pela história narrada, pela poesia, pelo acorde, estimulando a criança a apreciar a leitura. A partir desse momento manifesta-se o desejo em atingir como público-alvo a educação infantil.

4. A CONTRIBUIÇÃO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS, NO CONTEXTO EDUCAÇÃO INFANTIL.

Desde muito cedo as crianças são expostas as histórias infantis e começam a reconhecer e relacionar com a realidade por meio da afetividade que as narrações proporcionam.

Nessa fase de desenvolvimento infantil a criança faz elaboração de seu conhecimento com a realidade por meio dos momentos que lhe dão prazer, tragam emoção. A literatura precisa ser assimilada pelos alunos para que possam ter conhecimento de mundo. Coelho fala que:

“Para que essa assimilação se cumpra, é necessário que a leitura consiga estabelecer uma relação essencial entre o sujeito que lê e o objeto que é o livro lido. Só assim o conhecimento da obra se fara e sua leitura se transforma naquela aventura espiritual.” (COELHO, p. 21, 2000)

O poder de assimilação deverá ser trabalhado pelo professor, para assim ter maior conhecimento gerado. Os livros e contos devem ser apresentados de forma que os alunos gostem e queiram mais, mas tomando o cuidado para ser lúdico e prazeroso.

Na educação infantil, os contos devem ser acompanhados com entusiasmo por todos os participantes. A escola é o principal ponto de partida onde as crianças adquirem o prazer pelas narrativas, que uma vez adquirido irá se perpetuar por toda a vida adulta. Para Bettelheim, “Ouvir um conto de fadas e absorver as imagens que ele representa pode ser comparado a espalhar sementes, de que apenas algumas serão implantadas na mente das crianças...” (BETTELHEIM, p.217,2007).

Os contos servem como aparato para compreensão intelectual, ajudando a criança a entender a si própria a orientando. Enquanto se narra uma história, a criança

flui a fantasia, ao mesmo passo que se sente satisfeita, traduzindo as imagens no seu subconsciente.

As crianças na primeira infância ainda não possuem real compreensão da leitura como um todo, mas isso não as impedem de ter contato com os livros, como folhear, olhar gravuras que são atraentes e despertadas para as narrativas.

O contar as histórias possibilitam a elas melhor assimilação, uma vez que estas são curiosas e estão em fazer de descobertas, interagindo e participando de todo o processo. Quando a criança é estimulada a outras narrativas desde pequenas, elas acabam por desenvolver o prazer pelo conteúdo, que as leva ao caminho do conhecimento, o que é fundamental para o desenvolvimento da consciência do que lhes é transmitido.

Coelho diz que:

“Através de uma leitura expressa através de desenhos ou sequências, como perguntas, comentários, etc., feitos em tom alegre e interessado, o adulto vai favorecendo a criação do clima de empatia que deve existir entre a criança e o livro.” (COELHO, p.201,2000)

É na educação infantil que se enraíza os futuros leitores e amantes dos gêneros literários, devendo ser explorado ao máximo pelos docentes.

Os contos por se apresentarem em forma lúdica acabam por oferecer as crianças um escape do realismo para o mundo fantasioso. As crianças na primeira infância, estão em fase de desenvolvimento de seus valores e principalmente de sua personalidade. Através da contação de histórias as crianças compreendem melhor o sentido das narrativas, o que por si só gera conhecimento.

Tudo deve ser feito pedagogicamente, com a finalidade de que os educandos demonstrem suas capacidades na hora da interpretação, da compreensão; tornando uma aula de forma dinâmica poderá proporcionar de forma gradativa, o entendimento dos alunos, contribuindo para o aprendizado de forma significativa.

4.1. A contribuição da contação de história no desenvolvimento da linguagem em crianças de primeira infância.

A linguagem oral é uma figura de comunicação remota pelas pessoas, contudo o ato de contar histórias tem um papel fundamental no desenvolvimento das crianças, ajudando a desenvolver a oralidade, aprimorando a memória, é por isso que a contação de histórias é uma experiência enriquecedora na primeira infância.

Abramovich (1989, p 16) afirma que “importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias, escutá-las é o início da aprendizagem, para ser leitor e ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão de mundo.”

Sabe-se que o elemento central na comunicação de uma criança é o desenvolvimento da fala, ouvir narrativas desde cedo propicia o enriquecimento do vocabulário e a interação

das crianças como o mio.

Na educação infantil a contação de histórias está inserida cada vez mais cedo, trabalhando a escuta, pensamento, imaginação; com isso dá-se um foco maior na comunicação oral juntamente com a escrita construindo assim parâmetros linguísticos do ser em desenvolvimento.

Contar histórias é uma ferramenta importante para aquisição da linguagem oral. Partindo do pensamento de Vygotsky, pode-se entender que as crianças se desenvolvem através das interações sociais, nas relações com os outros. Diante deste exposto, destaca-se a citação abaixo:

“Para Vygotsky, as crianças se socializam, pois elas não são sociais por natureza, produzem-se no

meio social, são seres interativos. Ao seu ver o desenvolvimento é um processo que deve considerar os aspectos biológicos e estes se transformam em culturais. Portanto, a criança se constitui como sujeito interativo e, neste processo, utiliza a dala como instrumento para organizar o pensamento.” (COSTAS E FERREIRA, 2010 p. 209)

São nas experiências sociais que as crianças vão construindo conhecimento e ampliando o domínio linguístico ao mesmo passo que amplia seu repertório de fala, melhora a socialização.

Considerando essas falas, entende-se que a contação de histórias contribui com autonomia linguística, o que garante domínio para o mecanismo da comunicação.

Tahan (1964) aponta os benefícios da contação de histórias para o desenvolvimento infantil, conquistas e aprendizagens que a criança alcança ao ouvir histórias, a saber:

- a. Expansão da linguagem infantil - enriquecendo o vocabulário e facilitando a expressão e a articulação;
- b. Estímulo à inteligência - desenvolvendo o poder criador do pensamento infantil;
- c. Aquisição de conhecimentos – alargando os horizontes e ampliando as experiências da criança;
- d. Socialização – identificando a criança com o grupo e ambiente, levando-a estabelecer associações, por analogia, entre o que ouve e o que conhece;
- e. Revelação das diferenças individuais - facilitando à professora o conhecimento de características predominantes em seus alunos, evidenciadas através das reações provocadas pelas narrativas;
- f. Formação de hábito e atitudes sociais e morais - através da imitação de

bons exemplos e situações decorrentes das histórias, estimulando bons sentimentos na criança e incitando-a na vida moral;

g. Cultivo da sensibilidade e da imaginação - condição essencial ao desenvolvimento da criança;

h. Cultivo da memória e da atenção – ensinando a criança a agir e preparando-a para a vida;

i. Interesse pela leitura - familiarizando a criança com os livros e histórias,

despertamos, para o futuro, esse interesse tão necessário

(TAHAN, 1964, p. 21).

Diante do que a contação de histórias proporciona, Tahan elenca os vastos benefícios e o que deixa evidente é que ela aprimora a expansão da linguagem infantil, facilitando com isso a articulação e a expressão do indivíduo em desenvolvimento; vale ressaltar que a aquisição de conhecimento, expande os horizontes, ampliando assim as experiências que as crianças adquirem ao ouvir narrativas. Ao mesmo tempo em que o professor trabalha a contação como metodologia de ensino aprendizagem em sala de aula, conhece e familiariza-se com os educandos despertando o interesse pela leitura.

Na educação infantil a contação de histórias é um recurso muito utilizado, e ganha mais força a cada ano.

Essa prática estimula a atenção, a imaginação e a curiosidade das crianças. Trabalhando o desenvolvimento social e o cognitivo dos discentes. Pois trabalhar de forma improvisada, traz interação tornando o momento muito mais prazeroso e envolvente.

Ao ouvir histórias as crianças têm contato com outras realidades. Um dos benefícios da contação é o estímulo a oralidade e a comunicação. Não somente a comunicação, mas os sentimentos como alegria, medo, angústia... proporcionando habilidades socioemocionais, que serão importantes para toda a vida.

A contação de histórias não apenas é uma ferramenta para a construção de leitores, como também a que garante o enriquecimento em todo o processo educacional. Ao mesmo tempo que enriquece o vocabulário, torna a comunicação mais vasta.

Coelho (2006, p.26) afirma que “a criança que ouve histórias com frequência educa sua atenção, desenvolve a linguagem oral e escrita, amplia seu vocabulário e principalmente aprende a procurar nos livros novas histórias para seu entretenimento”.

Desta forma esse recurso torna-se fundamental para as crianças que estão em fase de aquisição da linguagem, prática imprescindível no desenvolvimento da criança.

Por fim, percebe-se que a pesquisa a pesquisa reconhece que a prática de contar histórias, auxilia na linguagem e formação de sujeitos leitores, possibilitando ao mesmo tempo uma experiência lúdica, como desperta outros aspectos já discutidos nesse trabalho de conclusão de curso.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a finalidade de compreender como a contação de histórias contribui para o desenvolvimento linguístico das crianças de primeira infância, e de modo a tornar evidente a prática em sala de aula, foi feita uma análise e pesquisa bibliográfica a despeito do tema tratado.

A natureza deste estudo foi fazer uma investigação crítica e principalmente reflexiva. Após a pesquisa bibliográfica que foram a base para construção de todo o estudo, permitiu-se algumas reflexões sobre os contos utilizados pelas professoras de educação infantil.

Durante a abordagem do referido tema fez-se explanação sobre o uso dos contos em sala de aula e como eles contribuem de forma positiva para a ampliação da linguagem e vocabulário dos alunos.

Com base nos resultados alcançados conclui-se que a contação de histórias ocupa lugar de privilégio dentre das práticas na educação infantil, sendo essa ferramenta significativa e fonte de estímulos na interação e desenvolvimento linguístico.

Contar histórias é um exercício que favorece a escuta premente, aumentando o repertório de palavras, além de conhecimentos, isso porque articula as mais diversas formas de expressão; sons, palavras e oralidade. É também através dela que aprimora a escuta e a sensibilidade auditiva, favorecendo assim sua contribuição no desenvolvimento da linguagem de crianças de primeira infância.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil, Gostosuras e Bobices**. São Paulo: Scipione, 1994.
- ARAUJO, Felipe. WUENENBURGER, Jean- Jaques, **Educação e Imaginário**; introdução a filosofia do imaginário educacional. São Paulo: Cortez, 1988. P.77-105.
- BERMEJO. Ernesto. **Conversas com Cortázar**. Rio de Janeiro: editora Jorge Zahar. 2002.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 14 ed. São Paulo: paz e Terra.2000.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base*. Brasília: MEC/Secretária de Educação Básica,2018.
- CÂNDIDO, Antônio, In FESTER, A, C, Ribeiro (org.), **direitos humanos e Literatura**. São Paulo: Braziliense, 1989.
- CASTRO, Wanessa Cristina Rodrigues dos Santos. **Literatura Infantil na formação docente no curso de Licenciatura Plena em Letras, uma Reflexão sobre o exercício profissional**. Disponível: <<https://www.catolicadeanapolis.edu.br/revmagistro/wp-profissional.pdf>>. Acesso em: 31 de Out de 2022.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise e didática**/ Nelly Novaes Coelho. – Ed.-São Paulo: Moderna, 2000.

COELHO, N.N. **literatura Infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

FARIA, M.A. **como usar a Literatura Infantil na sala de aula**. 3 ed. São Paulo: contexto, 2004.

Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Vol. 3. Brasília, DF> 1998.

LAJOLO, M. (1988). **A voz Infantil da e na Literatura Infantil**. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e ciências Humanas. Brasil.

MELLO. Ana Maria. **Caminho do conto brasileiro**. Porto Alegre: Revista de ciências e Letras da FAPA, 2000.

SILVA, Emanoela Cargnin da. **Uma boa história, um bom contador, uma criança e a imaginação**: características da contação de histórias. Revista Educação Pública, v. 21, nº 22, 15 de junho de 2021. Disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/22/uma-boahistoria-um-bom-contador-uma-crianca-e-a-imaginacao-caracteristicas-da-contacao-de-historias>>. Acesso em: 18 de Out de 2022.

ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil para crianças que aprendem a ler**. Caderno de pesquisa. Da pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre. V. 52,1985.

VYGOTSKY, L.S. **Obras Escodas**. Torno II. Madrid: Visor,2001.

TAHAN, M. **A arte de ler e contar histórias**. 4 ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1964.

ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL COM O USO DOS RECURSOS LÚDICOS

¹Michely das Mercês Siqueira Rodrigues

²Isabelle Christine Vieira da Silva Martins

³Andréa Dias Reis

RESUMO

Em virtude da má alimentação e excessivo ganho de peso de um número considerável de crianças na fase escolar, devido a uma alimentação com alta ingestão de doces, carboidratos e alimentos não-proteicos, considera-se que essas atitudes repercutirão nas escolhas alimentares e no desenvolvimento do hábito alimentar inadequado. Logo, estes podem influenciar no estado nutricional ao longo da vida. Contudo os aspectos lúdicos podem auxiliar na motivação e aprendizagem de crianças, conseqüentemente também pode ser utilizado para mudança de hábitos, prioritariamente para uma alimentação saudável. Este trabalho tem como objetivo analisar a influência do lúdico para o consumo de comida saudáveis. Esta revisão de literatura tem finalidade de incentivar a alimentação saudável para crianças por meio da ludicidade.

Palavras-chave: Alimentação saudável. Atividades lúdicas. Educação infantil.

1. INTRODUÇÃO

Durante os primeiros anos de vida, a alimentação saudável é essencial, pois promove o bem-estar, o crescimento e ajuda a prevenir uma série de problemas de saúde. A nutrição inadequada é um dos fatores que contribuem para o surgimento de doenças crônicas não transmissíveis. Sabe-se que a infância e adolescência são as fases que se consolidam os hábitos alimentares, portanto é necessário o entendimento dos seus fatores determinantes, para que seja possível propor processos educativos para a mudança do padrão alimentar ainda nesse período (PRIORE, et al., 2010).

Neste sentido, Monteiro, Conde (2000) e Monteiro et al., (2000), demonstram que a população brasileira tem passado nas últimas duas décadas, a situação epidemiológica na qual o problema da desnutrição é substituído pelo problema de obesidade, em função da modificação dos hábitos de vida da população em geral. A prática do uso de recursos educativos para o consumo infantil estimula a curiosidade e estimula o consumo de alimentos ricos em vitaminas e nutrientes, que são excelentes fatores de auxílio à memória, atenção e concentração (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL, 2020).

Embora os pais sejam os principais responsáveis por incluir hábitos alimentares

¹A Discente do curso de Pedagogia da Faculdade Laboro

²Coorientadora. Nutricionista e doutora em Neurociências e Biologia Celular da Universidade Federal do Pará;

³Orientadora. Professora na Faculdade Laboro e Docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação Física-UFMA

saudáveis em seus filhos, é fundamental que as escolas trabalhem para desenvolver atitudes e sugestões de atividades que apoiem o aprendizado sobre a alimentação. Kishimoto (2014) descreve sobre a importância do lúdico para as crianças, pois provoca melhor aprendizado ao fornecer a sensação de prazer. Com isso, a importância dos programas de formação de professores para auxiliar na transformação prática dos hábitos alimentares nas escolas permite melhorias no ensino que têm como base motivar os alunos por meio de jogos, brincadeiras e atividades instrucionais que proporcionem atenção e motivação na realização das atividades.

Assim, o presente estudo tem como problemática: Como introduzir de forma lúdica o interesse e o incentivo à alimentação saudável na educação infantil? Tendo em conta as várias soluções práticas, é fundamental que o mediador neste processo procure estratégias de ensino que possam motivar os alunos e despertar o interesse ao longo das aulas de forma a incentivar e recompensar hábitos positivos.

Em relação às práticas educativas utilizadas para estimular o reconhecimento criativo e corajoso, é importante destacar que o processo é contínuo e que a abordagem estimula o estímulo ao longo de todo o processo da vida. Sendo assim, o objetivo deste estudo é analisar a influência do lúdico para o consumo de comida saudáveis.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. Alimentação saudável e a alimentação da criança

Uma alimentação saudável deve ser baseada em práticas alimentares assumindo a significação social e cultural dos alimentos como fundamento básico conceitual. Segundo a Organização Mundial de Saúde - OMS (2005) a alimentação se dá em função do consumo de alimentos (e não de nutrientes). Os alimentos têm gosto, cor, forma, aroma e textura e todos estes componentes precisam ser considerados na abordagem nutricional. Os nutrientes são importantes, contudo, os alimentos não podem ser resumidos a veículos destes. Os alimentos trazem significações culturais, comportamentais e afetivas singulares que jamais podem ser desprezadas.

Hoje, com a grande apresentação e divulgação da mídia através do marketing investido pelas indústrias alimentícias os lanches rápidos e alimentos pré-preparados fazem-se frequentemente na vida dos brasileiros. As crianças e adolescentes como são os mais influenciados e, são públicos-alvo dessas instituições, logo, tendem a consumir em grande quantidade e quase que diariamente. Esses hábitos adquiridos na fase inicial da vida podem submeter a riscos nutricionais, inclusive na idade adulta (RUVIARO et al., 2008).

Para que a intervenção nutricional funcione de forma positiva, é necessário que haja informação adequada sobre a alimentação e nutrição. Uma alimentação saudável deve fornecer água, carboidratos, proteínas, lipídeos, vitaminas, minerais e fibras de forma equilibrada, sendo imprescindíveis para cada indivíduo. Esta alimentação deve ser diversificada, incluindo todos os grupos de alimentos que são compostas na pirâmide alimentar, pois cada grupo fornece energias diferenciadas, que suprirão de maneiras específicas cada reservatório energético. Ressaltando que todos os nutrientes são necessários para a manutenção da saúde (SICHERI et al., 2000; BRASIL, 2005).

Vitolo (2008), Mahan e colaboradores (2012) falam que a abordagem nutricional

da criança a partir do primeiro ano de vida requer o conhecimento das características biopsicossociais que são comuns ao pré-escolar (1 a 6 anos) e ao escolar (7 anos até a puberdade). Essa fase inicia-se as preferências alimentares e que há diversas influências do meio ambiente. Esse período caracteriza-se por diminuição na velocidade de crescimento e, portanto, diminuição do apetite. Associa-se a esses aspectos a atenção desviada para outras atividades, como andar, correr e mexer em objetos espalhados pela casa.

O crescimento é geralmente estável e lento durante a idade pré-escolar e escolar, mas pode ser irregular em algumas crianças, com períodos de não crescimento seguidos de estirões de crescimento e de pouco apetite e na ingestão alimentar. Para os pais, os períodos de lento crescimento e de pouco apetite podem causar ansiedade, levando a brigas durante as refeições. Assim, cabe aos profissionais orientar os pais de que a falta de interesse pela alimentação, nessa fase, é natural e que se deve evitar as famosas chantagens e artifícios para obrigar a criança a comer.

As preferências alimentares de crianças são os principais determinantes da sua ingestão, e esse processo é aprendido via experiências repetidas no consumo de determinados alimentos, condicionado ao contexto social e às consequências fisiológicas (BIRCH et al., 1989; BIRCH et al., 1990; BIRCH, FISHER, 1995).

2.2 A influência da alimentação familiar nas crianças

A importância dos hábitos alimentares saudáveis (para o crescimento e desenvolvimento adequado da criança) é admitido como de extrema importância. As crianças adquirem esses hábitos através de diversos fatores, tais como a origem econômica, socioculturais, os psicológicos, os emocionais e os familiares. Com essa perspectiva, o ambiente familiar se torna o primeiro educador e influenciador dos hábitos e comportamentos alimentares. Desde o nascimento, e nos primeiros anos de vida, um dos principais eixos de interação entre pais e filhos é a alimentação, tendo seu início com a amamentação. Aos seis meses, o leite materno já não supre as demandas metabólicas para o desenvolvimento da criança, passando a ser necessária a introdução da dieta complementar. É nesta fase que pode ser iniciado o processo de conhecimento dos sabores, como também das texturas, além das preferências e até mesmo as aversões, dentre outros aspectos alimentares (ABRANTES, 2017)

As crianças são influenciadas, pelos pais, como na ingestão de alimentos pelas crianças, perante a forma como os alimentos são disponibilizados, bem como pela maneira como é feita esta interação entre a família e o alimento (VAN DER HORST; SLEDDENS, 2017). O meio ambiente e contexto familiar, quando se apresentam desfavoráveis propiciam condições ao desenvolvimento do excesso de peso e da obesidade, tanto na infância e quanto na adolescência (IERVOLINO; SILVA; LOPES, 2017).

No momento das refeições é muito importante que o adulto que acompanha as crianças esteja atento àquilo que a criança comeu ou recusou, e sua relação com o alimento, para que possa intervir positivamente incentivando-a ou encorajando-a e, acima de tudo, resgatando o valor de comer junto e conversar durante a refeição (PÁDUA, 2021).

2.3. Alimentação e políticas educacionais

As crianças são indivíduos sociais e históricos que fazem parte de uma organização familiar inserida na sociedade, marcada por diferentes culturas. O respeito por essa diversidade torna-se o fundamento para uma sociedade inclusiva, e este fato deve ser considerado nos momentos de alimentação. A alimentação é fundamental para o ser humano e para a manutenção de sua saúde. Deste modo, o Ministério do Desenvolvimento Social tem incentivado as práticas alimentares saudáveis, avaliando a merenda escolar e seu impacto no desenvolvimento das crianças. Essas intenções se consolidam por meio do documento “Marco de Referência de Educação Alimentar e Nutricional para as Políticas Públicas” (incentivando as práticas alimentares saudáveis, avaliando a merenda escolar e seu impacto), como “fruto de uma construção participativa de cidadãos, profissionais, gestores, representantes da sociedade civil, professores e acadêmicos que se dedicam ao tema, compartilham e acreditam que a Educação Alimentar e Nutricional contribui para a realização do Direito Humano à Alimentação adequada e para a construção de um Brasil saudável” (BRASIL, 2012, p.6).

No contexto da realização do Direito Humano à Alimentação Adequada e da garantia da Segurança Alimentar e Nutricional, a Educação Alimentar e Nutricional é um campo de conhecimento e de prática contínua e permanente, que visa promover a prática autônoma e voluntária de hábitos alimentares saudáveis, que promovam saúde e que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambientais, culturais, econômicas e socialmente sustentáveis (BRASIL, 2012). Diante dos aspectos legais relacionados a alimentação escolar, cabe refletir sobre as práticas culturais e sociais que envolvem o momento da alimentação, considerando os benefícios físicos e cognitivos intrínsecos no ato de alimentar-se. Entende-se que em um contexto de alimentação, utilizar múltiplas possibilidades educativas, valorizar os hábitos alimentares saudáveis, respeitar a identidade cultural, fornecer a criança possibilidades de conhecer e escolher os alimentos.

Diante disto, a SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE JOINVILLE – SC (2016) fala sobre as orientações de boas práticas pedagógicas no momento das refeições na Educação Infantil:

- Propiciar um ambiente tranquilo para a alimentação;
- Propiciar que a criança socialize através do ato de alimentar-se;
- Incentivar e motivar a criança a experimentar os diversos alimentos oferecidos no cardápio da Alimentação Escolar (quando disponibilizado pela instituição de ensino);
- Motivar a criança a realizar mudanças positivas, caso seu comportamento alimentar esteja inadequado, visando promover hábitos alimentares saudáveis;
- Estimular a criança a utilizar corretamente os talheres;
- Oferecer talheres no tamanho adequado de acordo com a idade da criança;
- Dedicar atenção a criança, no momento das refeições, prontificando-se a ajudá-la;
- Respeitar o ritmo alimentar, estimulando a mastigar bem os alimentos;
- Orientar a criança a comer com moderação e de servir de forma adequada,

tanto na quantidade e qualidade;

- Permitir que a criança se alimente sozinha, orientando-a como fazer e não a reprimindo quando derramar ou espalhar os alimentos;
- Jamais castigar, chantagear, constranger ou forçar a criança, quando se recusar a comer;
- Não forçar a limpar o prato, mas sim orientar a criança a se servir de quantidade adequada;
- Jamais utilizar o alimento como prêmio, distração ou recompensa;
- Incentivar o ato de alimentar-se sozinha, pois é uma sensação nova para a criança e deve ser realizada com prazer;
- Trabalhar com as crianças as manifestações de crenças; tabus; mitos e preconceitos alimentares, desvendando questões para estimular/promover a aceitação, porém respeitando valores religiosos quando estes surgirem;
- Não realizar comentários desfavoráveis em relação a algum alimento, dada sua influência em relação as crianças.

2.4. O lúdico no processo de aprendizagem na Educação Infantil

Em todas as fases de suas vidas, o ser humano está sempre descobrindo e aprendendo coisas novas por meio da interação com seus pares e aprendendo sobre o meio em que vive. Nasceu para aprender, descobrir e apropriar-se do conhecimento do mais simples ao mais complexo, e é isso que garante a sua sobrevivência e integração na sociedade como um ser participativo, crítico e criativo (DALLABONA; MENDES, 2013).

Brincar faz parte da natureza da criança, e quando não pode brincar, ela acaba perdendo etapas importantes do seu desenvolvimento, podendo desenvolver algumas disfunções psicorgânicas. A partir desse novo conceito, o lúdico, passou a ser mais utilizado. A frequência depende da avaliação que está sendo realizada e da oportunidade que ela apresenta. Expor-se livremente sem se perder e ser capaz de construir um caminho para deixar pra trás a lentidão da produção ou até mesmo o desconhecimento da área (SILVA, 2013).

Cada criança é um ser único, precisa-se compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular uma delas serem e estarem no mundo deve ser o grande desafio da educação infantil. Segundo ROSAMILHA (1979, p.77):

A criança é, antes de tudo, um ser feito para brincar. O jogo, eis aí um artifício que a natureza encontrou para levar a criança a empregar uma atividade útil ao seu desenvolvimento físico e mental. Usemos um pouco mais esse artifício, coloquemos o ensino mais ao nível da criança, fazendo de seus instintos naturais, aliados e não inimigos.

O brincar é a atividade predominante na infância e vem sendo explorado no campo

científico, com o intuito de caracterizar as suas peculiaridades, identificar as suas relações com o desenvolvimento e com a saúde e, entre outros objetivos, intervir nos processos de educação e de aprendizagem das crianças (NILER; SOCHA; 2014).

As atividades lúdicas, juntamente com a boa pretensão dos educadores, são caminhos que contribuem para o bem-estar e entretenimento das crianças, garantindo-lhe uma agradável estadia na creche ou escola. Certamente, a experiência dos educadores, além de somar-se ao que se propõe, irá contribuir para maior alcance de objetivos de que as crianças consigam absorver e entender o que foi repassado naquela brincadeira (MALUF, 2008).

Na visão de Piaget (1978) apud UJIIE (2008) é pela brincadeira e pela imitação que se dará o desenvolvimento natural, cognitivo e social da criança, que participa de processos de acomodação, na forma de assimilação. Para os autores, a brincadeira é concebida como conteúdo da inteligência, tida como conduta livre, espontânea, que a criança expressa por vontade própria e pelo prazer que proporciona. Assim, como conduta lúdica demonstra o nível de estágio cognitivo que a criança está, pois há um predomínio de jogo diferenciado: jogo de exercício, jogo de expressão, jogo simbólico (faz-de-conta), jogo de construção e jogo de regra.

Segundo Kishimoto (2014, p. 85) o currículo lúdico reacende o amor da criança pelo aprendizado e provoca momentos de admiração nas crianças, tornando o aprendizado prazeroso. As atividades lúdicas também permitem que as crianças explorem seus corpos e seus ambientes, o que as ajuda a desenvolver as habilidades mentais necessárias para resolver problemas mais desafiadores.

Também é enfatizado que as atividades de aprendizagem são divertidas para as crianças participarem enquanto aprendem ao mesmo tempo. Essa prática de atividades de aprendizagem ajuda as crianças a desenvolver suas habilidades de comunicação, sociais e outras habilidades para a vida, bem como aspectos de suas vidas diárias.

Kishimoto (2010) acrescenta que brincar é uma atividade irrestrita de uma criança que pode ocorrer a qualquer hora e em qualquer lugar e é uma ocorrência regular na vida dessa pessoa. O principal meio pelo qual uma criança se comunica, aprende e se desenvolve é através da brincadeira. Ela preenche as necessidades que surgem em sua vida diária brincando. Para ela, jogar não é apenas muito prazeroso, mas também como ela se expressa. Ela organiza e desorganiza seus pensamentos. Ela constrói e reconstrói seu mundo.

Ensinar um assunto por meio de jogos ou outras atividades produzirá excelentes resultados porque as crianças podem aprender melhor por meio da brincadeira. Desta forma, o valor da leviandade no processo de aprendizagem e ensino confere a muitos tipos de conhecimento uma relevância significativa. Com isso, torna-se possível o compartilhamento de conhecimentos pessoais e intelectuais que auxiliam no desenvolvimento de hábitos, sendo necessária a discussão de temas relacionados à alimentação e à saúde em seu contexto.

Jogos e atividades como as brincadeiras são, sem dúvida, as formas mais naturais de fazer uma criança se interessar por uma atividade, segundo Violada (2011, p. 1). Os jogos devem ser introduzidos gradualmente, por meio de brincadeiras fáceis, para melhorar a observação, a comparação, a imaginação e a reflexão.

2.5. Alimentação saudável e a ludicidade

Conforme Dallabona e Mendes (2004) destacam que a criança brinca porque brincar é uma necessidade básica, assim como a nutrição, a saúde, a habitação e a educação são vitais para o desenvolvimento do potencial infantil. Para manter o equilíbrio com o mundo, a criança necessita brincar, jogar, criar e inventar. Estas atividades lúdicas tornam-se mais significativas à medida que se desenvolve, inventando, reinventando e construindo.

Os hábitos alimentares, quando em formação, são mais fáceis de serem modulados, por isso esse período é tido como mais propício para desenvolvimento de atividades de Educação Alimentar e Nutricional (EAN). A EAN é campo de conhecimento e de prática contínua e permanente, transdisciplinar, intersetorial e multiprofissional que visa promover a prática autônoma e voluntária de hábitos alimentares saudáveis (BRASIL, 2012; MELO, 2018).

O ambiente escolar é apontado por Camozzi et al. (2015) e Lima et al. (2014) como um espaço ideal para a execução de programas e atividades de promoção a saúde pelo seu papel na formação de opiniões e por influenciar a formação da personalidade. A vista disso, houve a implementação da EAN nas escolas, lei nº 13.666 de 16 de maio de 2018, que estabeleceu a EAN como componente obrigatório do Plano Pedagógico e dos currículos escolares (BRASIL, 2018).

Neste cenário a alimentação e nutrição constituem-se em requisitos básicos para a promoção e a manutenção da saúde, desempenhando papel decisivo no potencial de crescimento e desenvolvimento humano, principalmente da criança em idade escolar, que passa por um acelerado processo de maturação biológica e desenvolvimento psicomotor (CAVALCANTE et al., 2012).

A escola deve definir estratégias, em conjunto com a comunidade escolar, para favorecer escolhas saudáveis. Reforçar a abordagem da promoção da saúde e da alimentação saudável nas atividades curriculares da escola. Desenvolver estratégias de informação às famílias dos alunos para a promoção da alimentação saudável no ambiente escolar, enfatizando sua corresponsabilidade e a importância de sua participação nesse processo. Sensibilizar e capacitar os profissionais envolvidos com alimentação na escola para produzir e oferecer alimentos mais saudáveis, adequando os locais de produção e fornecimento de refeições às boas práticas para serviços de alimentação, e garantindo a oferta de água potável.

Com o objetivo de envolver toda a comunidade escolar na promoção da saúde e de hábitos alimentares saudáveis, o Ministério da Saúde (MS) e o Ministério da Educação (MEC) publicaram, em 2006, os “Dez Passos para a Promoção da Alimentação Saudável nas Escolas”. Sendo estes:

- Restringir a oferta, a promoção comercial e a venda de alimentos ricos em gorduras, açúcares e sal.
- Desenvolver opções de alimentos e refeições saudáveis na escola.
- Aumentar a oferta e promover o consumo de frutas, legumes e verduras, com ênfase nos alimentos regionais.
- Auxiliar os serviços de alimentação da escola na divulgação de opções saudáveis por meio de estratégias que estimulem essas escolhas.
- Divulgar a experiência da alimentação saudável para outras escolas, trocando

informações e vivências.

- Desenvolver um programa contínuo de promoção de hábitos alimentares saudáveis, considerando o monitoramento do estado nutricional dos escolares, com ênfase em ações de diagnóstico, prevenção e controle dos distúrbios nutricionais.

Nessa fase, a merenda escolar está relacionada a grandes problemas nutricionais. Muitos pais optam por deixar que a criança se alimente com o que a escola oferece (a grande maioria possui supervisão e acompanhamento de nutricionista, proporcionando um lanche mais saudável e equilibrado) e/ou preferem que as crianças comprem os seus lanches nas famosas “cantinas” onde, a grande maioria de alimentos fornecidos, são industrializados e não tão saudáveis. Há também, aqueles pais que preferem enviar alimentos práticos e rápidos, alegando falta de tempo para o preparo. A merenda escolar precisa ser variada e saudável (SANTOS, 2018).

A escola é um espaço de promoção da saúde porque trabalha a formação do cidadão, a sua autonomia, o exercício dos direitos e deveres, o controle das condições de saúde e a qualidade de vida na obtenção de comportamentos e atitudes consideradas saudáveis. Tendo em vista que o processo educacional, muitas vezes, limita-se à reprodução do conhecimento, por meio de aulas expositivas que atribuem ao docente o papel de transmissor de conhecimentos, ao passo que os alunos se tornam meros espectadores, faz-se necessária a utilização de estratégias que contribuam para o rompimento desse padrão tradicional de ensino. Tal ruptura propiciará que o docente passe a atuar como mediador no processo de ensino-aprendizagem, promovendo práticas que favoreçam ao aluno apoderar-se de conhecimentos que lhe garanta autonomia. Nesse sentido, atividades lúdicas, como o uso de jogos educacionais, têm se mostrado uma estratégia relevante, por estimular uma melhor relação entre docentes e discentes, e facilitar a aprendizagem (PEREIRA, 2015).

O preparo dos professores e educadores é essencial para a utilização da ludicidade nas aulas, podendo os resultados serem positivos ou negativos. DIVANÇO et al. (2004) personifica o professor como membro central no processo de construção do saber do aluno, devendo utilizar todos os recursos e técnicas de aprimoramento para alcançar resultados satisfatórios em sala de aula.

2.5.1. Quando o lúdico pode facilitar o consumo de alimentos saudáveis

Durante o período letivo, as crianças são expostas a muitas novidades e na sala de aula, professores/educadores ensinam sobre diferentes conteúdos e o processo de aprendizagem pode variar na individualidade de cada aluno. No entanto, a alimentação balanceada é um fator indispensável para auxiliar neste momento, pois a partir de refeições equilibradas a criança encontra todos os nutrientes necessários para auxiliar na sua memória, atenção e na capacidade de concentração (RISOTOLANDIA, 2021).

A escola tem extrema importância na formação dos hábitos alimentares de seus alunos, professores e educadores podem tentar incluir como forma de estratégias para as crianças conhecerem novos alimentos, sabores, formas através de aulas de culinária, apresentando assim, vários alimentos a elas. Com receitas que envolvam alimentos saudáveis, professores e alunos podem provar vários pratos que eles mesmos prepararam. Dessa forma, além de despertar o espírito de equipe nas crianças, ainda desperta sua curiosidade para provar alimentos novos (LOUREDO, 2019).

Além de receitas, os jogos lúdicos também têm papel fundamental nesse processo de aprendizagem. Eles ajudarão a memorizar e apreender o que foi repassado durante a aula, de uma forma bem divertida. O uso de jogos e brincadeiras possibilita aos professores tornarem suas aulas mais dinâmicas, contribuindo para que a aprendizagem se dê espontaneamente. Utilizando o jogo adequadamente, o professor poderá dispor de mais uma estratégia que o auxiliará no planejamento de suas aulas (KIYA, 2014).

O lúdico é um universo carregado de som, animação e imaginação, que possibilita a criação de sensações novas e diferentes das que se é acostumado sentir. Através da ludicidade as crianças podem simular situações e problemas que posteriormente servirão para a realidade (SILVA, 2017; SIMÃO; POLETTI, 2019), quanto mais entretidas, mais fácil é a receptividade das crianças a algo novo.

2.5.2 Propostas de atividades e jogos lúdicos para fazer com as crianças na escola

Segundo a SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL (2020) a escola das infâncias deve propor ações educativas que envolvam os produtos da cesta verde e, considerando a opinião das crianças a respeito dos produtos que receberam, elaborar situações pedagógicas que contemplem os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, por meio dos cinco Campos de Experiências, como por exemplo, conversar com as crianças a respeito desses produtos, explorando:

- Suas características: texturas, aromas, cores, sabores, formatos;
- Classificação: leguminosas, verduras folhosas, frutas, raízes/tubérculos;
- Formas de consumo: com casca, sem casca, cru ou cozido, pastoso, líquido e sólido;
- Grandezas e medidas: peso, quantidade, volume;
- Formatos: arredondados, triangulares, compridos, curtos, dentre outros;
- Conservação dos alimentos: dentro e/ou fora da geladeira;
- Preferências das crianças: alimentos crus ou cozidos, sucos ou frutas *in natura*;
- Compartilhamento de receitas elaboradas pelas famílias/crianças com os produtos da cesta verde;
- Produção oral/escrita/desenho/colagem coletiva das crianças com e sem registro da professora e/ou do professor escriba (cardápios, receitas, histórias, parlendas, paródias, rimas, dentre outras).
- Selecionar literatura infantil que aborde a temática da alimentação;
- Dentre outras atividades.

Festividades e eventos no ambiente escolar devem ser planejados para que também contribuam para fortalecimento da identidade cultural e social, a autonomia e a formação de hábitos alimentares saudáveis, de acordo com as diretrizes da Portaria Interministerial

1010/2006. A oferta de outros alimentos deve ser realizada com a ciência do SANE. As comemorações dos aniversariantes do mês podem ser apoiadas, mas também este deve ser um momento de aprendizado, socialização e valorização da criança e até mesmo do adulto. É uma excelente oportunidade para construir valores saudáveis em relação à alimentação, fugindo das tradicionais e inadequadas preparações e, convergindo para introdução de opções saudáveis como, por exemplo, espetinhos de frutas, sucos naturais e bolos com ingredientes funcionais que produzirão efeitos positivos na saúde, associados a interação social.

As ações promotoras de saúde deverão ser assumidas de modo cotidiano pela unidade escolar, onde todos os adultos que nela trabalham terão que assumir como modelos, coerentes com o discurso feito em prol da alimentação saudável. As práticas alimentares saudáveis devem ter como objetivo estimular a autonomia dos sujeitos, tendo como princípios a: sustentabilidade social, ambiental e econômica; valorização da cultura alimentar e respeito a diversidades de opinião e o autocuidado (Brasil, 2012). Entre as ações pedagógicas que poderão ser realizadas sobre a alimentação saudável com as crianças temos:

- Pesquisar os hábitos alimentares das famílias;
- Conversações, histórias, recortes, dramatizações;
- Apresentação do cardápio para as crianças, motivando-as a experimentar todos os alimentos;
- Vivenciar brincadeiras de faz de conta tendo como temática alimentação saudável;
- Organizar restaurantes, piqueniques e promover a degustação dos alimentos;
- Confeccionar receitas com alimentos que são menos apreciados durante as refeições;
- Realizar o cultivo de hortaliças, plantio, rega, retirada dos matinhos, crescimento das plantas, colheita, preparação e degustação.

O professor deve ter conhecimento sobre alimentação saudável para que, junto com outros profissionais, possa planejar e implantar medidas de inclusão de hábitos alimentares saudáveis no ambiente escolar. Segundo Barreto (et. al., 2016, p. 311-312),

[...] quando se aplica programas alimentares em idades mais precoces têm maiores chances de êxito, uma vez que a vida intrauterina e a infância, principalmente o período pré-escolar, são momentos críticos, durante os quais a regulação do balanço energético é programada. Existem evidências de que o desenvolvimento do sobrepeso em fase precoce da vida pode se tornar em importante fator de risco para o aparecimento de obesidade posteriormente.

Algumas soluções práticas podem ser implementadas no dia a dia, a fim de estimular o consumo infantil e incentivar a alimentação saudável desde os primeiros anos de vida. Afinal, a educação alimentar é assunto sério e ela deve ser levada em consideração durante as atividades em sala de aula. Para os educadores que desejam tornar a hora do lanche mais divertida e interessante, a alimentação lúdica pode ser uma excelente aliada. Afinal, as crianças costumam se interessar por novidades e os atrativos visuais são muito importantes. O professor pode recorrer a alguns recursos, transformando a alimentação em um momento alegre para todos os alunos (RISOTOLANDIA, 2022).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A quantidade e qualidade da alimentação sofreu alterações ao longo dos anos,

sendo hoje mais comum o consumo de alimentos processados, congelados, ricos em sódio, açúcares e gorduras saturadas - alimentos de alto valor energético e baixo valor nutricional. A alimentação desequilibrada é um dos fatores que contribuem para o aparecimento de desnutrições ou obesidades.

Diante do exposto, é preciso ter conhecimento na área de alimentação saudável, fazem-se necessárias estratégias pedagógicas e ações interdisciplinares, numa parceria entre escola, pais e profissionais da saúde para a promoção de uma educação alimentar adequada.

A escola pode desenvolver diversas estratégias para a educação alimentar e nutricional dos alunos, apontando caminhos, desenvolvendo aspectos lúdico, prioritariamente para melhor fixação do conhecimento na infância, além de fazer discussões e criar oportunidade para crianças conhecerem e consumirem alimentos mais saudáveis e variados, amenizando o circuito do consumo de alimentos industrializados.

Deve-se capacitar todos os profissionais da escola para que haja uma movimentação conjunta para introduzir hábitos saudáveis nos escolares, através de projetos, dinâmicas, jogos educativos, passeios, entre outras estratégias. Tudo isso precisa de um planejamento prévio com todo o corpo docente.

A escola deve ser sempre um ambiente acolhedor e entender/atender todas as necessidades das crianças.

Por fim, ressalta-se a importância da manutenção do vínculo entre a instituição educativa, famílias/bebês/crianças, devendo ser mantido em todas as ações educativas propostas.

REFERÊNCIAS

_____. RISOTOLÂNDIA. **Saiba como alimentação lúdica pode incentivar o consumo infantil**. 27 AGO 2021. Disponível em: <<https://risotolandia.com.br/saiba-como-alimentacao-ludica-pode-incentivar-o-consumo-infantil/>>. Acesso em: 18 out 2022.

ABRANTES, Priscylla Kelly. **A influência familiar no hábito alimentar infantil**. 30 maio 2017. Disponível em: <<https://casadurvalpaiva.org.br/artigos/130/A-influencia->>. Acesso em: 12 out 2022.

ALMEIDA, P. N. Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos. São Paulo: Loyola, 1995

BERNART, Aline; ZANARDO, Vivian. P. Skzypek. Educação nutricional para crianças em escolas públicas de Erechim/RS. **Revista Vivências**. Vol.7, N.13: p.71-79, Outubro/2011. Disponível em: http://www.uricer.edu.br/cursos/arq_trabalhos_usuario/3267.pdf. Acesso em: 12 de setembro de 2022

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394/96. Brasília, 1998.

BRASIL. **Marco de referência de educação alimentar e nutricional para as políticas públicas.** Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Brasília, DF: MDS; Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, 2012. Acesso em: 23 out 2022.

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Mo692 Módulo 11 : **Alimentação saudável e sustentável.** / Eliane Said Dutra...[et al.]. – Brasília : Universidade de Brasília, 2007. 92 p.

BRASIL. Ministério da saúde e Ministério da Educação. **Portaria Interministerial Nº 1.010 de 8 de maio de 2006:** Institui as diretrizes para a Promoção da Alimentação Saudável nas Escolas de educação infantil, fundamental e nível médio das redes públicas e privadas, em âmbito nacional.

BRASIL. Ministério da saúde. **Política nacional de alimentação e nutrição.** Brasília: Ministério da Saúde; 2012.

DALLABONA, Sandra Regina; MENDES, Sueli Maria Schmitt. O LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: JOGAR, BRINCAR, UMA FORMA DE EDUCAR. **Rev. de divulgação técnico-científica** do ICPG Vol. 1 n. 4 - jan.-mar., 2004. Disponível em: < https://www.inesul.edu.br/professor/arquivos_alunos/doc_1311627172.pdf>. Acesso em: 18 mar 2022.

IERVOLINO, S. A.; SILVA, A. A. DA; LOPES, G. D. S. S. P. L. Percepções das famílias sobre os hábitos alimentares da criança que está obesa. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 16, n. 1, p. 1–7, 2017.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). **O brincar e suas teorias.** São Paulo: Pioneira, 2003.

KISHIMOTO, Tizuko. Morchida. **Brinquedos e brincadeiras na educação infantil.** UNISUL, 2010. Disponível em https://www.unisul.br/wps/wcm/connect/4b738da1-647d-46ad-bd7e-ae486e5dee55/brinquedos_e_brincadeiras.

KISHIMOTO, Tizuko. Morchida. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação.** São Paulo: Cortez, 1998.

KISHIMOTO, Tizuko. Morchida. **O Brincar e suas Teorias.** Editora Cengage Learning/2002 Disponível em: https://issuu.com/cengagebrasil/docs/brincar_e_suas_teorias.

Acesso em: 14/04/2018.

KIYA, Marcia Cristina da Silveira. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**. 2014. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uepg_ped_pdp_marcia_cristina_da_silveira_kiya.pdf>. Acesso em: 12 out 2022.

KUHLMANN Jr., M. **Infância e Educação Infantil**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LOUREDO, Paula. **Estimulando uma alimentação saudável entre as crianças**. 2019. Disponível em: <<https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/estimulando-uma-alimentacao-saudavel-entre-as-criancas.htm>>. Acesso em: 18 out 2022.

MALUF, Angela Cristina Munhoz. **Atividades lúdicas para educação infantil: Conceitos, orientações e práticas** 1 ed. Vozes 2 ago 2011. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=qtQbBAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA7&dq=1%C3%BA dico+na+educa%C3%A7%C3%A3o+infantil&ots=yzs_7trw_K&sig=9s2M26pG59LGqpTTJx2u2JBok00#v=onepage&q=1%C3%BA dico%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20infantil&f=false>. Acesso em: 18 out 2022.

MELO, G. P. A.N.A **Ludicidade como recurso pedagógico na Educação Infantil**. PróDiscente: Caderno de Produção Acadêmico-Científica, Vitória-ES, v. 24, n. 1, p. 29- 43, 2018.

Ministério da Educação (MEC): www.mec.gov.br

Ministério da Saúde (MS): www.ms.gov.br

NILES, Rubia Paula Jacob; SOCHA, Kátia. A importância das atividades lúdicas na educação infantil. **rev. Ágora: R. Divulg. Cient.**, v. 19, n. 1, p. 80-94, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.unc.br/index.php/agora/article/view/350>>. Acesso em: 18 out 2022.

PÁDUA, Elaine de. **A influência da alimentação familiar nas crianças**. 18 jun 2021. Disponível em: <<https://www.ninhosdobrasil.com.br/a-influencia-da-alimentacao-familiar-nas-criancas>>. Acesso em: 12 out 2022.

ROSAMILHA, Nelson. **Psicologia do jogo e aprendizagem infantil**. São Paulo: Pioneira, 1979.

SANTOS, Helivania Sardinha dos. **Alimentação saudável na infância**. Disponível em: <<https://escolakids.uol.com.br/ciencias/uma-boa-alimentacao.htm>>. 2018 Acesso em: 18 out 2022.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE JOINVILLE – SC. METODOLOGIAS DA ALIMENTAÇÃO, HIGIENE E REPOUSO. **Educar e Cuidar na Educação Infantil: Caminhos Metodológicos Para a Rede Municipal de Joinville**. jun 2016. Disponível em: <<https://www.joinville.sc.gov.br/wp-content/uploads/2016/06/Metodologia-da-alimenta%C3%A7%C3%A3o-da-higiene-e-do-reposo-na-Educa%C3%A7%C3%A3o-Infantil-da-Rede-Municipal-de-Ensino-de-Joinville.pdf>>. Acesso em: 12 out 2022.

Secretaria de Educação. **Alimentação na Educação Infantil: mais que cuidar, educar, brincar e interagir**. https://www.educacao.df.gov.br/wp-content/uploads/2021/07/Guia_Projeto_Alimentacao.pdf 4 mar 2020 Acesso em: 10/10/2022

SECRETARIA DE ESTADO DO DISTRITO FEDERAL. **Alimentação na Educação Infantil: mais que cuidar, educar, brincar e interagir**

SILVA, Valdirene da. **O lúdico no processo de aprendizagem na educação infantil**. João Pessoa: UFPB, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/4266/1/VS23092013.pdf>>. Acesso em: 18/10/2022.

UJIE, N. T. (2008). **Ação lúdica na educação infantil**. *Colloquium Humanarum*. ISSN: 1809-8207, 4(1), 01–07. Disponível em: <<https://revistas.unoeste.br/index.php/ch/article/view/206>>. Acesso em: 18 out 2022.

VAN DER HORST, K.; SLEDDENS, E. F. C. **Parenting styles, feeding styles and foodrelated parenting practices in relation to toddlers' eating styles: A cluster-analytic approach**. PLoS ONE, v. 12, n. 5, p. 1–16, 2017.

VITTOLO, Márcia Regina. **Nutrição: da gestação ao envelhecimento**. Rio de Janeiro: Rubio, 2008.

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

¹Mariana De Jesus Dutra

²Daniele Amorim

RESUMO

A contação de história é uma ferramenta de suma importância no desenvolvimento do educando e na construção do seu conhecimento, fazendo-o despertar para o universo da leitura, não somente como uma obrigação, mas como um ato que pode contribuir para seu crescimento como leitor e aluno. A presente pesquisa tem como objetivo analisar como a contação de histórias pode ser utilizada na sala de aula, sob uma perspectiva de estímulo da leitura na Educação Infantil. Busca-se também identificar a contribuição da contação de histórias para o desenvolvimento da criança na Educação Infantil; investigar como os contos têm sido trabalhados em sala de aula no foco da mediação da leitura; apresentar práticas pedagógicas com contação de história na formação de futuros leitores. A metodologia utilizada foi a revisão de literatura baseada em estudos publicados em dissertações, teses, artigos científicos de periódicos, bibliotecas virtuais e base de dados. Como resultado verificou-se que o professor ainda precisa se aprofundar na metodologia para aplicar na sala de aula, ou seja, em sua melhor representação, utilizando-se de novas estratégias para chamar a atenção da criança. Conclui-se que a contação de história nos anos iniciais provoca um significativo desenvolvimento nos alunos, além de ser uma fonte de prazer e informações nas quais possibilitam o estímulo à leitura.

Palavras-chave: Contação de história. Formação de leitores. Educação Infantil.

ABSTRACT

A contação de história é uma ferramenta de suma importância no desenvolvimento do Storytelling is a tool of paramount importance in the development of the student and in the construction of their knowledge, making them awaken to the universe of reading, not only as an obligation, but as an act that can contribute to their growth as a reader. and student. The present research aims to analyze how storytelling can be used in the classroom, from a perspective of stimulating reading in Early Childhood Education. It also seeks to identify the contribution of storytelling to the development of children in Early Childhood Education; investigate how the stories have been worked in the classroom in the focus of reading mediation; To present pedagogical practices with storytelling in the formation of future readers. The methodology used was a literature review based on studies published in dissertations, theses, scientific articles in journals, virtual libraries and databases. As a result, it was found that the teacher still needs to delve into the methodology to apply in the classroom, that is, in its best representation, using new strategies to draw the child's

¹ Aluna do Curso de Pedagogia da Faculdade Laboro.

² Docente do Curso de Pedagogia da Faculdade Laboro.

attention. It is concluded that storytelling in the early years causes a significant development in students, in addition to being a source of pleasure and information in which they enable the stimulus to reading.

Keywords: Storytelling. Reader training. Child education.

1. INTRODUÇÃO

A necessidade de estimular a leitura tornou-se cada vez mais presente nas escolas que veem nesse processo o auxílio ao desenvolvimento dos alunos, possibilitando-lhes o acesso e a compreensão dos meios de comunicação e veículos de aprendizagem contribuindo de forma ampla com a sua formação cidadã. Nesse processo todos os atuantes da escola são de fundamental importância.

Trabalhar com a contação de histórias na Educação Infantil é primordial, mas é preciso garantir o caráter lúdico nesta fase da vida e a motivação para cultivar o gosto pela leitura, pois o ato de ler é um processo natural, porém, consolida-se de forma harmoniosa quando a criança recebe estímulos motivacionais dos pais e professores e, em contrapartida, conseguem realizar a leitura imaginando personagens que geralmente encontram-se nos textos e que mais tarde constituirão as fases de aprendizagem linguística.

Por meio da contação de histórias a criança irá desenvolver a criatividade, imaginação e o hábito pela leitura. A prática de ouvir e contar histórias está presente em nossa cultura, alcançando o universo da leitura e escrita, ampliando o vocabulário e estimulando o imaginário. Dessa forma a escola se torna o principal espaço para desenvolver o hábito de ouvir e contar história. A partir de então surge a problemática deste estudo: De que forma a contação de história contribui para o estímulo da leitura na Educação infantil?

Para responder essa inquietação o presente trabalho tem como objetivo geral analisar como a contação de histórias podem ser utilizados na sala de aula, sob uma perspectiva de estímulo da leitura na Educação Infantil. Como objetivos específicos busca-se Identificar a contribuição da contação de histórias para o desenvolvimento da criança na Educação Infantil; Investigar como os contos têm sido trabalhados em sala de aula no foco da mediação da leitura; Apresentar práticas pedagógicas com contação de história na formação de futuros leitores. Como base, terão os estudos dos teóricos Kriegl (2018), Vygotsky (1998), Matos e Sorsy (2017), Schneid (2011), Silveira (2008) entre outros.

2. O ENSINO DO ATO DE LER

A leitura constitui-se num processo de compreensão de textos e isso é possível quando há uma interação entre os elementos do texto e o conhecimento do leitor, proporcionando assim êxito na leitura. Assim ela é o principal meio para o acesso do saber que possibilita o crescimento pessoal e profissional do bom leitor. Dessa forma, o hábito de ler deve ser estimulado desde a infância, a fim de que o indivíduo aprenda desde cedo que ler é algo importante, prazeroso e que o tornará um adulto culto, dinâmico e perspicaz.

A importância da leitura está na formação de cidadãos mais informativos e críticos dentro de uma sociedade, ela oportuniza a comunicação com maior fluência e por meio de

sua prática contínua, facilita o entrosamento com o meio em que se vive. A prática da mesma se faz presente em nossas vidas desde o momento em que começamos a entender o mundo a nossa volta.

De acordo com Vygotsky (1998) com a apropriação da simbologia do brinquedo, muitas crianças entre 3 a 5 anos tornam-se capazes de ler uma história, tendo por notação simbólica ao invés das letras, os objetos do quais atribuem novos significados, o que se torna muito constante nas brincadeiras de faz de conta.

Observa-se que o ato de ler está ligado ao cotidiano das pessoas e tem papel principal na obtenção de saberes, pois em todo momento estamos interagindo com a leitura, sejam nos rótulos, avisos, roupas, ruas, propagandas ou jornais, enfim existem diversas formas nas quais conseguimos informações relevantes no dia a dia, onde as imagens e as palavras servem para orientar e dirigir comportamentos que proporcionam grande participações na sociedade.

Pode-se ressaltar ainda que a atividade de leitura não corresponde a uma simples decodificação de símbolos, mas de interpretar e compreender o que se lê. A leitura precisa permitir que o leitor aprenda o sentido do texto, não podendo transformar-se em mera decifração de signos linguísticos sem a compreensão semântica dos mesmos (KLEIMAN, 2017).

Observa-se pelo que já foi dito anteriormente que ler não é apenas decifrar signos, mas procurar um sentido, buscar compreensão em algo escrito a partir de uma expectativa ligada a uma necessidade ou prazer. Portanto, é de grande relevância a ênfase à realidade para dar sentido a leitura, a fim de desenvolver o despertar da criança em relação ao seu meio, fazendo com que ela se torne um “sujeito ativo e participante dentre todas as relações por ele vivenciadas” (CARDOSO; PELOZO, 2018, p.5).

2.1 A leitura e sua dimensão social

A leitura para sociedade é uma ferramenta essencial, pois é um modo de extinguir o alto número de pessoas desinformadas. Seu uso é complexo, porém tem grande poder quando utilizada de forma adequada e descontraída. A leitura deve ser tratada, acima de tudo, como uma “fonte de prazer, e nunca como uma atividade obrigatória, cercada de ameaças e castigos e encarada como uma imposição do mundo adulto” (SANDRONI; MACHADO, 2017, p. 11).

Para que a leitura seja uma atividade prazerosa, pode-se utilizar o lúdico como metodologia desafiadora, divertida, cujas brincadeiras podem ser adaptadas de diversas formas, pois o mundo da leitura não deve ser entendido apenas como recurso à alfabetização, mas como instrumento que permite a interpretação e o desenvolvimento.

A leitura demonstra que sua importância não se restringe ao fato de propiciar conhecimentos, mas principalmente cumprir a função social de formar leitores, colocando-os na esfera social. A leitura e conseqüentemente sua prática está presente em nossas vidas desde o momento em que compreendemos o mundo ao nosso redor, a partir do momento em que sentimos o desejo de decifrar e interpretar o sentido das coisas ou no contato com o livro propriamente dito.

É evidente que a relação estabelecida entre o texto escrito e o leitor é diferente da

estabelecida entre duas pessoas que conversam, uma vez que na leitura, o legente está em contato direto com as palavras escritas pelo autor, sendo que este não está presente para completar as informações necessárias em virtude disso, o leitor absorve e fornece ao texto informações enquanto lê.

Desse modo, Kriegl (2018, p. 42) destaca que:

Quando alguém lê algo, aplica determinado esquema alterando-o ou confirmando-o, mas principalmente entendendo mensagens diferentes por que seus esquemas cognitivos, ou seja, as capacidades já internalizadas e o conhecimento de mundo de cada um são diferentes.

Desse modo, pode-se perceber que a atividade de leitura não é simplesmente a decodificação de símbolos, mas sim interpretar e compreender o que se lê. Percebe-se que o ato de ler além de ser um processo interativo, tem caráter subjetivo. Ler é acima de tudo compreender, porém para que esse objetivo seja alcançado, além do processamento cognitivo da leitura e dos conhecimentos prévios necessários é importante que o leitor esteja de fato comprometido com a leitura.

Assim, a leitura favorece a obtenção de informações, amplia conhecimentos e aumenta o vocabulário permitindo um melhor entendimento do conteúdo das obras. É através da leitura que se pode obter informações tanto básicas quanto específicas sobre um texto, decidindo se a leitura continuará ou não. Sendo assim, pode-se observar que a leitura é um ato social, pois há a interação entre um indivíduo e o objeto constituindo, assim, numa forma de comunicação humana entre os indivíduos da sociedade em que cada um de nós está inserido.

2.2. Mecanismos legais para a Educação Infantil

A Educação Infantil é considerada a primeira etapa da Educação Básica e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que diz:

Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: I Educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, organizada da seguinte forma: a) pré-escola; b) ensino fundamental; c) ensino médio; II - educação infantil gratuita às crianças de até 5 (cinco) anos de idade; (BRASIL, 2013, p. 21)

Nesse sentido, observa-se que esse reconhecimento legal prioriza o desenvolvimento

integral da criança, uma vez que se verifica a importância da educação infantil preparar o desenvolvimento integral de qualidade da criança. É possível perceber que passos importantes foram dados nos últimos anos para a garantia da consolidação do atendimento às crianças, muito embora não revelem ainda um estado satisfatório no que se refere à qualidade de oferta ao atendimento principalmente pré-escola.

Além da LDB, a Educação Infantil foi norteada por outros documentos como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A BNCC ressalta o comprometimento com a Educação Pública no Brasil, tendo como princípio relevante fazer com que esse documento venha cooperar para a redução das desigualdades sociais e também para a melhoria do ensino no país. A BNCC foi um documento previsto pela Constituição de 1988, pela LDB de 1996 e pelo Plano Nacional de Educação de 2014. (BRASIL, 2018).

Para além dos direitos estabelecidos, há também cinco campos de experiências: o eu, o outro e nós; corpo, gestos e movimento; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. Para cada um desses são estabelecidos objetivos pensados de acordo com três grupos de faixas etárias: “0 a 1 ano e 6 meses, 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses e 4 anos a 5 anos e 11 meses”. (BRASIL, 2018, p. 1).

As estratégias e diretrizes desse documento têm como intuito desenvolver uma educação de qualidade e de acessibilidade a todos os níveis sociais, como afirma o texto introdutório da BNCC.

Aplica-se à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), e indica conhecimentos e competências que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade. Orientada pelos princípios éticos, políticos e estéticos traçados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN), a BNCC soma-se aos propósitos que direcionam a educação brasileira para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. (BRASIL, 2018, p.07)

É notória a importância desse documento como referência na luta para conter a desigualdade educacional e para possibilitar uma educação que valorize as aprendizagens essenciais para o desenvolvimento do aluno de forma plena e satisfatória.

Ou seja, quando o documento propõe uma educação que leve os alunos ao acesso de conhecimentos e competências que envolvam princípios econômicos, culturais e políticos ao longo de sua trajetória escolar, ele preza pelo desenvolvimento de uma educação que permita ao educando uma formação cidadã íntegra que propicie futuramente a construção de uma sociedade mais democrática e inclusiva.

Assim, a distribuição dos conteúdos estabelecida pela BNCC (BRASIL, 2018) por temáticas enfatiza que o docente deve levar em consideração a realidade e o cotidiano dos seus alunos, permitindo-os construir habilidades essenciais para o seu desenvolvimento cognitivo. Percebe-se que a proposta do documento vem ressaltar a importância de se desenvolver estratégias pedagógicas que visem favorecer o aprendizado da criança através do estímulo e da valorização de sua autoestima.

Sendo assim, pode-se notar que tanto a LDB quanto a BNCC para a educação infantil, reconhecem as creches e pré-escolas como espaços de construção da cidadania infantil, onde as ações cotidianas junto às crianças devem, sobretudo, assegurar seus direitos fundamentais, subsidiadas por uma concepção ampla de educação.

3. A IMPORTANCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NO ATO DA LEITURA PARA EDUCAÇÃO INFANTIL

A literatura é importante para o desenvolvimento emocional, cultural, intelectual e artístico das crianças, além de estimular a criatividade e o hábito pela leitura. Quando as crianças ouvem histórias passam a visualizar de forma mais clara sentimentos que têm em relação ao mundo.

Sendo assim, as histórias inventadas e os contos, por exemplo, são importantes, uma vez que as crianças precisam saber de coisas que não fazem parte de sua experiência cotidiana. É comum elas terem um amigo imaginário ou atribuir qualidades humanas e sobrenaturais a um brinquedo ou a um animal. As conversas e as histórias desses personagens, unindo o real e o imaginário dão aos pais muitas dicas sobre seus filhos, pois são nessas horas que as crianças deixam transparecer sentimentos como medo, insegurança, ódio, amor (OTTE; KOVASC, 2018).

Assim, segundo Bakhtin (2018, p. 29) a literatura infantil:

É um instrumento motivador e desafiador capaz de transformar o indivíduo em um sujeito ativo, responsável pela sua aprendizagem, que sabe compreender o contexto em que vive e modificá-lo de acordo com a sua necessidade.

Desta maneira, a ação de ler e ouvir a história se desenvolve e nós participamos dela ficando magicamente envolvidos com os personagens, mas sem perder o senso crítico que é estimulado pelos enredos.

Ler histórias para as crianças é estimulá-las para o imaginário, para desenhar, para musicar, para teatralizar, para brincar, afinal, tudo pode nascer de um texto, pois a partir de histórias simples, a criança começa a reconhecer e interpretar sua experiência da vida real.

A prática pedagógica da contação de histórias pode ser desenvolvida nas escolas fazendo com que o professor alcance muitos objetivos por meio dela, visto que ler histórias infantis são atividades prazerosas com a qual poderão fazê-la expressar suas próprias percepções de mundo privilegiando o lado útil e pedagógico dos contos.

3.1. A função da contação de histórias

A contação de histórias tem uma função formadora voltada para o conhecimento do

ser e do mundo, ou seja, “possibilita ao sujeito, o ponto de partida para refletir os interesses do leitor, percebendo a leitura nesse contexto, como um elemento desencadeador dessa postura reflexiva diante da realidade” (SANTOS, 2021, p.4).

Coelho (2019, p. 14) afirma que:

A literatura infantil tem uma função essencial a realizar na nossa sociedade, como agente transformadora, “seja no espontâneo convívio leitor/livro; seja no “diálogo” leitor/texto, estimulado pela escola”. Isso porque, a leitura de narrativas, representa um prodígio da criatividade humana, que se propaga através da escrita e da palavra, o mundo: (o homem, a vida, as coisas, etc.)

Nesse sentido, a literatura infantil colabora na formação da consciência de mundo das crianças, contribuindo para a vida real de cada um e auxiliando para formação de leitores capazes de criar e dar sentido às coisas, criar e recriar o pensamento através de sua autonomia na compreensão dos textos.

Para Bettelheim (2003 apud FIGEUEIREDO, 2019):

Os contos de fadas, à diferença de qualquer outra forma de literatura, dirigem a criança para a descoberta de sua identidade e comunicação, e também sugerem as experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o seu caráter. Os contos de fadas declaram que uma vida compensadora e boa está ao alcance da pessoa apesar da adversidade - mas apenas se ela não se intimidar com as lutas do destino, sem as quais nunca se adquire sua verdadeira identidade.

Assim, aproveitar o conto para estimular o desenvolvimento da aprendizagem, mostra para a criança uma melhor forma de descobrir sua identidade e facilitar sua comunicação, fazendo com que ela desenvolva sua personalidade e caráter, além de desenvolver a criatividade, imaginação, o poder de observação, o gosto artístico, a sequência lógica, o gosto literário, estabelecer uma ligação interna entre o mundo da fantasia e o da realidade e estimulam o interesse pela leitura.

3.2 A contação de histórias como estímulo para leitor

A contação de história quando utilizada na sala de aula deve ser sempre considerada como um momento prazeroso, fazendo com que a criança seja capaz e se interesse ainda mais por elas, possibilitando o desenvolvimento e interesse pela leitura, pois a presença da contação de histórias na sala de aula como metodologia para o ensino da leitura possibilita:

- a) Desenvolver elementos como: reflexão, sensibilidade, atenção, observação, imaginação, cognição, criatividade pensamento lógico memória e as linguagens oral e escrita;
- b) Ampliar o vocabulário e repertório cultural;
- c) Possibilitar construção da base ortográfica e alfabética;
- d) Funcionar como modelo de escrita convencional;
- e) Trabalhar a análise linguística da estrutura das palavras do texto (letra e sílaba, posição das letras na palavra, relação entre som e grafia, etc.).
- f) Trabalhar com as diferentes estratégias de leitura.
- g) Organizar a fala.
- h) Possibilitar a formação intelectual e de leitores competentes
- i) Descobrir outros lugares, outras épocas, outras culturas, outros modos de ser e de agir. (GOVERNO MUNICIPAL DE SALVADOR, 1996, p. 9).

Através da contação de história, as crianças podem expressar sentimentos e emoções onde o professor ao identificar pode trabalhá-las de forma significativa, fazendo com que a criança saiba lidar com seus próprios anseios e expectativas. É importante que o contato do professor com os alunos no ato da contação de histórias ocorra de forma próxima, para que ele saiba identificar elementos cruciais para a aprendizagem além de extrair a função da literatura na sala de aula.

Assim, é importante que o docente proporcione na sala de aula situações de leitura, para “estimular o senso crítico no aluno, elaborar, com a turma materiais de leitura [...], e ajudá-los a desenvolver gosto pela leitura” (JOLIBERT, 2018, p. 9). Dessa forma, professor se torna um elemento intermediador, responsável pelo estímulo do aluno no processo de leitura através dos contos.

4.METODOLOGIA

Este trabalho trata-se de pesquisa exploratória com uma abordagem dedutiva e qualitativa, fazendo uso de análises bibliográficas incluindo revistas, livros, monografias, teses entre outras fontes que abrangem essa forma a bibliografia já publicada em relação ao tema abordado.

Para o bom desenvolvimento do estudo, a adoção de uma metodologia apropriada torna-se fundamental, uma vez que esta nos mostra como desenvolver todo processo, nos ajudando a refletir e construir um novo olhar, “um olhar curioso, indagador e criativo” (SILVA, 2018, p.9). Pesquisar envolve um processo cuidadoso, no sentido de que os procedimentos e estratégias necessitam de constante ajustes.

Para melhor compreender questões da contação de história na educação infantil,

tenta-se, nesta pesquisa, nos aproximar das perspectivas da realidade. Dentro dessa perspectiva, “a metodologia deve ser construída no processo de investigação e de acordo com as necessidades colocadas pelo objeto de pesquisa e pelas perguntas formuladas” (MEYER; PARAÍSO, 2018, p. 15). Além disso, nos permite aproximar “daqueles pensamentos que nos movem, colocam em xeque nossas verdades e nos auxiliam a encontrar caminhos para responder nossas interrogações” (MEYER; PARAÍSO, 2018, p. 17).

Mesmo diante das limitações percorridas ao longo desta trajetória, não se apresenta verdades ou certezas absolutas. Tenta-se materializar pensamentos e posicionamentos acerca da contação de história na educação infantil. Reconhecendo que toda pesquisa envolve escolhas, interpretações, múltiplos olhares. (MEYER; PARAÍSO, 2018).

Para atingir o intuito da pesquisa adotou-se uma pesquisa qualitativa, através de uma revisão de literatura, abrangendo várias referências teóricas divulgadas em dissertações, teses, artigos científicos de periódicos, bibliotecas virtuais e base de dados, como a Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Google Acadêmico.

Foram selecionadas as publicações baseadas em estudos entre os anos de 2018 a 2022, tendo como descritores Literatura Infantil, Conto infantil, Educação Infantil, tendo uma abordagem exploratória e qualitativa, fazendo uso de análises bibliográficas. Como base, tem-se os estudos dos teóricos Kriegl (2018), Bernardinelli; Carvalho (2018), Silva; Barros; Nascimento (2019), Kramer (2019) Machado (2018), Patrini (2019), Santos (2021), entre outros.

5. PRÁTICAS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: como inserir a criança no mundo letrado

A aprendizagem da leitura é uma tarefa permanente, enriquecida com novas habilidades na medida em que se usam textos cada vez mais complexos. Assim, a aprendizagem da leitura não está restrita ao primeiro ano da vida escolar, pelo contrário, atualmente sabemos que ler é um processo que se desenvolve ao longo de toda a vida:

Quando chega à escola, a criança já é um “bom” leitor do mundo, pois desde novo começa a observar, antecipar, interpretar e interagir, dando significado a seres, objetos e situações que a rodeia. E são essas mesmas estratégias de busca de sentido para compreender o mundo letrado que utilizará (KRIEGL, 2018, p. 42).

Com isso pode-se considerar que é de fundamental importância fazer a prática de leitura no contexto social para que cada indivíduo realize o exercício da cidadania, já que este processo proporciona ao leitor entender, refletir e atuar sobre a realidade em que está inserido.

Uma forma bem comum para iniciar a criança no mundo letrado é a inserção dos contos como ponto de partida para as práticas de leitura na educação infantil. A presença dessas narrativas, desde os primeiros anos de vida contribui para o desenvolvimento do

pensamento lógico da criança e de sua imaginação, explorados ao longo do tempo pelo conteúdo das histórias.

Dessa forma, com o seu desenvolvimento, ainda que a criança não leia a palavra, ela já é leitora das imagens do texto e do mundo a sua volta. Por isso, ela se torna capaz de interagir com as narrativas, possibilitando estabelecer uma identidade e compreensão das relações que ocorrem a sua volta.

Com o passar do tempo e com a prática do ouvir/ler, a criança começa a se interessar por histórias inventadas e/ou pelas histórias dos livros. Nesta perspectiva, tem “a possibilidade de envolver o real e o imaginário, ou seja, a partir de histórias simples, a criança começa a reconhecer e interpretar sua experiência da vida real”, segundo pensa (BERNARDINELLI; CARVALHO, 2018, p. 57).

Sendo assim, observa-se que a criança na medida que ouve as histórias começa a relacionar o imaginário com a vida real, fazendo entender em muitas das vezes, significados de alguns contextos. Assim, o conto tem como “ferramenta fundamental, despertar na criança o hábito saudável de ouvir histórias, pois é nesta fase que elas se tornam prováveis leitores, além de evidenciar caminhos infundáveis que o simples ato de ler nos oferece”. (SILVA; BARROS; NASCIMENTO, 2019, p. 18).

Portanto, “educar” o ouvido da criança com as narrativas infantis é a garantia de que ela terá acesso a uma riqueza de detalhes e vivência com mundos e sentimentos variados desde cedo. Não há dúvidas que esse modo contribui para o seu desenvolvimento emocional, seu raciocínio lógico e o estímulo à criatividade e ao desenvolvimento de sua criatividade e aquisição linguística.

O primeiro contato da criança com as histórias ocorre oralmente desde cedo, normalmente dentro de casa com histórias referidas ao seu nascimento e pessoas de sua família. Em seguida, a criança toma contato com historietas que são narradas e a medida que cresce ela já se torna capaz de escolher a narrativa que quer ouvir. É nessa fase, que as histórias devem se tornar mais detalhadas e exploradas em casa ou na escola.

Segundo os autores referidos (BERNARDINELLI; CARVALHO, 2018, p. 37):

[...] a narrativa faz parte da vida da criança desde quando bebê, através da voz amada, dos acalantos e das canções de ninar, que mais tarde vão dando lugar às cantigas de roda, a narrativas curtas sobre crianças, animais ou natureza. Aqui, crianças bem pequenas, já demonstram seu interesse pelas histórias, batendo palmas, sorrindo, sentindo medo ou imitando algum personagem. Neste sentido, é fundamental para a formação da criança que ela ouça muitas histórias desde a mais tenra idade.

Assim, através da literatura que a criança incorpora novos horizontes e perspectivas, se constituindo como um fator de mudança e desenvolvimento cultural, intelectual e social. A literatura infantil deve, portanto, ser fonte de prazer e informações nas quais possibilitam o estímulo à leitura.

5.1. O papel da escola na inserção da leitura na Educação Infantil

A escola deve ser considerada um espaço democrático, tendo como foco principal o bem-estar da criança e o envolvimento de todos, respeitando as particularidades que elas trazem consigo, bem como, seus costumes e tradições, principalmente as voltadas para Educação Infantil, estimulando a autonomia para solucionar problemas e liberdade para explorar o mundo a sua volta. (KRAMER, 2019)

Quando a escola assume o papel de socializar, proporciona o desenvolvimento da criança por meio de uma variedade de aprendizagens do seu dia a dia. Portanto, o papel do educador é fundamental para que a criança amplie suas capacidades e habilidades, desde que seja comprometido com as práticas pedagógicas, suprimindo a necessidades das famílias e das crianças, buscando sempre se aprimorar. (KRAMER, 2019)

A escola é um lugar onde se aprende e se ensina por meio da interatividade entre professor e aluno e entre todos que compõem a escola levando conhecimentos que são adquiridos no meio social, em que cada indivíduo convive fazendo uma interligação entre o meio de convivência social e família, preocupada com a formação de um indivíduo crítico, ativo e atuante na sociedade. Ela busca desenvolver na criança as competências da leitura e da escrita, utilizando-se da literatura infantil para influenciá-los de maneira significativa.

De acordo com Machado (2018), muitas crianças não gostam de ler e fazem-no por obrigação. Mas, por que isso acontece? Almeida (2020, p. 271), responde a este questionamento, ao afirmar:

A prática da leitura na escola não atinge suficientemente seus declarados objetivos, justamente por essa prática estar engessada por um sistema que privilegia procedimentos técnicos no tratamento da leitura e da literatura. Tais procedimentos compreendem que ler é um verbo intransitivo, que não se cola a nenhum objeto. Ler, portanto, é decodificar signos, interpretar é entender o que o texto diz; e literatura é um conjunto de obras pré-selecionadas, que, quando estudadas, proporcionam aquisição de cultura.

Percebe-se assim, a abordagem reducionista que vem sendo adotada pelas escolas no que se refere à literatura em sala de aula. Esta abordagem não possibilita um diálogo significativo entre a literatura e a leitura do mundo.

Quando se cita a “abordagem reducionista” pretende-se ressaltar que a abordagem das histórias nas escolas muitas vezes aparece esvaziada de seu aspecto de “sonho” em seus projetos pedagógicos, como declara Virginie Lagarde (1995 apud PATRINI, 2019, p. 45) “A tendência é esconder a parte do sonho e privilegiar o lado útil e pedagógico. [...] algumas vezes isto reduz consideravelmente a magia do conto porque há muitas coisas que atuam no nível do inconsciente [...]”.

Desenvolver na criança a necessidade da leitura deve ser um dos papéis principais da escola. Muitos autores afirmam que o contato da criança com o livro desde cedo proporciona

a ela um maior grau de desenvolvimento, como afirma Bamberguer (2018, p.71): “a criança que houve histórias desde cedo, que tem contato direto com livros e que seja estimulada, terá um desenvolvimento favorável ao seu vocabulário, bem como a prontidão para a leitura”, e esse processo se torna constante. Sendo assim, a criança que lê com maior desenvoltura se interessa pela leitura e aprende mais facilmente, neste sentido, a criança interessada em aprender se transforma num leitor capaz.

Conforme ressalta Libâneo (2018), sobre o aprendizado do aluno na escola em relação ao desenvolvimento social:

A aprendizagem escolar tem um vínculo direto com o meio social que circunscreve não só as condições de vida das crianças, mas também a sua relação com a escola e estudo, sua percepção e compreensão das matérias. A consolidação dos conhecimentos depende do significado que eles carregam em relação à experiência social das crianças e jovens na família, no meio social, no trabalho. (LIBÂNEO, 2018, p.87)

Nota-se que a aprendizagem é uma forma de interação social para com o próximo compartilhando conhecimento sobre determinado conteúdo no qual foi apreendido no decorrer da sua vida, levando a experiência individual e coletivo e no meio social em que convivem os educandos.

5.2. A atuação do professor da Educação Infantil

O professor que trabalha com a contação de história deverá ter a consciência de qual finalidade ele quer alcançar com a sua aplicabilidade. Para isso, o professor precisa reconhecer os contos como um canal de comunicação com mundo psíquico da criança na qual ajuda a desenvolver o seu mundo interior. É importante que o contato do professor com os alunos no ato da contação de histórias ocorra de forma próxima, para que ele saiba identificar elementos cruciais para a aprendizagem além de extrair a função da literatura na sala de aula.

Santos (2021, p. 56) afirma que a leitura na sala de aula:

Depende expressivamente do professor, de modo que, ele é o responsável por promover e possibilitar para a criança no início da vida escolar, um contexto de aprendizagens que desperte o desejo de aprender e continuar aprendendo. Dessa forma, os adultos têm um papel decisivo na iniciação que poderá transforma-se em prazer ou desprazer quase que definitivos.

Sendo assim, as histórias são boas estratégias utilizadas para a transmissão de valores, porque dão contexto a fatos abstratos difíceis de serem transmitidos isoladamente,

possibilitando ao professor a exploração do imaginário para facilitar a aprendizagem relacionando-o com a realidade, como Farias e Rubio (2012) afirmam:

A criança precisa de um estímulo para facilitar na sua aprendizagem, e nos contos, não tem nada melhor para que essa questão possa ser desenvolvida. A criança poderá se comunicar, exteriorizar sua vida e impulsionar seus pensamentos. Nesse período, ela transforma o mundo real em função de seus desejos e fantasias. Posteriormente, utiliza essas fantasias como referencial para aplicar à sua realidade, à sua própria atividade, ao seu eu e às suas leis morais. Nessa fase, a criança está vivendo um período repleto de possibilidades, no qual, através do imaginário, é permitida a ela a interação constante com o mundo real e o mundo da fantasia (FARIAS; RUBIO, 2020, p. 5).

Dessa forma, o professor é capaz de relacionar a realidade com a fantasia, fazendo com que o aluno identifique elementos norteadores para uma aprendizagem significativa, assim, torna-se importante que o professor tenha a consciência de que forma ele poderá trabalhar a leitura na sala de aula.

Entretanto, é necessário que o professor tenha o interesse em ter a possibilidade de levar os alunos para outros ambientes fora da escola como bibliotecas públicas, teatros, participações de oficinas e dramatizações, mas infelizmente nem todas as escolas não possuem recursos e profissionais suficientes para a realização dessas atividades.

Por conta disso, a sala de aula se torna único espaço para a execução de atividades que envolvam a leitura, o que não deixa de ser um espaço de grande relevância. Assim, constata-se que os textos trabalhados na sala de aula a fim de promover o efeito crítico e reflexivo, capaz de facilitar o questionamento, a conscientização e liberdade de pensamento e imaginação. Por isso, é importante que o professor se utilize de vários tipos de textos na sala de aula.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de atividades lúdicas na mediação da leitura é tão importante que tem sido fonte de estudo para psicanalistas, sociólogos, antropólogos, psicológicos por suas diversas interpretações objetivando o interesse de cada um. Para a educação, o uso dessas atividades constitui um poderoso instrumento didático e estético, capaz de atingir a razão e a emoção do educando, fazendo um importante elo entre dois mundos: o interior e o exterior. Assim, acredita-se que se torna bem mais fácil entender psicologicamente a criança por meio do estudo das inúmeras lições e interpretações contidos nos contos.

Ao fazer uso do lúdico na Educação Infantil, o professor executa um dos mais difíceis treinamentos da inteligência: o da emoção e do pensamento. Treina seu aluno a trabalhar em equipe, a não ter medo, e não querer que o mundo se dobre a seus pés, a pensar de muitas formas em situações difíceis, a ser tolerante, agradável, gentil, solidário e amar e respeitar

um ao outro.

Compreende-se que as atividades lúdicas utilizadas para a mediação da leitura não são apenas histórias usadas para fazer uma criança dormir ou controlar seu ânimo, mas um importante instrumento através do qual se pode semear alegria, conhecimento, cidadania e educar para a vida, ou seja, compartilhar um conto significa acolher o educando a sua integridade. Dessa forma, o conto pode auxiliar na alfabetização, pois ajudam o educando e o professor a um autoconhecimento e, de forma agradável e poética, revela o inconsciente.

Considerando que foi alcançado o objetivo geral deste trabalho, buscando avaliar como a contação de histórias pode ser utilizada na sala de aula sob uma perspectiva de estímulo da leitura na Educação Infantil, é possível ser observado que o conto como recurso lúdico é capaz de atuar como metodologia de apoio ao ensino-aprendizagem desenvolvido na alfabetização, sendo capaz de aproximar elementos internos e externos, promovendo identificações e resoluções de conflitos através de uma reflexão sobre o real transposto para a ficção.

Nesse contexto, conclui-se que os procedimentos intrínsecos a contação de histórias possibilitam a ampliação do conhecimento da realidade que circunda as crianças por meio de um processo consciente de expressão e comunicação estimulando o potencial individual que cada uma possui. O ato de contar história proporciona momento de espontaneidade os quais desencadeiam momentos de liberdade pessoal frente à realidade. Da mesma forma, a contação de histórias é capaz de estimular e desenvolver estes aspectos característicos da criança.

A educação lúdica transforma o conteúdo divertido, brincando se aprende sem ter ideia que é uma questão intencional do professor, mas algo natural. Até mesmo o professor contando história pode-se levar algo fantasioso, exemplo peças teatrais em que o aluno está participando ativamente narrando os fatos, brincando com a fantasia e ao mesmo tempo aprendendo a interpretar, ampliando o vocabulário entre outros.

Diante disso, a contação de histórias permite que a criança se desenvolva buscando sempre melhorar as ações que não obtiveram êxitos, ou seja, pontos mal resolvidos e as limitações que dificultaram o aprendizado. Por isso o mediador precisa estimular as crianças por meio da ludicidade com a utilização de jogo, brinquedo ou brincadeira que enriquece o conhecimento aprendendo divertidamente.

As crianças que são estimuladas por meio de atividades lúdicas tanto na escola quanto em casa, conseguem se desenvolver com mais facilidades, pois essas atividades proporcionam uma forma divertida de aprender. Nesse ato a criança interage com outro sujeito e com significados culturais do meio no qual está inserida

Espera-se que este estudo ofereça uma contribuição para o educador, sobre a importância da aplicabilidade de atividades lúdicas como mediação na leitura, sendo este capaz de promover uma dinâmica entre professores (a) e alunos em que sejam potencializadas as especificidades de ambos, de maneira a contribuir para o aprimoramento profissional do professor (a) e para a construção do jogo simbólico na formação estético – artística dos educandos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rogério de. A Literatura como Itinerário de Formação: real, imaginário e modos de viver. In: BARROS, João de Deus Vieira. (Org.). Educação e Simbolismo: leituras entre lineares. Maranhão: EDUFMA, 2020.

BAKHTIN, Mikhail V. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

BAMBERGUER, Richard. Como incentivar o hábito da leitura. 7.ed. São Paulo: Ática, 2018.

BERNARDINELLI, Laura Lima; CARVALHO, Vanderleia Macena Gonçalves de. A importância da literatura infantil. III ENCONTRO CIENTÍFICO E SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO. Lins: UNISALESIANO, 2018. Disponível em: <http://www.unisalesiano.edu.br/simposio2011/publicado/artigo0132.pdf>. Acesso em: 08, ago., 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei 9394/96, de 20 de dezembro de 1996, Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 1996.

BRASIL. Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2018.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2018.

BRASIL. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 1998.

CARDOSO, Giane Carrera; PELOZO, Rita de Cássia Borguetti. A importância da leitura na formação do indivíduo. Revista Científica Eletrônica de Pedagogia. Ano V, n. 09, Jan., 2018.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática. 7.ed. São Paulo: Moderna, 2019.

FARIAS, Francy Rennia Aguiar de; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. Literatura Infantil: A Contribuição dos Contos de Fadas para a Construção do Imaginário Infantil. Revista Eletrônica Saberes da Educação. v 3, n.1, 2020.

FIGUEIREDO, Renata Abreu Lima de. A arte de contar histórias como profissão: desafios da narrativa no mundo contemporâneo. (Monografia de Educação Artística). São Luis: UFMA, 2019.

GOVERNO MUNICIPAL DE SALVADOR. Contos clássicos, mitológicos e modernos. Apoio à prática pedagógica. Salvador: Prefeitura Municipal, 1996. Disponível em: <http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/espacovirtual/espac%20pratica%20pedagogica%20contosclassicos%20mitologicos%20e%20modernos.pdf>>. Acesso em: 08, ago.,2022.

JOLIBERT, Josette. Formando crianças leitoras. Porto Alegre: RS: Artes Médicas, 2018.

OTTE, Monica Weingartner; KOVACS, Anamaria. A magia de contar histórias. Santa Catarina: Instituto Catarinense de Pós-Graduação, 2018.

KLEIMAN, Ângela. Oficina de leitura: teoria e prática. 11. ed. Campinas, SP: Pontes, 2017.

KRAMER, Sonia. O papel social da educação infantil, 2019. Disponível em:

<http://gephisnop.weebly.com/uploads/2/3/9/6/23969914/4._papel_social_da_educacao_infantil.pdf>. Acesso em: 27 ago., 2022

KRIEGL, Maria de Lurdes de Souza. Leitura: um desafio sempre atual. Rev. PEC, Curitiba, v.2, n.1, p.1-12, jul. 2001-jul. 2018, p. 1-12. Disponível em: www.bomjesus.br/.../pdf/.../leitura_um_desafio_sempre_atual.pdf/. Acesso em: 08, ago.,2022.

LIBÂNEO, J.C. Didática. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

MACHADO, Regina. Acordais: fundamentos teóricos-políticos da arte de contar histórias. São Paulo: Divisão Cultural do Livro, 2018.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas ou Sobre como fazemos nossas investigações. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (orgs.). Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação. Belo

Horizonte: Mazza Edições, p.15-22, 2018.

PATRINI, Maria de Lourdes. A renovação do conto: Emergência de uma prática oral. São Paulo: Cortez. 2019.

SANDRONI, Laura C.; MACHADO, Luiz Raul. A criança e o Livro: guia prático de estímulo à leitura. São Paulo: Ática, 2017.

SANTOS, Vania Ribeiro dos. Literatura infantil: o seu lugar na sala de aula. 2021. Disponível em: <<http://bn54.com.br/clientes/uneb/doc/.../7%20Vania%20Ribeiro.pdf>>. Acesso em: 08, ago., 2022.

SILVA, Maria Auricélia Lima da; BARROS, Rosiane Bento; NASCIMENTO, Thiago Alves Moreira. A importância dos contos de fadas na educação infantil. Campina Grande: REALIZE, 2019.

SILVA, Edna Lúcia da. Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. Florianópolis: UFSC, 2018.

VIGOTSKY, L.S. A Formação Social da Mente. 6^a ed. São Paulo, SP. Martins Fontes Editora LTDA, 1998.

O LÚDICO E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL: contribuições para o processo de aprendizagem

¹Janety cleide mendes ferreira

²Lívia Mariana Costa

RESUMO

De fato os brinquedos, as brincadeiras e os jogos são elementos específicos do mundo infantil, assim se encontram ligados ao lúdico e ao mundo não só da criança, mas também do meio adulto. Assim, o presente trabalho tem como finalidade geral analisar a importância das ações pedagógicas dos educadores envolvendo a ludicidade no processo de ensino de aprendizagem. A metodologia usada para realização deste trabalho foi a pesquisa de campo com contribuição dos teóricos como, Piaget (1995 - 2015), Kishimoto (1994 - 2014) entre outros autores que discutem a respeito do assunto abordado. Com isso, percebemos que ao desenvolver o lúdico, o seu maior objetivo é desenvolver na aprendizagem os aspectos físicos, sociais, emocionais e motor das crianças. Portanto, o lúdico não se consiste apenas em brincar, mas afeta diretamente na psicomotricidade, sociabilidade, solidariedade e a cognição de uma criança. Dessa forma, é um mecanismo fundamental para o seu desenvolvimento na primeira infância.

Palavras-chave: Lúdico. Jogos. Primeira Infância.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como base o brincar na primeira infância, e visa proporcionar aos educadores uma oportunidade de compreender o significado e a importância da ludicidade. Atividades lúdicas na educação infantil, observando que é possível nas brincadeiras das crianças promover o aprendizado de forma natural. Também visa despertar nos professores de educação infantil desejos e intenções, objetivos e uma consciência clara de que seus comportamentos relacionados ao desenvolvimento e aprendizagem das crianças não estão relacionados apenas aos conceitos, mas também à prática de brincadeiras que os alunos realizam todos os dias.

Para iniciar este trabalho, é necessário considerar as seguintes questões: Como as atividades lúdicas contribuem para o desenvolvimento da criança na primeira infância? Para

¹ Aluna do curso de Pedagogia, Faculdade Laboro.

² Docente da Faculdade Laboro, curso de Pedagogia.

isso, é preciso enxergar que a atividade lúdica por si só não leva ao aprendizado, e que, na verdade, essa atividade não deve ser aplicada apenas como distração, mas como ferramenta de busca de conhecimento.

Para a construção deste estudo, o objetivo geral consiste em investigar recursos que facilitem o uso de jogos na aquisição e construção do conhecimento. E, como objetivos específicos: analisar a importância do lúdico na educação infantil; jogos, brinquedos e diversão: como ferramenta de ensino; a contribuição do lúdico para o desenvolvimento e processo de ensino e aprendizagem das crianças.

Além de compreender regras e papéis sociais, esses jogos ajudam as crianças a desenvolver atenção, memória e concentração. Por isso, achamos importante discutir o papel das escolas de educação infantil, e as necessidades e possibilidades da criança.

A relevância de abordar este tema é que, na realidade, as brincadeiras infantis devem ser consideradas, pois contribuem para o desenvolvimento da aprendizagem, e se para compreender o mundo das crianças precisa-se entender suas brincadeiras e vivências.

O que percebe-se é que o lúdico torna-se importante instrumento na mediação do processo de aprendizagem, sobretudo das crianças, até porque elas vivem num universo de encantamento, fantasia e sonhos, onde o faz de conta e realidade se misturam, e embora isso aconteça, ocorre o estímulo do pensamento, da centralização, do desenvolvimento social, pessoal e cultural, visando, assim, facilitar o processo de construção do conhecimento.

No entanto, alguns estudiosos da área humana buscaram pesquisar mais profundamente a relação existente entre o uso do lúdico e as aprendizagens, entre eles podemos citar: Piaget (2015) e Kishimoto (2014).

A partir desse estudo será possível evidenciar o lúdico como uma das maneiras mais eficazes de abranger o aluno nas atividades, pois a brincadeira é algo inerente na criança, é sua forma de trabalhar, refletir e descobrir o mundo que a cerca. E nesse âmbito o que se pode observar é que a criança reflete, ordena, desorganiza, destrói e reconstrói o seu próprio mundo.

No primeiro capítulo, aborda-se o conceito de ludicidade, o surgimento da infância, bem como suas contribuições e especificando as diferenças entre o jogo, brinquedo e brincadeira, tendo em vista o significado que estes exercem no contexto cultural, na caracterização de ludicidade, no universo infantil e na subjetividade.

Já no segundo, analisa-se a ludicidade, observando o significado exercido no desenvolvimento infantil, a partir das idéias de Piaget e Kishimoto, orientando-nos na importância de exercermos uma ação lúdica que vem de encontro às reais necessidades infantis nos aspectos motores, físicos, psicológicos e sociais.

No capítulo seguinte, encontra-se o conteúdo onde os alunos destacam suas experiências e sua cultura, sugerindo novas descobertas; a partir dessa interação com o brincar terão a oportunidade de desenvolver a capacidade afetiva e motora, mas o professor que irá ocasionar esse desenvolvimento de acordo com o nível da criança.

Desse modo, busca-se com este estudo mostrar a importância que a ludicidade exerce no desenvolvimento infantil, na direção de uma maior valorização das características infantis, na busca de uma ação planejada que compreenda as crianças na sua individualidade

e também no contexto social em que vivem.

2. LUDICIDADE E INFÂNCIA: contexto histórico

Para analisar a relação entre ludicidade e infância, precisa-se entender que tal visão, acompanhou as transformações vividas pela sociedade ocidental ao longo dos séculos, nos aspectos históricos, sociais e culturais, porque a cada período a criança era vista de uma forma na sociedade.

Podemos considerar que [...] a infância muda com o tempo e com os diferentes contextos sociais, econômicos, geográficos, e até mesmo com as peculiaridades individuais. Sendo assim, as crianças de hoje não são exatamente iguais às do século passado, nem serão idênticas às que virão nos próximos séculos (FROTA, 2007, p. 151).

O sentimento de infância não existia na Idade Média, as crianças eram vistas como um adulto em miniatura, e frequentavam os mesmos locais de trabalho, até mesmo suas vestimentas eram iguais às de um adulto.

Áries fez a afirmativa surpreendente de que o mundo medieval ignorava a infância. O que faltava era qualquer sentimento de l'enfance, 'qualquer consciência da particularidade infantil', essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. [...] A civilização medieval não percebia um período transitório entre infância e a idade adulta. Seu ponto de partida, então, era uma sociedade que percebia as pessoas de menos idade como adultos em menor escala (ÁRIES, 1981 ; HEYWOOD, 2004, p. 23).

No período Renacentista, começaram as mudanças a cerca da imagem das crianças dentro da sociedade da época e um dos grande influenciadores para tal mudança, foi a Igreja. “Já que o Senhor chama a si os pequenos inocentes, não creio que seus súditos tenham o direito de rejeitá-los, nem que os homens devam repugnância em educá-los, pois, ao fazê-lo, estão apenas imitando os anjos” (ARIÉS, 1981, p. 192).

A partir do século XVIII, as crianças começaram a ser vistas, de forma particular, começaram a ser tratadas de forma única, como por exemplo um quarto único, a sua alimentação própria e adequada, e começaram a ocupar um papel maior no meio da sociedade da época, nascendo assim concepção de infância. A criança passa a ser reconhecida pela família e a educação passa a ser importante, dando o início da escolarização infantil.

A palavra lúdico tem o significado de brincadeira, nome que adquiriu maior importância a partir dos estudos que têm como foco a psicomotricidade, e assim engloba outras formas, não apenas referentes ao significado de brincadeira.

A brincadeira nos acompanha desde a antiguidade, segundo Nallin (2015), os jogos surgiram no século XVI e os primeiros estudos foram feitos em Roma e na Grécia para ensinar o alfabeto. Os jogos existem no dia a dia das pessoas, trazem simplicidade e praticidade, e fazem com que quem os joga sintam-se satisfeito. Segundo Brougère (2014), a brincadeira na antiguidade era totalmente inútil e servia apenas para distrair o praticante e para se divertir, sem significado pedagógico, atualmente, a brincadeira é utilizada de forma educativa visando

a promoção do desenvolvimento humano.

O lúdico deve ser exercido pelo educador de forma muito significativa em seus aspectos, de forma que o aluno se sinta seguro para desenvolver no brincar, os mais variados fatores de aprendizagem, e acordo com Cintra (2020, p.226).

Por se tratar de atividades prazerosas, o lúdico não está pautado numa postura de educador que deixa a criança brincar apenas para passar o tempo, sem nenhum objetivo. Ao contrário, o lúdico é um recurso pedagógico que envolve a brincadeira de maneira séria, pois deve ser visto como um fator de aprendizagem significativa para o educando, possibilitando o desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e social (CINTRA, 2020, p. 226)

Portanto, o lúdico e suas contribuições para a aprendizagem estão diretamente ligados à todas as ações do processo e não apenas no resultado final, isto inclui o ato, a ação, a experiência por elas oferecidas, ao desenvolver durante uma brincadeira de esconde-esconde, a criança desenvolve diversas habilidades motora e cognitiva, pois trabalha, espaço, tempo, velocidade e distância e estratégias ao se esconder (MATTOS; NEIRA, 2014).

Segundo Rodrigues (2019), através da brincadeira a criança será auxiliada no processo de socialização e de participação com a sociedade, desenvolvendo através das recreações, uma formação motora, contribuindo também para que a criança possa fazer uso de poder esta expressando o seu lado espontâneo e natural, os seus sentimentos e desenvolvendo o lado cognitivo.

Segundo Castro (2017, p.7), a recreação “considera um conjunto de atividades lúdicas e recreativas que visam promover a diversão e o prazer . Você não pode disfarçar a fase da vida que mais lhe pertence.” Assim, na infância, é importante manter a diversão e descontração nesse período do desenvolvimento humano.

Segundo Kishimoto (2011), o entretenimento não é apenas um jogo sem compromisso jogado na rua, mas um senso de atividade orientada para um objetivo relacionado ao desenvolvimento físico, cognitivo, emocional e social.

Corroborando com tal pensamento, Garcia (2012) considera que:

Por meio da brincadeira, as crianças ganham confiança em si mesmas por meio do contato físico e social com outras pessoas habilidades e prática usando a imaginação. Brincar fornece maneiras socialmente aceitáveis de competir, gastar energia e ser ativo. Declínios no egocentrismo e ganhos em habilidades cognitivas permitem que crianças em idade escolar tenham interações mais significativas com seus colegas (GARCIA, 2012, p. 6).

O professor, ao utilizar o jogo como conteúdo, deve estar ciente de que o jogo atua de forma pedagógica, trabalhando com os alunos áreas como equilíbrio, coordenação motora e social, Acredita-se que por meio da brincadeira as crianças adquirem aprendizados importantes nessas áreas (PAULA, 2020).

O lúdico tem por intenção despertar a imaginação, possibilitar a criação de novas ideias, trazer a fantasia que ameniza todas as questões de mudanças ocorridas no período da infância, alargando as concepções básicas para formação de um ser humano saudável psicologicamente. Portanto, utilizar-se dela é proporcionar leveza ao aprendizado, entrar

no mundo interno da criança, propor uma autonomia, desenvoltura e reorganização tanto cognitiva, quanto física, também facilitando a sua compreensão de mundo e do conhecimento proposto em sala de aula e em sociedade.

2.1 Jogos, brinquedos e brincadeiras e a cultura do brincar

De acordo com Kishimoto (2008, p. 104), “Brincar representa uma relação soberana entre a autoridade da criança e as necessidades da criança em certo sentido. e a necessidade de renovar os valores existentes na experiência social do outro lado.”

Ao brincar, a criança possibilita a assimilação da vida real, além de exercitar seu cognitivo, imaginação e criatividade. O desenvolvimento psicomotor pode ser estimulado durante o brincar, principalmente por meio de brincadeiras. Quando a criança é exposta a brincadeiras, ela é estimulada a descobrir o mundo, sendo exposta a atividades prazerosas, o que favorece um maior desenvolvimento.

O jogo propicia a criança uma tentativa rica de aprendizado e desenvolvimento dos seus aspectos físicos, cognitivos e afetuosos, oportuniza ainda, inúmeros benefícios ao indivíduo, dentre eles, benefícios morais, intelectuais e físicos, pois, é um meio de muita importância para o desenvolvimento integral de toda e qualquer criança.

“Em tempos passados, os jogos eram vistos como inúteis como coisa não séria. Já nos tempos do romantismo, o jogo aparece como algo sério e destinado a educar a criança” (KISHIMOTO, 2010, p. 19). Sendo assim, percebe-se que, com o passar do tempo os jogos vêm sendo compreendidos como um recurso que tão somente dá prazer e satisfação, mas que também se destacam como um método significativo a ser introduzido no ensino, de modo que venha a contribuir com o desenvolvimento infantil, aflorando a sua capacidade de aprendizagem e aprendizagem.

Ainda segundo Kishimoto (2010, p. 44), “os jogos de construção são considerados de grande importância por enriquecer a experiência sensorial, estimular a criatividade e desenvolver habilidades da criança”.

Pontua-se que os jogos não podem ser percebidos visualmente apenas para ocupar o tempo da criança ou como forma de recreação ou de livre interação, mas tende a ser compreendido visualmente também como um facilitador, para auxiliar na faculdade de diversas proficiências a serem desenvolvidas pela criança. Para Piaget, “o jogo nos propicia a experiência do êxito, pois é primordial, possibilitando a auto descoberta a assimilação e a integração com o mundo por meio de relações e de vivências”. (PIAGET; KISHIMOTO, 2010, p. 107). Ou seja, o ato de brincar não se resume apenas em diversão, mas em possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento de diversas proficiências.

Segundo Brougère (2010, p. 13), “o brinquedo, em contrapartida, não parece definido, por uma função precisa: trata-se, antes de tudo, de um objeto que a criança manipula livremente, sem estar condicionado as regras ou a princípios de atualização de outra natureza”. Nas suas compreensões, Brougère (2010, p. 69) enfatiza que:

Através do brinquedo, a criança entra em contato com um discurso cultural sobre a sociedade, realizado para ela, como é feito, ou foi feito, nos contos, nos livros, nos desenhos animados. São produções que propõem olhar sobre o mundo, olhar que leva em conta o destinatário especial, que é a criança. Nesse aspecto a especificidade do brinquedo está no

fato de ter volume, de propor situações originais de apropriação e sobretudo em convidar a manipulação lúdica.

Desse modo, os brinquedos são atividades imitativas e livres, onde as crianças transferem para os brinquedos uma realidade vivenciada no seu cotidiano no meio social. Kishimoto (2010, p. 20), ressalta que “o brinquedo estimula a representação, a expressão de imagens que evocam aspectos da realidade”.

Segundo Lira (2014, p. 8), “o brinquedo faz parte da vida da criança e está atrelado ao brincar, é considerado como objeto lúdico no suporte pela brincadeira”. Sendo assim, compreende-se que o brinquedo pode ser qualquer objeto, o qual se modifica a partir do comportamento de uma criança, dando-lhe suporte para a brincadeira e não como um objeto definitivo da brincadeira. A partir disso, percebe-se que não é o brinquedo que determina a brincadeira, mas é a brincadeira em si que enuncia o significado e a importância do brinquedo.

2.2 Contribuições da ludicidade para o desenvolvimento e o processo de ensino e aprendizagem na infância

O conteúdo lúdico permite que os alunos destaquem suas experiências e sua cultura, e por fim sugiram novas descobertas a partir dessa interação com o jogo, eles terão a oportunidade de desenvolver habilidades emocionais e motoras, mas o professor ajustará de acordo com o nível da criança.

O lúdico é um ótimo laboratório para aumentar diversas áreas da criança com base na cognição e no movimento e através das situações as experiências lúdicas podem colaborar no desenvolvimento global e aprimorar as habilidades motoras básicas da criança e através da brincadeira ela inventa e adquire novas habilidades.

Para Orth e Brandt (2016), além de desenvolver a coordenação motora, a brincadeira ajuda os alunos a expandir suas culturas físicas e orais, promove sua saúde e, por meio da brincadeira, os alunos também desenvolvem a imaginação e, por fim, constroem conhecimento para compreender melhor o processo de aprendizagem.

O brincar é essencial no currículo do jardim de infância, e se os professores ensinarem de acordo com o conteúdo, conseguirão melhores resultados no desenvolvimento global da criança, não só no tocante ao componente motor, mas também nos domínios sociais e cognitivos. Como tal, a sua utilização em sala de aula é essencial, pois através dos jogos os professores podem aproximar-se dos seus alunos e contribuir para a construção do seu conhecimento.

Segundo Freitas (2020), em estudo foi confirmado que o brincar pode estimular o aprendizado nos alunos pois desperta nas crianças o desejo de descobrir novos conhecimentos que ainda não foram vivenciados, o autor segue dizendo que é de extrema importância que os professores utilizem o lúdico na educação infantil.

Concluíram que o brincar é um importante facilitador da experiência do aluno, que contribui para o desenvolvimento global motor, cultural e cognitivo das crianças, e que o brincar deve ser utilizado como ferramenta facilitadora do desenvolvimento de estratégias na evolução motora infantil.

Segundo os autores Baretta et al., (2020), em uma pesquisa com alunos constataram que, por meio de atividades lúdicas, os alunos enriquecem as habilidades motoras desenvolvendo habilidades de motricidade, como coordenação motora fina e atenção ampla, que são consideradas como etapa básica do desenvolvimento.

Em um estudo completo por Leite (2013), ressalta-se que o lúdico, além de contribuir para o desenvolvimento motor, desperta nas crianças através das brincadeiras, o lado social e inclusivo, a participação, e o processo de ensino é mais significativo com um ambiente mais descontraído e acolhedor.

Para Santos e Pereira (2020), o lúdico vai desenvolver sociabilidade da criança e a criatividade, porque vai despertar o imaginário da criança, e através das brincadeiras a criança se torna independente, pois fortalece os laços pessoais e cooperativo, o que contribui para a sociabilidade das crianças.

Para entender o mundo em que vive, a criança encontra no lúdico um importante aliado, como uma grande ferramenta para a aprendizagem, nas áreas motoras, cognitivas e sociais, para o desenvolvimento integral da criança

O uso de jogos e brincadeiras, pelo educador não pode ser usado como um mero passatempo, sem nenhuma intencionalidade, muito pelo contrário, deve vir a ser um grande aliado proporcionando uma relação da construção da aprendizagem significativa, para que o aluno desenvolva seu potencial de aprendizado, com o objetivo de aprender brincando. Conforme Kishimoto (2011, p. 20) “Brincar não é uma dinâmica interna do indivíduo, mas uma atividade dotada de uma significação social precisa que, como outras, necessita de aprendizagem.”

A ludicidade deve ser levada a sério, os profissionais da educação podem aliar o uso de jogos e brincadeiras, em sala de aula, como uma forma de tornar a aprendizagem significativa, e mais contemporânea.

Os jogos são uma importante metodologia para o processo de aprendizagem, pois através de sua aplicabilidade talvez seja possível “sanar” um dos maiores problemas que hoje enfrentamos em sala de aula, que é o desinteresse, e conseqüentemente a dificuldade encontrada por alguns através do ensino tradicional (SILVA, ZANARDI, 2016, p. 4).

As crianças são as protagonistas do seu ensino, cabe ao professor o papel de mediador deste ensino, encantando, estimulando em cada ser que está sob sua responsabilidade, o desejo por uma educação acolhedora e lúdica.

Para Leif e Brunell (1978, p. 80), “não é suficiente dar às crianças o direito ao jogo, é preciso disputar e manter nelas o desejo do jogo; não é possível se contentar em ampliar os recreios e aumentar os estoques de brinquedos, é preciso formar educadores animadores”.

Ao criar um ambiente acolhedor, com brincadeiras, o professor/ educador, ajuda a criança no desenvolvimento intelectual, auxiliando e despertando a imaginação, o pensamento crítico, a criação, e a imaginação, bem como o lado social, fortalecendo o relacionamento com

seus colegas, e a visão de mundo. Ampliando seus horizontes, para além da sala de aula, transformando-os para futuros pensadores e transformadores do futuro. Teixeira (1995) afirma que compete ao educador oferecer inúmeras oportunidades para que a aprendizagem se torne prazerosa, por meio dos jogos e brincadeiras.

O uso do jogo como uma ferramenta de ensino e aprendizagem, proporciona uma melhor transmissão do conhecimento, para isso, o professor deve planejar bem as atividades lúdicas proporcionando aulas interessantes. “O trabalho do professor, nesse contexto, deve ser o de organizador da sala de aula como espaço lúdico, selecionando jogos que facilitem o desenvolvimento cognitivo, sócio afetivo e motor do aluno” (PERES, 2004, p. 39).

De acordo com os estudos de Ribeiro (2013)

O jogo apresenta sempre duas funções no ensino-aprendizagem. A primeira é lúdica, onde a criança encontra o prazer e a satisfação no jogar, e a segunda é educativa, onde através do jogo a criança é educada para a convivência social. (RIBEIRO, 2013, p. 2).

Na Educação Infantil, o educador/ professor exerce uma enorme parcela de contribuição ao proporcionar um ambiente de desafios para o seu aluno, o uso dos recursos lúdicos, contribuem para desenvolver a coordenação motora, e isso estimula o caminho para novos conhecimentos, através das brincadeiras e jogos, a criança observa, e através de imitações, executará os movimentos que lhe permitem trabalhar a coordenação motora.

3.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente revisão bibliográfica mostra que o lúdico é uma excelente ferramenta para se trabalhar o desenvolvimento integral da criança, entretanto, existem muito a se falar sobre esse assunto e cabe aos profissionais da área trazer mais discussões sobre o tema.

Ao usarmos o lúdico de maneira pedagógica podemos impulsionar de maneira positiva as áreas motoras, cognitivas e sociais do desenvolvimento do aluno, e para isso faz-se necessário trazermos novas metodologias que atraiam os alunos e que fiquem mais perto possíveis da realidade dos mesmos.

Contudo, pode-se concluir a confirmação através desta temática estudada que o lúdico é uma importante aliada do professor, o uso da ludicidade na fase da infância traz grande importância no desenvolvimento das crianças, mas para que esse desenvolvimento se faça eficaz, o professor precisa ensinar de maneira horizontal a todos e para isso, deve-se buscar uma maneira em que os alunos sejam incluídos dentro das aulas, respeitando as potencialidades de cada um.

REFERÊNCIAS

- ÁRIES, Philippe. História social da criança e da família.** 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BARETTA, Elisabeth et al. Desenvolvimento de competências sensório-motoras por meio de atividades lúdicas: uma experiência Pibidiana no CERT. **Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc Joaçaba**, v. 5, p. e23752- e23752, 2020.
- BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura.** 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- CASTRO, M.S. **Modelo da atividade Recreação:** Módulo programação. Rio de Janeiro: Sesc, 2007.
- CINTRA, R.C.G.G. A historicidade do lúdico na abordagem historicocultural de Vigotski. **Rascunhos Culturais**, v. 1, n. 2, p. 225, 2010.
- FREITAS, J.S. Educação física escolar e o conteúdo de jogos e brincadeiras tradicionais. **Revista Docentes**, v. 5, n. 11, p. 50-64, 2020.
- FROTA, Ana Maria Monte Coelho. Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. **Estud. psicol. psicol.** [online]. UERJ, RJ, v.7, n.1, p. 147-160, abr.2007.
- GARCIA, J. A Recreação enquanto elemento norteador no processo de socialização da 4ª série A do Ensino Fundamental da escola José Alexandre Sávio no município de Campo Largo. **Revista Eletronica de Educação Física.** v. 8, n. 07, 2012.
- HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente.** Porto Alegre: Artmed, 2004.
- KISHIMOTO, T.M. Educação Física e atividade lúdica: o papel da ludicidade no desenvolvimento psicomotor. EFDportes.com. **Revista Digital.** Buenos Aires, Año 15, Nº 154, Marzo de 2011.
- KISHIMOTO, Tizuco. M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação.** 13 ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- KISHIMOTO, Tizuco. M. **O brincar e suas teorias.** São Paulo: Cengage learning, 2018.
- LEIF, J e BRUNELLE, L. **O jogo pelo jogo.** Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- LEITE, S.F. **O lúdico na educação infantil:** a concepção do brincar na visão de professores de uma instituição de educação infantil de Campina Grande-PB. João Pessoa: UFPB, 2013. 37f. Disponível em: </https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/4269/1/SFL28032014.pdf/>. Acesso em: 15 de nov. 2022.

LIRA, Natali. A. B. A importância do brincar na educação Infantil. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v.5 – nº 1, p. 1-16, 2014.

MATTOS. M.G.; NEIRA. M.G. **Educação Física Infantil: Construindo o Movimento na Escola**. 4ª Ed. Guarulhos, SP: Phorte Editora, 2014.

NALLIN, C.G.F. **Memorial de Formação: o papel dos jogos e brincadeiras na Educação Infantil**. Campinas, SP: [s.n.], 2015.

ORTH, A.C.; BRANDT, V. A importância da ludicidade no trabalho com crianças na educação infantil. **ÁGORA Revista Eletrônica**, n. 23, 2016.

PAULA, M.V.G. Escola e cultura: o papel da educação física na valorização dos saberes culturais lúdicos por meio dos jogos tradicionais. **Corpoconsciência**, v. 24, n. 1, p. 205-216, 2020.

PERES, Regina Cristiane N. C. O lúdico no desenvolvimento da criança com paralisia cerebral espástica. **Rev. Bras. Cresc. Des. Hum.** S. Paulo, 14(3), 2004. Disponível em: /file:///C:/Users/Familia/Downloads/40114-47351-1-SM%20(1).pdf/. acesso 25 mar. de 2022.

RIBEIRO, Suely de Souza. **A Importância do Lúdico no Processo de Ensino-Aprendizagem no Desenvolvimento da Infância**. 2013. Disponível em: <https://psicologado.com/atuacao/psicologia-escolar/a-importancia-do-ludico-no-processo-de-ensino-aprendizagem-no-desenvolvimento-da-infancia> Acesso em 22 de março de 2022

RODRIGUES, L.M. **A criança e o brincar**. Universidade federal rural do rio de janeiro - UFRRJ decanato de pesquisa e pós-graduação – DPPG. Rio de Janeiro, 2019.

SANTOS, A.A.; PEREIRA, Otaviano José. A importância dos jogos e brincadeiras lúdicas na Educação Infantil. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, v. 11, n. 25, p. 480-493, 2020.

SILVA, ZANARDI, **Jogos educativos auxiliando na aprendizagem** 2016, p. 4. Disponível em: </https://saladerecursos.com.br/jogos-educativos-auxiliando-na-aprendizagem/>. Acesso: em 15 jan. 2022

TEIXEIRA, Calos E. J. **A ludicidade na escola**. São Paulo: Loyola, 1995.

INCLUSÃO DE UM ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DE CASO

¹Gracilene Lima de Oliveira Pereira

²Priscila Sousa Barbosa Castelo Branco

RESUMO

No processo de educação a criança desenvolve tanto habilidades e conhecimentos cognitivos, quanto interação social com outras crianças. Quando se trata desse processo relacionado a crianças especiais ainda é encarado como desafio para muitas instituições, isto porque nem sempre estão preparadas. Nesse sentido, este trabalho apresenta um estudo de caso em uma escola particular, o qual procura compreender como tem se dado o processo de inclusão da criança com TEA no contexto da instituição, assim se buscou a resposta para a pergunta: Como se dá o processo de inclusão dos estudantes com TEA nos anos iniciais do ensino fundamental na escola particular? Para responder o questionamento foram traçados três objetivos, sendo estes descrever informações sobre os principais aspectos da educação especial e enfatizar as características do TEA, apontar as dificuldades do processo de inclusão escolar do estudante com TEA e apresentar as características da escola onde foi realizada a pesquisa. O método empregado na pesquisa foi o indutivo, seguindo abordagem qualitativa explicativa por estudo de caso onde se utilizou ferramentas de entrevistas do tipo semiestruturadas. Como resultado, se verificou que o estudante com TEA em questão estuda em uma escola bem estruturada e possui apoio de equipes multidisciplinares, e que a inclusão do mesmo está sendo fundamental para o seu desenvolvimento. Palavras-chave: TEA. Inclusão. Educação.

ABSTRACT

In the education process the child develops both cognitive skills and knowledge, as well as social interaction with other children. When it comes to this process related to special children, it is still seen as a challenge for many institutions this is because they are not always prepared. In this sense, this paper presents a case study in a private school, which seeks to understand how the process of inclusion of children with ASD has been given in the context of the institution, thus seeking the answer to the question. How does the process of inclusion of students with ASD take place in the early years of elementary school in private school? To answer the question, three objectives were outlined, which were to describe information on the main aspects of special education and to emphasize the characteristics of ASD, point out the difficulties of the school inclusion process of the student with ASD and to present the characteristics of the school where the research was conducted. The method used in the research was the inductive following a qualitative approach explanatory by a case study where semi-structured interview tools were used. For bibliographic basis

¹ Aluna do curso de Pedagogia, Faculdade Laboro.

² Docente da Faculdade Laboro, curso de Pedagogia.

authors such as Melo (2007), Backes, Zanon and Bosa (2017), Coelho, Vilalva and Hauer (2019) were used. As a result, it was found that the student with ASD in question studies in a well-structured school and has the support of and that its inclusion is being fundamental for its development. Keywords: ASD. Inclusion. Education.

INTRODUÇÃO

A escola, assim como a família, exerce um papel fundamental no processo de educação, nesta a criança desenvolve tanto habilidades e conhecimentos cognitivos, quanto interação social com outras crianças, ações essas essenciais para o bem-estar e qualidade de vida, sendo necessário que todas as pessoas envolvidas na educação participem do processo de aprendizagem desde a infância.

Quando se trata desse processo relacionado a crianças especiais, por mais importante que seja a inclusão desta no contexto escolar, esse fator ainda é encarado como desafio para muitas instituições, isto porque nem sempre estão preparadas, seja estruturalmente ou mesmo com o quadro de profissionais qualificados no atendimento a essa demanda.

Entre os estudantes que se enquadram dessa situação, estão aqueles com Transtorno do Espectro Autista (TEA), que segundo a Organização mundial da

Saúde- OMS (2020, S/P), trata-se de “algum grau de dificuldade com interação social e comunicação, ou ainda na transição de uma atividade para outra, foco em detalhes e reações incomuns às sensações”. Como indica a OMS, a criança com TEA enfrenta dificuldades incomuns aos outros estudantes, o que pode gerar algum tipo de obstáculo no aprendizado, requerendo maior atenção e cuidados no acompanhamento destes.

Nesse sentido, este trabalho apresenta um estudo de caso em uma escola particular, o qual procura compreender como tem se dado o processo de inclusão da criança com TEA no contexto da instituição, dessa maneira analisar o método de ensino/aprendizagem ali desenvolvido.

Para embasamento bibliográfico, foram utilizados autores como Melo (2007),

Backes, Zanon e Bosa (2017), Coelho, Vilalva e Hauer (2019), DSM-V (2014). Brasil (2009). O método empregado na pesquisa foi o indutivo, seguindo abordagem qualitativa explicativa e por se tratar de um estudo de caso, a pesquisa foi desenvolvida por procedimento monográfico. Diante disso, parte-se do questionamento: como se dá o processo de inclusão dos estudantes com TEA nos anos iniciais do ensino fundamental na escola particular?

OBJETIVOS

Para responder o questionamento foram traçados objetivos, sendo estes:

Objetivo geral:

Analisar como se dar a inclusão de um estudante com TEA nos anos iniciais do ensino fundamental.

Objetivos específicos:

Descrever informações sobre os principais aspectos da educação especial e enfatizar as características do TEA;

Apontar as dificuldades do processo de inclusão escolar do estudante com TEA;

Apresentar as características da escola onde foi realizada a pesquisa.

RESULTADOS

O estudo de caso foi realizado em um instituto do ensino privado. O ambiente é climatizado e possui uma estrutura organizada e limpa, com pátio para atividades físicas e banheiros higienizados; as salas são adaptadas para melhor conforto e ilustradas com cores que correspondem à faixa etária da criança, contribuindo ainda mais para o desenvolvimento perceptível destas (Figura 1 e 2).

• Estrutura da escola

Na escola há presença de 10 alunos com TEA entre o ensino fundamental maior e o menor. Apesar desse número expressivo e atendimento de maneira bem assistida, a escola não possui sala de recurso em prol do Atendimento Educacional Especializado-AEE como indicado pelo Ministério da Educação. É muito importante que toda escola pública e privada, tenha essa sala de forma que venha assegurar as condições devidas de acesso, integração e inclusão no ensino.

Figuras 1 e 2. Estrutura física da escola onde se realizou o estudo de caso



Fonte: Arquivo próprio, 2022.

O estudo de caso foi realizado durante o mês de outubro de 2022, quando foram realizadas entrevistas com as partes escolhidas, sendo estas: a professora que chamaremos nesse documento de P1, a coordenadora da escola (P2) e a mãe do estudante estudado (P3), as quais foram muito atenciosas e acolhedoras. As perguntas para a entrevista foram semiestruturada de maneira a deixar os atores mais à vontade para demonstrarem suas experiências cotidianas.

• Entrevistas:

Professora (P1) Para a docente, a principal dificuldade ou desafio do estudante com TEA é a questão de sociabilidade, pois ele tem resistência em conviver com algumas pessoas:

“acredito isso seja mais uma participação entre família e escola, que ajuda melhor o desenvolvimento dele, com os estudantes, ele se socializa com alguns de sua preferência, já outros ele tem resistência, mas para mim a inclusão é ele estar ali na sala de aula” (P1).

Coordenadora (P2) Sobre a estrutura da escola, a coordenadora explicou que

“prioriza um ambiente acolhedor onde o estudante é incluído na sala de aula regular com recursos que vão trabalhar dentro das possibilidades as habilidades que ele ainda não tenha desenvolvido, de acordo com os profissionais que acompanham como psicopedagoga, assistente social, monitoria e pedagoga que trabalham em conjunto na elaboração de recursos e atividade” (P2).

Mãe do aluno (P3) Para a docente, a principal dificuldade ou desafio do estudante com TEA é a questão de sociabilidade, pois ele tem resistência em conviver com algumas pessoas

“acho, que por ser especial, ele deveria ter uma professora geral da sala toda e outra só para ele, de forma que ele tivesse um apoio maior, com atividades e conteúdo de ensino voltado para o contexto dele, acho que isso seria melhor e ele terá uma evolução maior” (P3).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, os resultados da pesquisa indicaram que a escola possui uma boa estrutura física, mas ainda precisa se enquadrar no que se refere a sala de recurso. Em relação ao preparo dos professores, a escola disponibiliza de formação pedagógica anual, e que os professores possuem capacitação profissional para lidar com estudantes com TEA. Foi averiguado ainda

que a criança faz acompanhamento com toda uma equipe de psicopedagogo, arteterapia, psicóloga, entre outros e que o mesmo tem uma rotina de ensino com atividades extra escolares que a própria mãe aplica.

Tendo em vista os aspectos apresentados, foi visto que a educação é fundamental para o desenvolvimento e evolução do estudante com TEA, visto que melhora a vida do estudante, o incluindo em sociedade e garantindo o direito, bem-estar e qualidade de vida como todas as pessoas. Assim acredita-se que este trabalho foi significativo e conseguiu cumprir os objetivos propostos.

REFERÊNCIAS

BACKES, B., ZANON, R. B., & BOSA, C. A. (2017). Características sintomatológicas de crianças com autismo e regressão da linguagem oral. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 33. doi: 10.1590/0102.3772e3343

BRASIL. Resolução CNE/CEB 4/2009. Diário Oficial da União, Brasília, 5 de outubro de 2009, Seção 1, p. 17

COELHO, A. B., VILALVA, S. E HAUER R. D. Transtorno Do Espectro Autista: Educação E Saúde. *Revista Gestão & Saúde* 2019, P. 73.

DSM-Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. DSM-5 . 5. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

MELLO, Ana Maria S. Ros de. Autismo: guia prático. Colaboração: Marialice de Castro Vataavuk. 7. ed. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2007. Disponível em: << <https://www.ama.org.br/site/autismo>>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

ROTINA PEDAGÓGICA: Uma ferramenta estratégica para o desenvolvimento infantil.

¹Maurianne Kelly Silva e Silva De Hungria

²Joselina Almeida Diniz Cardoso

RESUMO

Este artigo tem como objeto de estudo, a rotina pedagógica, como uma ferramenta estratégica para o desenvolvimento infantil. Para alcançar os objetivos desse trabalho, buscou-se estudar a relevância da rotina no âmbito escolar, analisar estudos sobre a aplicação da rotina no ambiente escolar e verificar a eficácia da rotina para a evolução da aprendizagem infantil. Pretende-se mostrar qual o resultado produzido pela inserção da rotina tanto em sala, quanto sua continuação no meio familiar e quais as vantagens dessa colaboração mútua. Esta pesquisa segue os preceitos do estudo exploratório, por meio de uma pesquisa bibliográfica, onde foram analisados artigos, livros e revistas, buscando melhor entendimento do assunto proposto, com o intuito de explicar a relevância da aplicação da rotina na educação infantil.

Palavras-chave: Rotina pedagógica. Educação infantil. Desenvolvimento infantil.

ABSTRACT

This article has as object of study, the pedagogical routine, as a strategic tool for child development. It's achieve the objectives of this work it is sought to study the relevance of the routine in the school environment it's analyze studies on the application of the routine in the school environment and verify the effectiveness of the routine for the evolution of children's learning. It's intend to show the result produced by the insertion of the routine both in the classroom and its continuation in the family environment and what are the advantages of this mutual collaboration. This research follows the precepts of exploratory study through a bibliographical research where articles, books and magazines were analyzed seeking a better understanding of the proposed subject with the intention of explaining the relevance of the application of routine in early childhood education.

Keywords: Pedagogical routine. Child education. Child development.

¹ Aluna do curso de Pedagogia, Faculdade Laboro.

² Docente da Faculdade Laboro, curso de Pedagogia.

INTRODUÇÃO

A criança no processo de construção do desenvolvimento cognitivo absorve o conhecimento adquirido pela humanidade, assim como em sua evolução. Pode-se perceber que a aplicação de uma rotina no cotidiano das atividades habituais dessa criança vai proporcionar um avanço cognitivo, e possibilitar que o aprendizado aconteça de forma mais organizada e prática.

A rotina pode ser amplamente utilizada como ferramenta fundamental para o auxílio dos pais e educadores, e tem um papel importante no cotidiano das crianças, sendo essencial na formação e desenvolvimento, enquanto cidadãos responsáveis e confiantes. Para isso, ela precisa estar adequada ao planejamento das atividades que serão desenvolvidas, tanto no âmbito educacional, quanto no familiar.

Dessa forma, observa-se o conhecimento, a memorização das matérias e o desempenho do aluno que são os principais objetivos da educação, são facilmente alcançados se houver uma consistente rotina educacional. A rotina escolar assegura que os alunos assimilem com mais facilidade o conhecimento transmitido pelos professores e possibilita maior participação na realização das atividades de classe.

O planejamento da rotina influencia de forma bem acentuada na aplicação de atividades em sala e auxilia a escola nas inúmeras estruturas que levam em consideração o tempo que se pretende organizar e prever, que pode ser, um dia, uma semana, alguns meses, um ano.

Enfatiza-se que, desenvolvimento infantil é um processo que tem início na parte cognitiva. A cognição é compreendida como a capacidade do ser humano de absorver informações que partem de diferentes fontes fazer o processamento para, enfim transformá-las em conhecimento. Sendo assim, é necessário que seja feito os devidos estímulos, para que sejam colhidos bons frutos no desenvolvimento da criança e em todas as atividades que elas venham a realizar.

É importante salientar que, as crianças precisam de tempo livre para brincar, fazer outras atividades fora da escola e de casa, ao ar livre, por exemplo, para evitar que fiquem sobrecarregadas emocionalmente. Para ter um equilíbrio, é necessário conhecer os limites para a aplicabilidade do hábito e fazer o planejamento correto e sem exageros.

1.1 Justificativa

O tema central a ser abordado neste artigo é a rotina pedagógica como uma ferramenta estratégica para o desenvolvimento infantil, assunto que possui um papel de destaque no âmbito educacional, pois estudos mostram que a rotina é uma importante aliada para a estrutura do cotidiano escolar, e precisa ser aplicada também pela família, afim de que, o trabalho em conjunto potencialize a aprendizagem do educando.

Neste sentido, verifica-se como é importante entender e estudar essa temática,

para que cada vez mais, as crianças tenham um desenvolvimento em sala de aula, que seja adequado com as expectativas de cada fase do processo educacional infantil.

1.2 Objetivo Geral

Estudar como a inserção da rotina influencia no ensino, na educação infantil e qual são a sua relevância nesse processo.

1.2.1 Objetivos Específicos

Analisar estudos sobre a aplicação da rotina no ambiente escolar.

Estudar qual a importância da rotina no desenvolvimento infantil.

Verificar a eficácia da rotina para a evolução da aprendizagem infantil.

1.3 Metodologia

Este estudo será desenvolvido seguindo os preceitos do estudo exploratório, por meio de uma pesquisa bibliográfica, onde serão analisados artigos, livros e revistas, buscando melhor entendimento do assunto proposto, com o intuito de explicar a relevância da aplicação da rotina na educação infantil.

2. A APLICABILIDADE DA ROTINA INFANTIL NA EDUCAÇÃO

Segundo Priscilla Gomes (2022), “a função primordial de uma rotina é servir de guia acerca do que deve ser realizado, quase como um cronograma diário.” Diante disso, precisa-se incluir a rotina como instrumento essencial para o auxílio diário, organizando e planejando o tempo. A respeito da aplicação da rotina na educação infantil, o autor Barbosa (2007) aduz que:

Importância das rotinas na educação infantil provém da possibilidade de constituir uma visão própria como concretização paradigmática de uma concepção de educação e de cuidado. É possível afirmar que elas sintetizam o projeto pedagógico das instituições e apresentam a proposta de ação educativa dos profissionais. A rotina é usada, muitas vezes, como o cartão de visitas da instituição, quando da apresentação desta aos pais ou à comunidade, ou como um dos pontos centrais de avaliação da

programação educacional (BARBOSA, 2007, p. 36).

Desta forma, as escolas priorizam a aplicação da rotina na educação infantil, pois muitas vezes usam como instrumento de organização e planejamento, apresentando um lado positivo no auxílio da programação diária. O acolhimento das crianças e as tarefas a serem realizadas durante o tempo que passam na escola precisam ser organizados em uma rotina, para que os alunos possam adquirir autonomia e responsabilidade no desenvolvimento das atividades e, principalmente, na vida diária.

Além disso, funcionários e professores também conseguem administrar melhor seu tempo e atender às demandas de cada aluno. As crianças, de acordo com sua faixa etária, devem ter tempo para realizar adequadamente todas as atividades sem prejuízo de seu aprendizado. Todos os momentos vividos na instituição podem ser oportunos para a promoção do conhecimento. As atividades em sequência poderão ser incluídas no cronograma, com tempo alocado para cada uma delas.

A rotina permite um maior rendimento no aprendizado, por diminuir a ansiedade da criança em sala de aula, e promover a sensação de segurança e, isso gera um conforto no ambiente de sala de aula. O trabalho na educação infantil é estruturado no brincar, cuidar e educar, e especialmente na construção da sociabilidade da criança, da aprendizagem e da independência, em prol de uma maior autonomia (QUEIROZ, 2011). Para Barbosa (2007) as pedagogias se apresentam de formas variadas, como se observa abaixo:

As pedagogias da educação infantil são múltiplas, e múltiplas também são os enfoques de rotinas propostos. Cada campo do conhecimento apresenta um diferente enfoque e recomenda um tipo de atitude frente à organização diária das crianças nas creches e nas pré-escolas, sugerindo, assim, rotinas diferenciadas. Apesar de existirem essas diferenças potenciais de organização, a partir dos diferentes pontos de vista, encontramos algumas propostas de ações que podem ser consideradas os pontos fixos das rotinas. Com o intuito de explicitar de que modo as rotinas operam como categoria pedagógica na educação infantil, destaquei seus pontos de convergência. As regularidades das rotinas fazem que elas se constituam de uma série de ações que se repetem, com um padrão estrutural característico, que possui certa invariância é reconhecível por todos aqueles que pertencem à área (BARBOSA, 2007, p.114).

É muito importante usar mecanismos para facilitar a execução das atividades em sala de aula e o roteiro é o instrumento ideal para esta finalidade. Fazer uma organização de rotina estável, não quer dizer que seja algo rígido, que não possa ser flexibilizado, as atividades propostas em sala podem ser alteradas de acordo com as necessidades que aparecem emergencialmente.

Imagem 1 – Rotina para Creches



Fonte: Site Ideias e Palavras.

De acordo com Oliveira, et al (2019), “a rotina orienta e direciona os alunos às atividades, é um instrumento pedagógico constituída por diferentes momentos, ao iniciar a aula, durante e após a atividade principal”. Corroborando as palavras de Oliveira, o educador precisa elaborar uma rotina criativa, onde sejam evitadas atividades repetitivas ou cansativas, se utilizando de situações variadas para inovar. Sobre a integração da rotina nas instituições escolares, Barbosa (2007, p. 39) diz que:

A questão do cotidiano e das rotinas que o regram e normatizam, isto é, a vida cotidiana em sua integralidade nas instituições de creche e pré-escola, pode ser vista como elemento central nas pedagogias da educação infantil e, por isso, acredito que esse tema deva ser pesquisado e refletido. As rotinas das pedagogias da educação infantil foram vistas, neste trabalho, como um dos elementos integrantes das práticas pedagógicas e didáticas que são previamente pensadas, planejadas e reguladas, com o objetivo de ordenar e operacionalizar o cotidiano da instituição e constituir a subjetividade de seus integrantes. Tais objetivos estão bem determinados, apesar de nem sempre estarem explícitos (BARBOSA, 2007, p. 36,).

A rotina quando bem planejada é reconhecida por diversos estudiosos da área educacional, como o ponto fundamental para um bom aproveitamento de atividades em classe, seja pela aceitação dos alunos ou pelo simples fato de ampliar o desenvolvimento de habilidades e competências nas crianças. Nesse sentido, possibilita uma sequência de diferentes atividades que acontecem no dia a dia, proporcionando a criança a aprender a se orientar na relação tempo-espaço e se desenvolva de forma esperada.

Essa organização permite que as crianças desenvolvam seu próprio ritmo, antecipem o que irá acontecer, sintam-se seguras e atuem com mais autonomia e tranquilidade no ambiente escolar. Essa segurança que a rotina oferece, favorece a realização do papel do educador, pois possibilita melhorar a prática pedagógica de ensino (QUEIROZ, 2011).

3 A ROTINA COMO FERRAMENTA DE ORGANIZAÇÃO NA PEDAGOGIA

A rotina pedagógica trabalhada em sala de aula busca seguir um ritual, que proporciona às crianças saber a ordem das atividades a serem trabalhadas no cotidiano escolar, como por exemplo, a roda de conversa, para contação de histórias, ouvir músicas, contar suas vivências, brincar, atividades lúdicas que chamem a atenção para o tema abordado. Para Souza (2020) a rotina escolar é:

Um dos elementos integrantes das práticas pedagógicas e didáticas previamente pensadas e planejadas pode ser vista nas instituições de infância através do objetivo de ordenar e operacionalizar o cotidiano e estabelecer a subjetividade de seus integrantes. Além disso, vale enfatizar uma rotina que contemple o entrelaçamento das ações fundamentais os quais configuram a Educação Infantil necessita de uma consciência crítica do educador em compreender que a rotina é responsável pela organização e cumprimento das metas preestabelecidas no dia a dia escolar visando criar um ambiente saudável para as relações sociais e para o processo de ensino e aprendizagem do sujeito apreendente (SOUZA, 2020).

Com o uso da rotina em sala evita-se que as crianças fiquem ociosas, usando adequadamente a rotina em cada faixa etária, como por exemplo, inicia-se com a acolhida, contação de história, lanche, hora do brinquedo, atividades, contemplando o uso do plano do planejamento que foi previamente proposto pela professora, lembrando que todo planejamento é flexível.

A proposta pedagógica e os objetivos implantados para o ano letivo é o que norteia a rotina a ser executada em sala. Sobre essas atividades propostas a Souza (2020) dispõe:

São atividades pedagógicas que estimulam o desenvolvimento da criança e por consequência devem estar presentes no cotidiano educativo das mesmas. Na literatura estudada, estas práticas são as mais utilizadas, estando em consonância com o sugerido pelos documentos norteadores das práticas pedagógicas infantis, e ganham outras nomenclaturas seguindo a realidade escolar e o modo como foram empregadas (SOUZA, 2020).

Para que os objetos propostos sejam de fato utilizados como fonte de conhecimentos para as crianças, é necessário criar situações de aprendizagem, onde, seja possível observar e perceber suas características e propriedades não evidentes. Dito isto, é fundamental oferecer às crianças informações novas que propiciem experiências diversas.

Percebe-se que o conhecimento é estruturado no trabalho coletivo, pois para se desenvolver plenamente, a crianças necessitam de interação com outras pessoas e fazer parte de diversos grupos sociais, que não pertençam ao seu núcleo familiar. Esse processo suscita emoções e além da parte cognitiva, é um grande desafio para se desenvolver competências e

habilidades. De acordo com Vieira (2018) a influência da rotina na ação pedagógica:

Diversos pesquisadores vêm apontando a importância da organização da rotina no contexto escolar, principalmente em instituições de educação infantil, apesar disso muitos educadores desconhecem o valor da utilização da rotina, este pensamento acaba descaracterizando a rotina como um recurso pedagógico transformando-a em um mero divisor de tempo e espaço sem nenhuma ação pedagógica. Além disso, a utilização da rotina de maneira incorreta ou até mesmo quando não se leva em consideração a fala da criança pode vir a prejudicar o aprendizado das mesmas (VIEIRA, 2018)

Várias ferramentas são utilizadas no auxílio da aprendizagem, as instituições estabelecem uma proposta pedagógica que norteia a rotina pedagógica para que o ano letivo seja estruturado de forma correta, para que os objetivos propostos sejam alcançados a rotina pedagógica precisa ter um tempo correto e não se torne cansativa.

Imagem 2 – fluxograma sobre o processo de aprendizagem



Fonte: VIEIRA, 2018.

É oportuno dizer, para que a rotina tenha um efeito de impacto positivo na vida acadêmica da criança, a pedagogia tem um instrumento indispensável que é o planejamento. Este tem o papel de nortear as diretrizes que a rotina vai impactar, e quais pontos serão amplamente impactados, para que o objetivo aplicado em determinado aspecto, seja alcançado.

3.1 O planejamento da rotina e sua influência na educação infantil

O planejamento é uma projeção do que acontecerá, aplica-se em diversas áreas da vida do ser humano. No âmbito escolar, o professor toma decisões levando em consideração suas percepções sobre: quem é a criança como ser único? Como ela aprende e compreende? Quais competências e habilidades importantes em cada faixa etária? Qual é a responsabilidade do professor entre outros aspectos importantes que não podem ser esquecidos, na elaboração do planejamento? Questionamentos como esses são fundamentalmente importante para a realização de um bom planejamento.

O planejamento possui inúmeras estruturas que levam em consideração: o tempo que se pretende organizar e prever, que pode ser um dia, uma semana, alguns meses, um ano. É importante frisar, a necessidade de se utilizar os diferentes tipos de planejamentos para que todos os objetivos sejam atendidos. O planejamento na educação infantil, de acordo com o entendimento de Jesus e Germano (2013):

Um momento que possibilita o professor encontrar soluções para obter avanços no desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança, por isso deve ser uma atividade contínua, onde o professor não somente escolhe os conteúdos a serem passados, mas faz todo um processo de acompanhamento onde diagnostica os avanços e dificuldades de toda a turma e também de forma individual, já que é fundamental o professor levar em consideração as peculiaridades e as especificidades de cada criança, já que cada uma tem seu modo de agir, pensar e sentir (JESUS; GERMANO, 2013, p. 31)

Entende-se que a rotina flexível, colabora para que o educador possa atuar de forma assertiva junto aos imprevistos que tendem a acontecer durante o ano letivo. Assim sendo, o planejamento como instrumento importante para efetiva aplicabilidade da rotina, é mais um apoio à prática do que uma mera obrigação. Desse modo, insere-se mais consistência à ação cotidiana.

De acordo com Referencial Curricular Nacional para a educação infantil (BRASIL, 1998, p. 196) cabe “ao professor planejar uma sequência de atividades que possibilite uma aprendizagem significativa para as crianças, nas quais elas possam reconhecer os limites de seus conhecimentos, ampliá-los e/ou reformulá-los”.

Portanto, o planejamento curricular é uma atividade que busca a colaboração de diversas disciplinas o que favorece o processo de ensino, pois idealiza todas as atividades que o educando irá realizar sob a orientação da escola para atingir os fins da educação. No ponto de vista de Francisco e Bragagnollo (2020), o planejamento no contexto de Educação Infantil tem o objetivo principal de:

Promover algum tipo de aprendizagem, considerando o que as crianças trazem, o que elas já sabem, e, sobretudo, o que podem aprender, pois conforme as literaturas, os registros e a observação contribuem para propostas novas, criativas, conforme o grupo de crianças. Deve ser considerada também a pluralidade de personalidades, capacidades cognitivas e necessidades dentro de uma turma, garantindo o envolvimento

de todas as crianças nas atividades propostas (FRANCISCO; BRAGAGNOLLO, 2020, p. 24).

Diante disso, o planejamento contribui de forma positiva no âmbito escolar, ajudando o professor a organizar seu tempo, frisando no que realmente é necessário para a aprendizagem significativa das crianças, ampliando e reformulando seus limites. Compreende-se ainda que, a construção do planejamento auxilia no desenvolvimento do aluno, contribuindo de forma assertiva para execução das atividades propostas.

Imagem 3 – Construção do Planejamento do Currículo escolar.



Fonte: HORN; FOCHI, 2012.

A fim de contribuir para o desenvolvimento infantil o professor precisa aproveitar todos os momentos, seu papel é de extrema importância, tem como objetivo oferecer experiências diversificadas inclusive os de cuidados, para, então, estimular e pacientemente apresentar a criança novas formas de pensar, de modo que, desenvolva-se como esperado.

Nesse sentido, é imprescindível considerar a observação das interações e explorações infantis, a reflexão sobre as estratégias, o desenvolvimento de ações e o registro das experiências como um ciclo que nunca termina. Para planejar as experiências das crianças é imprescindível que as intenções educativas possam criar oportunidades para a aprendizagem e desenvolvimento, esse é o fim essencial do processo de planejamento.

É oportuno lembrar que, todo planejamento é flexível, que nem sempre funciona da maneira que se espera, pois, cada criança é um ser único com vivências e realidades diferentes e aprende cada um à sua maneira e em seu tempo.

4. O BENEFÍCIO DA ROTINA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL NA ESCOLA

O desenvolvimento infantil é construído por processo que se iniciam com o cognitivo. A cognição é compreendida como a capacidade do ser humano de absorver informações que partem de diferentes fontes, fazer o processamento para, enfim, transformá-las em conhecimento. E, também vem da absorção de estímulos do ambiente, da experiência e de nossas características pessoais e sociais. Segundo Souza e Veríssimo (2015) o desenvolvimento infantil é:

É parte fundamental do desenvolvimento humano, um processo ativo e único de cada criança, expresso por continuidade e mudanças nas habilidades motoras, cognitivas, psicossociais e de linguagem, com aquisições progressivamente mais complexas nas funções da vida diária e no exercício de seu papel social. O período pré-natal e os anos iniciais da infância são decisivos no processo de desenvolvimento, que é constituído pela interação das características biopsicológicas, herdadas geneticamente, e experiências oferecidas pelo meio ambiente. O alcance do potencial de cada criança depende do cuidado responsivo às suas necessidades de desenvolvimento. (SOUZA; VERÍSSIMO, 2015, p. 34).

Os processos cognitivos são evidenciados tanto de maneira orgânica, quanto artificial, de forma consciente ou inconsciente, porém, de maneira rápida e integrada. Os métodos básicos são: memória, pensamento, percepção, atenção, linguagem e aprendizagem. A descrição dos processos básicos segundo Suyane (2022):

Memória: Capacidade que permite a codificação, o armazenamento e recuperação de dados. De forma resumida a memória pode ser dividida em três processos: Codificação: Envolve o processo de entrada e registro inicial da informação e a capacidade de mantê-la ativa para o processo de armazenamento. Armazenamento: Envolve a manutenção da informação codificada pelo tempo necessário para que possa ser recuperada e utilizada quando evocada. Evocação ou reprodução: Caracterizada pela recuperação da informação registrada e armazenada, para que possa ser usada por outros processos cognitivos como pensamento, linguagem e etc. A memória ainda pode ser classificada como memória de curto prazo, memória de longo prazo, autobiográfica, episódica e sensorial. A perda ou dificuldade de armazenamento ou recuperação de informações é conhecida como amnésia e deve ser tratada sendo comum em casos de lesões e traumas de diferentes espécies. Emoção: É um estado mental subjetivo associado a uma ampla variedade de sentimentos, comportamentos e pensamentos. Ela desempenha um papel central nas atividades humanas, já que as emoções alteram a atenção e o nível do comportamento resultando em diferentes respostas do indivíduo. Pode ser considerada como uma espécie de depósito de influências aprendidas e inatas.

Pensamento: É a capacidade de compreender, formar conceitos e organizá-lo.

Estabelece relações entre os conceitos por meio de elementos de outras funções mentais (como as vistas anteriormente), além de criar novas representações, ou seja, novos pensamentos. O pensamento possibilita a associação de dados e sua transformação em informação estando consequentemente associado com a resolução de problemas, tomadas de decisões e julgamentos. Linguagem: A Linguagem é a capacidade de receber, interpretar e emitir informações ao ambiente. Por meio da linguagem podem-se trocar informações e desenvolver formas de compreensão e de expressão. A linguagem reflete a capacidade de pensamento, então se uma pessoa tiver um transtorno de pensamento sua linguagem poderá ser prejudicada. Junto aos processos cognitivos é que a linguagem se desenvolve e se as habilidades das funções mentais são crescentes assim os recursos linguísticos também serão. Sensação: A sensação é a resposta sensorial ou objetiva ao estímulo do meio ela detecta a experiência sensorial básica por meio dos sons, objetos, odores e etc. Desse modo, essa função pode classificada como sendo de natureza objetiva. Percepção: Refere-se à capacidade de captar os estímulos do meio para processamento da informação. Os órgãos dos sentidos são responsáveis pela captação das informações, ou seja, o processamento cerebral depende da visão, olfato, tato e etc. Ela é considerada uma característica subjetiva, diferentemente da sensação que é classificada como sendo objetiva (SUYANE, 2022, p. 1).

Observa-se que o processo de aprendizagem é bastante complexo, e ver-se como cada sentido se apresenta de maneira expressiva e, assim, consegue colaborar para essa criação do pensamento e formação do conhecimento que é inato, e necessita fortemente da família e sociedade. Sobre os elementos das rotinas Barbosa (2007):

Mesmo quando representam ou indicam concepções políticas e pedagógicas diversas, existem alguns elementos constitutivos das rotinas que são invariáveis como situação, podendo ser variáveis em seu conteúdo de acordo com as diferentes pedagogias. As regularidades das rotinas são aquela sequência de atividades que a educadora ou a instituição define como os aspectos mais importantes para ser efetivados no dia a dia. Por exemplo: as rotinas apresentam, em certo horário, um momento de diálogo, que pode ser chamado de assembleia ou rodinha, ou, ainda, de conversação froebeliana. Apesar dos diversos nomes, a situação é invariável, mas o modo como ela se realiza, os níveis de participação dos adultos e das crianças e a forma como é dividido o tempo podem dar a essa tarefa um significado diferente. Muitas vezes, as rotinas que estão presentes nas propostas pedagógicas e nas práticas das instituições de educação infantil tornam-se um elemento indiscutível por estarem profundamente ligadas a uma tradição social e educacional, não fazendo, assim, parte das discussões pedagógicas, das teorizações da educação infantil e de uma tomada consciente de decisão do educador ou da equipe de trabalho das instituições de educação e cuidados das crianças pequenas. Nelas estão presentes, principalmente, os hábitos consolidados devido à inércia institucional, hábitos indiscutíveis, fruto da tradição e de um saber consolidado na prática. A tentativa de compreender os elementos constituintes das rotinas com maior profundidade tem como foco possibilitar aos educadores pensar quais são os conteúdos transmitidos por intermédio delas, quais as práticas decorrentes de sua execução que são assimiladas por seus praticantes,

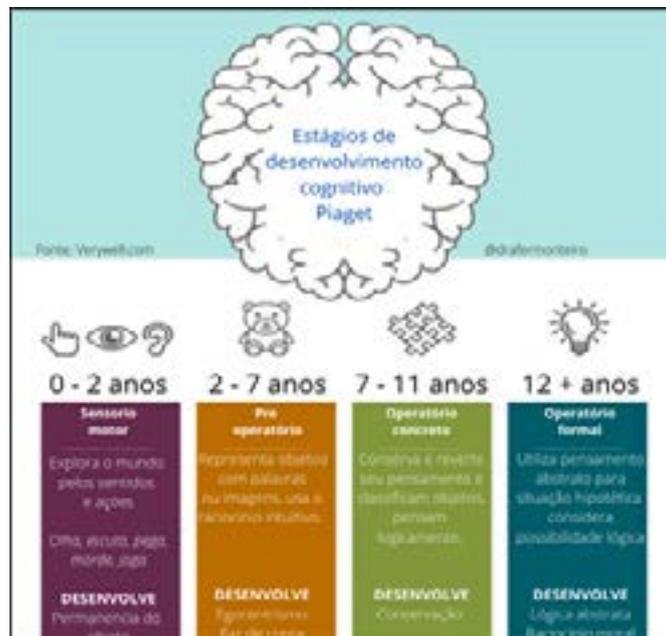
quais os hábitos de estruturação mental e moral que estão sendo constituídos e que tipo de subjetividades está sendo definidas. Foi preciso, portanto, fazer uma releitura das atividades da rotina e procurar verificar que outros elementos estavam contidos nelas e que acabavam dando à rotina tanto poder na pedagogia da educação infantil. (BARBOSA, 2007, p. 39).

A rotina norteia um desenvolvimento saudável, propicia uma boa dinâmica escolar e auxilia também a família a manter a organização das atividades cotidianas, para que o conhecimento também seja aplicado nas tarefas executadas em casa.

De acordo com Piaget (1970), em sua teoria chamada “Epistemologia genética”, desde o nascimento, as pessoas passam pelas fases do desenvolvimento cognitivo. Segundo ele, os quatro estágios de desenvolvimento: sensorio, pré-operacional, operacional concreto e operacional formal são etapas que deveriam ser tomadas de forma linear e que o conhecimento era construído pelo indivíduo por meio da ação e, portanto, o ambiente e o conhecimento inato ou não influenciavam nessa evolução.

Jean Piaget (1970) defendia a ideia de que o conhecimento não existe. Ele desenvolveu muitas investigações, nas quais formaram a base do construtivismo, onde considera que a criança como um ser dinâmico interage a todo o momento com a realidade. Seus resultados são utilizados por psicólogos e que receberam e recebem diferentes interpretações.

Imagem 4 – Estágios de desenvolvimento cognitivo Piaget.



Fonte: MONTEIRO, 2022.

Observa-se, a partir dos estudos de Piaget, que o desenvolvimento infantil possui várias fases, em todas elas, a rotina escolar tem uma grande influência se mostra como uma ferramenta que demonstra indiscutível retorno, em relação as demandas de sala de aula,

além de ser fator facilitador de aprendizado, pois quando há um sequenciamento de afazeres, tudo se torna mais organizado e traz a sensação de controle, tanto ao professor, quanto ao aluno.

4.1 Desafios de Manter a Rotina no Âmbito Familiar

No âmbito escolar, a parceria que acontece entre os pais, responsáveis e os educadores, reforça a evolução do aprendizado na educação das crianças pequenas. Portanto, para o êxito desse processo, faz-se extremamente necessário o estreitamento desse relacionamento da família com a escola, para que haja continuidade das atividades propostas em sala e o feedback de ambas as partes para alinhamento da rotina. Nesse sentido, Queiroz (2011) enfatiza que:

A rotina da sala de aula deve seguir um ritual, capaz de dar à criança e à família uma visão clara de sua proposta de trabalho, como organizar uma roda de bate-papo diário para contar e ouvir histórias que retratem a realidade, o cotidiano infantil, cantar músicas que resgatem valores, retratem a importância das boas maneiras, da higiene corporal, da preservação do meio ambiente, entre outros temas relevantes à formação de cada uma delas.

O educador deve eleger as atividades do dia, considerando a arte, a educação física, a linguagem, a matemática, o inglês, enfim, todas as disciplinas, ilustrando com cartazes, enriquecendo com canções, com teatro, criando espaços de leitura e escrita aconchegantes (QUEIROZ, 2011, p. 43).

Dito isto, o educador deve criar sua rotina, analisar o ritmo de cada aluno, e planejar suas atividades de forma que complemente as necessidades de cada criança e, dessa forma, garanta a sua formação plena. Esse trabalho pedagógico é fundamental, onde o professor articula o cuidar e o educar, fornece incentivos eficazes para a formação da sociabilidade desse aluno.

As necessidades biológicas, psicológicas, sociais e históricas de cada criança, principalmente nos primeiros anos, precisam ser consideradas na hora do planejamento da rotina na escola e em casa, devido a sua relevância, para a melhor adaptação do aluno. Sobre as estruturas familiares e sociais, e a importância de estas serem levadas em consideração pelo educador, Queiroz (2011) preleciona que:

À estrutura familiar mudou e atualmente muitas crianças crescem em lares monoparentais, onde aprendem a conviver apenas com a mãe ou o pai, outras, ainda, ficam sob a tutela de avós, tios, tias etc. Mas algo é certo: todas as crianças precisam de um lar onde possam se sentir seguras, tendo as necessidades básicas de amor, alimentação, mora dia e vestimentas supridas, bem como uma educação pautada em valores para se tornarem futuras cidadãs éticas e participantes ativas da sociedade. O educador deve estar atento aos diversos modelos familiares de seus alunos, ou seja,

aos alunos que pertencem às famílias funcionais e às monoparentais, para atender às expectativas e conhecer o estado emocional de cada um deles. O educador deve instruir, orientar, motivar e nutrir, sem viés, as crianças nesse atual sistema social. Deve ser sensível e prestar também atenção à diversidade cultural dos alunos dentro da sala de aula (QUEIROZ, 2011, p. 48).

A família é a primeira ligação da criança com a sociedade, é o elo com as conexões iniciais de aprendizado sobre a vida, mas não é o bastante. É necessário o convívio sadio com outras instituições sociais, como a escola, onde essa criança consiga interagir com crianças da mesma idade e que apresentam distintos comportamentos e diferentes experiências.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Rotina proporciona a autonomia infantil tanto na escola como no seu dia a dia. Ao longo desta pesquisa foi possível perceber que a inserção da rotina influencia no ensino na educação infantil e, sobretudo, sua real relevância nesse processo. As escolas têm o hábito de priorizar a aplicação da rotina na educação infantil, muitas vezes, usam como instrumento de organização e planejamento e pode ser um lado positivo no auxílio da programação diária.

Ao analisar estudos sobre a aplicação da rotina no ambiente escolar, viu-se claramente a sua importância e a eficácia de sua utilização como um instrumento pedagógico. A rotina permite um maior rendimento no aprendizado, por diminuir a ansiedade da criança e promover a sensação de segurança, gerando um conforto no ambiente em sala de aula. Quando bem planejada é reconhecida por diversos estudiosos da área educacional, como o ponto fundamental para um bom aproveitamento das atividades em classe.

Através deste trabalho, compreendeu-se que a rotina é flexível e colabora para que o educador possa atuar de forma assertiva junto aos imprevistos que tendem a acontecer. Entretanto, é necessário que tenha impacto positivo na vida acadêmica da criança e o planejamento como instrumento indispensável na construção do desenvolvimento cognitivo, pode ser encontrado também na pedagogia.

Entendeu-se que, o planejamento curricular é uma atividade que busca a colaboração de diversas disciplinas o que favorece o processo de ensino, pois idealiza todas as atividades que o educando irá realizar sob a orientação da escola para atingir os fins da educação. Contribui também positivamente no âmbito escolar, ajudando o professor a organizar seu tempo, frisando no que realmente é necessário para a aprendizagem significativa das crianças, ampliando e reformulando seus limites.

Contudo, após os estudos das pesquisas relacionadas à temática, compreendeu-se que a rotina pedagógica, de fato, é uma importante ferramenta para o processo de desenvolvimento infantil, visto que, sem a sua aplicação fica inviável obter um bom rendimento escolar dessas crianças que estão nas primeiras fases de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. C. S. Por amor e por força: rotinas na educação infantil. Publicado em 2007. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788536316840/>>. Acesso em: 27 set. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998. v. 1. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf>. Acesso em: 29 set. 2022.

BRASIL. Referencial Curricular. Rede municipal de Juiz de Fora – MG, 2021. Disponível em: <https://www.pjf.mg.gov.br/secretarias/se/escolas_municipais/curriculos/arquivos/2021/educacao_infantil.pdf>. Acesso em: 29 set 2022.

COMAR, S. E. Processos Psicológicos Básicos. Info Escola. Publicado em 2022. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/psicologia/processos-psicologicos-basicos/>>. Acesso em: 18 set. 2022.

FRANCISCO, M. A. O.; BRAGAGNOLLO, R. M. O planejamento na educação infantil: um estudo sobre o olhar docente na elaboração deste documento. Publicado em 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ifsc.edu.br/bitstream/handle/123456789/1813/ARTIGO%20-%20Mirian%20Alves.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 3 set. 2022.

GOMES, P. Dicas para criar uma rotina diária. Organize na Prática. Publicado em 2022. Disponível em: <<https://organizenapratica.com.br/o-que-e-rotina/>>. Acesso em: 27 set. 2022.

HORN, M. G.; FOCHI, P. S. A organização do trabalho pedagógico na educação infantil. Foz do Iguaçu, 2012. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/otp_educacao_infantil.pdf> Acesso em: 3 set. 2022.

IDEIAS E PALAVRAS. Rotina para Creches 24 Fichas | Educação Infantil. Publicado em 2022. Disponível em: <<https://www.ideiasepalavras.com.br/produto/rotina-para-creches/>> Acesso em: 29 set. 2022.

JESUS, D. A. D.; GERMANO, J. A importância do planejamento e da rotina na educação infantil. Publicado em 2013. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/jornadadidatica/pages/arquivos/II%20Jornada%20de%20Didatica%20e%20I%20Seminar%20de%20Pesquisa%20do%20CEMAD%20-%20Docencia%20na%20educacao%20Superior%20caminhos%20para%20uma%20praxis%20transformadora/A%20IMPORTANCIA%20DO%20PLANEJAMENTO%20E%20DA%20ROTINA%20NA%20EDUCACAO.pdf>> Acesso em: 3 set. 2022.

MONTANHER, V. L. P. Rotina infantil em casa: desafios. Brasil Escola. Disponível em: <<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/rotina-infantil-em-casa-desafios>>.

htm> Acesso em: 25 set. 2022.

MONTEIRO, F. Estágios de desenvolvimento Segundo Piaget. Publicado em 2022. <<https://www.drafernandamonteiro.com.br/fase-de-desenvolvimento-cognitivo-segundo-piaget/>> Acesso em: 13 set. 2022.

PIAGET, J. Epistemologia Genética. Petrópolis: Vozes, 1970.

OLIVEIRA, M. M. C.; PILATTI, V.; FERREIRA, E. P. Rotina, conceito e importância para a educação infantil. Publicado em 2019. Disponível em: <<https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/siepe>> Acesso em: 29 set. 2022.

QUEIROZ, T. D. Manual Pedagógico. Do educador da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental. São Paulo: Rideel, 2011.

SCHIRMANN, J. K.; MIRANDA, N. G.; GOMES, V. F.; ZARTH, E. L. F. Fases de desenvolvimento humano segundo Jean Piaget. Publicado em 2019. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA9_ID4743_27092019225225.pdf>. Acesso em: 13 set. 2022.

SOUZA, I. L. S. F. Educação infantil e rotina pedagógica. Publicado em 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA9_ID3720_04082020212415.pdf>. Acesso em: 25 set. 2022.

SOUZA, J. M.; VERÍSSIMO, M. L. R.. Desenvolvimento infantil: análise de um novo conceito. Publicado em 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rlae/a/37zgmVWz6vbm9YbBGTb5mbB/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 13 set. 2022.

VIEIRA, I. C. C. Rotina escolar: recurso pedagógico ou mero divisor de tempo e espaço. Publicado em 2018. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_MD1_SA9_ID3020_09082018231733.pdf> Acesso em: 29 set. 2022.

Desafios da Aprendizagem Inclusiva: Trabalhando os sentimentos e a família silábica da letra M com os alunos com autismo (TEA).

¹Edna Maria Correa dos Santos, Claudeneide Silva Soeiro

²Jaciane Ferreira Louzeiro

³Larissa Garcia da Silva

⁴Maria Lívia Santiago de Sousa Germano

⁵Livia Mariana Costa

⁶Shirley Ribeiro Carvalho

⁷Luce Malba Campos Rodrigues

INTRODUÇÃO

Com a responsabilidade de pensar estratégias de intervenção e aprendizagem para portadores do Transtorno do Espectro Autista (TEA), resolvemos dar destaque a algo pelo qual até as crianças neurotípicas têm dificuldades, que são os sentimentos. A compreensão dessa temática envolve uma autorreflexão, um autoconhecimento, por isso compreendemos sua importância e complexidade para cabeças tão jovens que ainda estão formando suas experiências para então relacionar um ato a um sentimento. Pensando nisso, sugerimos uma abordagem de forma bem lúdica para ser trabalhado com crianças do 1^a Ano do Fundamental. Essas atividades seriam trabalhadas durante a semana, tendo como culminância o uso do recurso “Trilha da Aprendizagem”, que serve também de evidência para comprovação da compreensão da temática.

OBJETIVO

É preciso entender as nuances quando se trata das aprendizagens de um aluno com autismo (TEA). É sabido que o espectro possui variações e que essas especificidades são desafios para o professor mediador desse processo, como bem coloca a psicóloga Janaína Gaspar (2020, p.01): “Como o autismo é um transtorno do espectro, cada pessoa tem um conjunto distinto de pontos fortes e de desafios, assim como todos nós na verdade. As maneiras pelas quais as pessoas com autismo aprendem, pensam e resolvem problemas podem variar de altamente funcional a severamente desafiadores”.

Neste sentido, ao final desta abordagem pretende-se alcançar a compreensão dos sentimentos, que é um dos pontos de maior dificuldades dos indivíduos que apresentam autismo (TEA), simultaneamente trabalharemos a família silábica da letra M (ma, me, mi, mo, mu). Como mencionado anteriormente, pensamos numa abordagem a ser trabalhada em

¹ Aluna do Curso de Pedagogia da Faculdade Laboro.

² Aluna do Curso de Pedagogia da Faculdade Laboro.

³ Aluna do Curso de Pedagogia da Faculdade Laboro.

⁴ Aluna do Curso de Pedagogia da Faculdade Laboro.

⁵ Docente da Faculdade Laboro.

⁶ Docente da Faculdade Laboro.

⁷ Docente da Faculdade Laboro.

sala durante a semana, com sua culminância com a “Trilha da Aprendizagem”. O jogo é uma ferramenta que será exposto para os alunos, utilizado do seguinte modo: Com a quantidade de alunos presentes na turma, o jogo iniciará com a trilha exposta no chão, onde possui início e fim, é possível avançar as casas da trilha através de perguntas em 20 cartas e um dado para identificar o número de casas à avançar. O jogo proporciona perguntas direcionadas aos quatro níveis da alfabetização com adaptação para os alunos com autismo (TEA), com demonstrações através de imagens dos personagens do filme “Divertida Mente” (julho de 2015) para desenvolver as emoções.

CONCLUSÃO

Com base no que foi apresentado; espera-se ao final deste trabalho, que os alunos (especificamente os alunos com TEA) consigam identificar e expressar suas compreensões sobre o tema, serão feitas perguntas sobre os sentimentos e sobre a família silábica do M, para que sejam verificadas as habilidades: (EF15LP09) Expressar-se em situações de intercâmbio oral com clareza, preocupando-se em ser compreendido pelo interlocutor e usando a palavra com tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado e (EF01LP07) Identificar fonemas e sua representação por letras, trabalhando então as Práticas de Linguagem destacadas na BNCC, que são a “Análise linguística/semiótica (Alfabetização) e Oralidade”.

REFERÊNCIAS

GASPAR de Abreu Janaina. As nuances do Autismo. Disponível em: <<https://www.imeong.com.br/post/as-nuances-do-autismo>>. Acesso em: 26/11/2022. BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 26/11/2022>



LABORO
ENSINO DE EXCELÊNCIA